REGINA MARIA DE CARVALHO ERTHAL

Atrair e Pacificar:
A Estratégia da Conquista

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO

1992

INDICE

AGRADECIMENTOS IV

RESUMO VII

RELAÇÃO DE MAPAS VIII

CAPITULO I: INTRODUÇÃO

. Algumas pistas para se trabalhar o tema 7

. A consolidação do modelo 25

. Uma proposta alternativa 32

CAPITULO II: O ENCONTRO COM GOMES CARNEIRO:

AS ORIGENS DE UMA PRATICA

. Telégrafo: justiça, comércio e crescimento moral 52

. Os Bororo do Rio São Lourenço 58

. Os fazendeiros, os camaradas, os índios 63

CAPITULO III: A COMISSÃO CONSTRUTORA DE LINHAS

TELEGRAFICAS ESTRATEGICAS DO MATO-GROSSO AO AMAZONAS

. A Primeira Expedição - 1907 78

. A Segunda Expedição - 1908 88

. Os seringueiros 97

. Os índios "guerrilheiros" 103

CAPITULO IV: A TERCEIRA EXPEDIÇÃO:

O GRANDE RECONHECIMENTO

. A "zona despovoada" 119

. De novo os seringueiros 128

. Os Resultados do Reconhecimento 133

. O vazio de controle 139

CAPITULO V: DAS MANEIRAS DE SE REALIZAR A ATRAÇÃO:

O METODO DE PACIFICAÇÃO

. Os "meios" para a civilização dos índios 149

. Brandura, constância e sofrimento 159

. O posto avançado da conquista 168

. Atrair e pacificar: uma fórmula não tão inédita 175

CAPITULO VI: O OESTE PAULISTA

. Os combates 189

. Os ataques dos índios. A tese

da legítima defesa 205

. A violência da guerra 211

CAPITULO VII: A ATRAÇÃO KAINGANG

. O traçado da Estrada 221

. O plano 231

. Os resultados da pacificação.

O SPI cumpre o seu papel 248

BIBLIOGRAFIA 261

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aqueles que com sua ajuda tornaram possivel a realizacão deste trabalho enquanto projeto academico.

Em relação ao Museu do Indio, local privilegiado desta pesquisa, devo fazer um agradecimento amplo que abarque todos os seus funcionarios. Com eles convivi em um período muito interessante de minha vida, quando da formação do Centro de Documentação Etnológica (1977/79). Algumas pessoas, no entanto, foram fundamentais para a realização do levantamento de material.

Na Biblioteca "Curt Nimuendajú" sou especialmente grata à ajuda da competente bibliotecaria Maria de Pompéia Araújo Lima e seu auxiliar Carlos Roberto Dantas. Carlinhos, minucioso no trato com os "seus" livros nunca deixou sem resposta os meus pedidos.

No Centro de Documentação Sheila Sá, companheira, acompanhou de perto a pesquisa ingrata nos microfilmes. A Carlos Augusto Rocha Freire, atual Coordenador do Centro, quero agradecer pela leitura amiga, ao mesmo tempo critica, de uma primeira versão do que se transformaria nos capítulos II, III e IV.

No Museu Nacional foi fundamental o apoio de Tânia Lucia Ferreira Soares e das bibliotecárias Maria Isabel Moreira Pinto e Cristina Coimbra.

Graças a uma bolsa do CEPG (Conselho de Ensino para Pós-Graduados) pude contar com um período de financiamento para o trabalho.

No PETI (Projeto de Estudos sobre Terras Indígenas no Brasil) junto a Antonio Carlos de Souza Lima, Durandyr Carvalho Leite, Lucy Paixão Linhares e Ana Lucia Lobato, este trabalho, uma proposta até então dispersa, teve o seu primeiro encaminhamento na forma de um projeto de pesquisa. A Antonio Carlos especialmente quero agradecer a sólida orientação neste período e pelo inspirado título desta dissertação. Ao PETI quero também agradecer a ajuda material que viabilizou a reprodução dos documentos microfilmados do Centro de Documentação Etnológica (MI).

No CEDI (SP) fui gentilmente recebida para pesquisa em seus arquivos, quando ainda tentava delimitar os limites do trabalho.

A convivência com Lucy Paixão Linhares durante os dois anos em que estivemos a frente do Projeto de Saúde Ticuna serviram não somente para solidificar uma amizade formada na solidariedade especial dos tempos de lutas idealistas, mas também no sentido da contribuição das discussões sobre as nossas respectivas dissertações, apesar da distância entre os temas desenvolvidos.

Ao professor João Pacheco de Oliveira Filho, orientador do curso e da dissertação, agradeço a leitura crítica e segura.

Aos meus irmãos Ricardo e Renato devo o acesso técnico ao computador, sem o qual este trabalho teria sido bem mais penoso. Ao Renato especialmente agradeço a sua atenção não só pela edição cuidadosa que realizou, mas pelos ensinamentos e incentivo.

A minha família maior (meus muitos irmãos e irmãs, mãe, pai e sogra) agradeço o cuidado e carinho que dispensaram às minhas filhas neste longo período de ausência.

As minhas filhas, Juliana e Renata, agradeço o grande carinho e a paciência possível com uma mãe pouco disponível, mas nem por isso menos atenta.

Meu carinho maior ao meu companheiro Ernesto, todo o tempo preocupado em viabilizar a realização deste trabalho, não apenas como financiador de grande parte do meu tempo, mas também com a sua presença, ponto de equilíbrio necessário à fragilidade de quem se exclui e expõe ao mesmo tempo.

RESUMO

Esta dissertação se propõe a, através do caso dos índios Kaingang do oeste paulista, pensar as práticas de contato do órgão de proteção.

Uma leitura interessada no entendimento do processo de construção das representações por sobre as ações de pacificação realizadas pelo Serviço de Índios remete necessariamente a uma revisão das práticas concretas dos seus agentes legítimos junto aos Kaingang paulistas, na medida em que a realização deste contato, pela extensão de suas dificuldades e pelas expectativas que gerava, termina por se constituir, através dos textos de divulgação, na comprovação prática da eficácia do "método pacífico" formulado por Rondon.

RELAÇÃO DE MAPAS

1. Mapa das Expedições realizadas por Cândido Rondon. In: Motta, 1979. Sem indicação de fonte.

2. Carta do Noroeste de Matto-Grosso (Rondonia). In: Magalhães, 1941.

3. Schema demonstrativo das posições relativas dos rios Anary, Machadinho, Jarú, Gy-Paraná etc. Magalhães, 1941.

4. Carta Itinerária da viagem pelo Sertão realizada por Cornélio Schmidt em 1904. In: Schmidt, 1961.

Capítulo I:

Introdução

O ponto de partida deste trabalho remonta à elaboração de uma cronologia do Serviço de Proteção aos Indios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), a partir de documentos que explicitassem a sua organização administrativa, os agentes nela envolvidos, suas relações hierárquicas, as alianças estabelecidas pelo órgão com outras instituições na realização de projetos conjuntos. (Erthal, 1983)

A pesquisa documental foi realizada a partir dos acervos pertencentes ao Centro de Documentação Etnológica do Museu do Indio e da Biblioteca desta mesma instituição. O fato da documentação do Centro ter sido selecionada, na sua formatação inicial, a partir de uma perspectiva que definia como de pouca importância aqueles documentos com um cunho precipuamente administrativo (Moreira Neto, 1979; Menezes, 1978), fez com que a citada cronologia pudesse alcançar pouco rendimento nesta área, mas se mostrou bastante lucrativo no sentido da coleta de um material que cobria o cotidiano das ações de ponta do Serviço de Proteção.

A leitura de uma massa expressiva de material fez aflorar o tema da atração e pacificação de grupos hostis que permeava a própria condição de criação e existência do SPILTN. Desta temática se constituiu o projeto apresentado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em 1986 (Erthal, 1986), onde foram formulados os limites desta pesquisa e esboçada a sua base teórica. A não viabilização do financiamento da pesquisa fez

com que o projeto tivesse que ter o seu andamento, neste momento, reduzido à coleta do material bibliográfico junto ao Centro de Documentação Etnográfica e Biblioteca do Museu do Índio, na medida das possibilidades de sua realização enquanto trabalho paralelo àquele realizado como pesquisadora do Projeto de Estudos sobre Terras Indígenas no Brasil (PETI), Museu Nacional.

Mais tarde o projeto se desenvolveu contando com o apoio de dotação do Conselho de Ensino para Pós-Graduados (CEPG - UFRJ) que previa, junto ao trabalho de início de elaboração do material já recolhido para a dissertação, o gerenciamento, em conjunto com a antropóloga Lucy Paixão Linhares, do "Projeto de Formação de Monitores de Saúde da Tribo Ticuna" (AM). (1)

Trabalhar com o acervo documental do Centro de Documentação que, basicamente, se constitui de cartas, telegramas, relatórios e ordens de serviço, que noticiam as práticas e ações concretas do SPILTN aponta para a constituição de um conjunto de dados com função crítica em relação às representações do processo de pacificação geradas por este aparelho de Estado e cristalizadas através da produção de modelos explicativos da ação do mesmo.

A história de fundação do SPILTN em 1910 tem como um dos seus pontos básicos a discussão que se instaura a partir do final do sec.XIX sobre qual deveria ser a posição do Estado com relação aos índios que se tornavam um

---

(1) Bolsa para pesquisador nível "C", nos períodos de agosto/1988 a julho/1989 e agosto/1989 a julho/1990.

obstáculo à expansão da fronteira economica rumo ao interior do país.

O impasse se colocava entre a necessidade de se obstar uma ação concreta de exterminio que já se vinha realizando através de agentes especialmente contratados pelos colonos e empresas que tentavam se estabelecer nos limites dos territórios indígenas, e que começava a repercutir de maneira negativa nos fóruns acadêmicos internacionais (Stauffer, 1955), e a ação dos missionários catequistas cujos métodos não vinham apresentando resultados satisfatórios junto às tribos em processo de conflito aberto.

Entre a oposição catequese/exterminio vem a se colocar a posição da proteção leiga, liderada pelo então Tenente Cândido Rondon, que propunha o estabelecimento de relações pacíficas com as tribos hostis, ou seja, a aproximação com aqueles grupos que eram considerados intratáveis sem os atingir fisicamente. (Vasconcelos, 1939)

Fortalecendo a posição de Cândido Rondon havia o fato de tendo sido ele o chefe da Comissão de Linhas Telegráficas, na tarefa de realizar o levantamento das regiões do Mato Grosso por onde passariam os fios do telégrafo, atravessara o território de diversos grupos indígenas sem tê-los hostilizado, mesmo quando agredido.

Rondon seria, então, aquele elemento capaz, como já o havia demonstrado pela sua prática anterior de contato com grupos indígenas hostis, de dirigir o órgão de proteção

e assistência que o Governo Federal pretendia instalar para fazer cessar um estado de guerra entre sociedade nacional e nações indígenas, naqueles estados onde se expandiam as fronteiras econômicas.

A partir da fundação do SPILTN temos a produção de uma série de textos que, partindo daquele grupo de oficiais militares que faziam parte do que ficou conhecido como o "grupo rondoniano", tinham como função principal divulgar o trabalho da instituição, organizando os princípios de um saber específico sobre os índios (Foucault, 1984 (b)), que procura demarcar seu lugar em oposição ao saber produzido na academia (ou em algumas instituições acadêmicas) e às práticas missionárias.

Esses textos procuravam ressaltar as práticas diferenciais do SPI frente a grupos indígenas hostis através do relato, alguns, da experiência pessoal de Rondon como chefe da Comissão de Linhas (Magalhães, 1941 e 1942; Magalhães & Barbosa, 1916) e outros da atração da tribo Kaingang (Barbosa, 1923 e 1947; Bandeira, 1926; Vasconcelos, 1939) que se tornou modelar, já que a sua realização representava a razão mesma da instalação de um serviço de proteção, mas o sucesso da operação, junto a outras tribos, justificava a sua continuidade e manutenção de suas verbas. Os relatos sobre o processo de atração dos índios Kaingang paulistas se tornaram peça chave na construção da história mítica de criação do SPILTN, na medida em que reuniam todos os elementos necessários para a demarcação de oposições com

os setores em luta pela hegemonia do saber sobre os índios e possibilitavam a criação de uma história da atuação exemplar do órgão protetor.

Essa história continha alguns elementos fundamentais na constituição de um espaço específico para o SPI. Em 1901, respondendo a um apelo do governo do estado de São Paulo, o padre Claro Monteiro do Amaral tenta a pacificação dos Kaingang e é morto nesta tentativa. Este fato é aproveitado por aqueles setores que defendiam uma ação de força contra os índios, para classifica-los como ferozes.

O diretor do Museu Paulista, Herman von Ihering, vai propor (Stauffer, 1955) uma ação de força do governo federal no sentido de defender aquelas populações de imigrantes que, tendo se estabelecido no sul do país, estariam sofrendo constantes e violentos ataques de índios. Uma onda de protestos se levanta contra as chamadas "idéias materialistas" deste cientista alemão que defendia as populações de imigrantes contra os legítimos donos das terras, receitando para eles o extermínio.

Não importa saber, neste momento, de tal ou qual forma morreu o Padre Claro ou se von Ihering teria feito realmente a apologia do extermínio ou não. O que se quer ressaltar é apenas a importância desses dois itens na constituição de uma versão que pretende colocar o SPI numa posição diferenciada daquelas instituições (Igreja, Instituições científicas) que estariam formulando propostas

de ação junto a tribos indígenas e especificamente sobre tribos hostis.

No final do ano de 1909, retorna Rondon ao Rio de Janeiro e apresenta, através de conferências e textos de divulgação o resultado da travessia que realizara pelos territórios dos índios bravios do sertão do Mato-Grosso. Rondon, dentro da perspectiva dos divulgadores dos trabalhos da Comissão, já voltava ungido por um saber, fruto de uma prática diferenciada que juntava a firmeza, autoridade e desassombro da postura militar (que faltava ao clero), com a brandura e o sentimento de justiça (que faltava ao evolucionismo do cientista alemão) de modo a ver no índio o elemento espoliado, merecedor da oportunidade de evoluir do estado fetichista em que se encontrava para o estado positivo, quando então se dissolveria na nacionalidade para ela contribuindo com os atributos de altivez e força de sua raça.

Toda essa discussão desemboca no convite do Ministro da Agricultura a Cândido Rondon para a chefia do SPILTN, tendo a instituição recebido como primeira tarefa a pacificação dos índios Kaingang do oeste paulista. Era esse grupo indígena que neste momento monopolizava as atenções e se tornava mesmo o centro do debate na medida em que, com a sua resistência guerreira, paralizava um dos maiores empreendimentos de penetração rumo às terras ditas "desconhecidas" do estado, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Algumas pistas para se trabalhar o tema

Apesar do processo de pacificação se constituir na ação principal do SPILTN no momento de sua criação, poucas monografias tornaram o tema objeto central de sua pesquisa.

Selecionou-se então, alguns trabalhos que tendo como tema central a criação do SPILTN (Lima, 1985 e Gagliardi, 1985) ou a violência ocasionada pelo desenvolvimento de relações capitalistas na região oeste de São Paulo (Tidei Lima, 1978 e Borelli, 1984), apesar de tratarem de maneira subsidiária o processo de pacificação dos Kaingang paulistas, servirão de apoio para a constituição de um quadro mais geral que informe a análise específica a que este trabalho se propõe.

O trabalho de Gagliardi (1985), preocupado em analisar as origens da política indigenista republicana e as condições históricas que permitiram sua institucionalização, vai centrar a sua pesquisa nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, já que seriam essas as áreas onde a expansão do capitalismo se fazia de maneira mais vigorosa, principalmente a partir do final do século XIX.

Para investigar as "origens da política indigenista", o autor remonta à Carta de Caminha e parte daí historiando as relações entre índios e brancos no período imperial e na República, onde, segundo ele, tornam-se mais tensas a partir do desenvolvimento do capitalismo. Toda a

polêmica em torno da criação do SPILTN vai ser revista através da participação de cada grupo social no embate. Serão relacionadas posições, programas, entidades, etc, acompanhando a análise de Stauffer. (1955)

A história das expedições da Comissão Rondon será apresentada como apoio para a localização das transformações capitalistas no interior da sociedade brasileira (o telégrafo e a ocupação de Mato-Grosso, crescimento da produção agrícola) e o nascimento de um novo método de tratamento para as sociedades indígenas, através da experiência concreta de Rondon.

Para Gagliardi, no entanto, Rondon representaria o ponto de encontro de interseção entre uma proposta humanitária de ação junto às comunidades indígenas e os objetivos do Estado de abrir os territórios indígenas a exploração capitalista, tornando essas terras produtivas. Apesar de saber que as Linhas Telegráficas estariam abrindo as portas do sertão e criando condições para o seu povoamento, Rondon esperava do Estado uma proteção especial para as sociedades indígenas, em atraso no seu processo evolutivo.

> "Por confiar ingenuamente nos dogmas de uma filosofia que procurava eternizar a sociedade burguesa, Rondon não conseguiu perceber as contradições da sociedade em que vivia. Não poderia imaginar que as relações econômicas que

estavam penetrando o sertão, em breve transformariam o índio num produtor de valores, e os animais, vegetais e minerais e a terra, em mero veículos do valor criado. Nem poderia pensar que essas relações econômicas eram sustentadas juridicamente pelo Estado, e que a função do Estado é dar proteção ao capital."(Gagliardi, 1985:162/163)

O autor propõe a existência de um hiato entre uma ação supostamente pura e benéfica de Rondon e os objetivos escusos de uma sociedade capitalista que estaria se utilizando de sua pessoa e sua ingenuidade quanto ao processo que se desencadeava naquele momento. O que veremos adiante porém é que longe de querer defender os índios da ação do desenvolvimento, permeava a ação da Comissão Rondon um projeto civilizador que propunha tornar produtivas não somente aquelas terras tidas até então como "inexploradas" mas também exercer um controle sobre a sua população, nela incluída os índios.

Chamado a chefiar o SPILTN pelo Ministro da Agricultura Rodolfo Miranda, que "ingenuamente" acreditava ser possível diminuir a distância que separava o indígena do colonizador através de um decreto (Op. cit.:186), Rondon apresenta o programa que considerava mais adequado para incorporar o índio à sociedade ocidental.

Neste programa Gagliardi vê uma contradição

evidente: "propunha que os povos indígenas fossem tratados como nação, ao mesmo tempo em que deixava aberta a possibilidade de interferir na sua soberania territorial, transferindo-os do seu espaço natural, para outro concedido pelo governo". (Op. cit:189)

Para o autor essa contradição é reflexo direto da ambivalência de compromissos enfeixada na figura de Rondon. Como positivista pregava ele uma "obediência rigorosa ao altruísmo" e como militar " estava subordinado ao sistema de poder que o colocara à frente da expansão capitalista para o Oeste". (Op.cit.:189)

A leitura que fazemos adiante vai procurar desmontar essa aparente contradição. As terras para as quais são transferidos os indígenas deveria lhes dar, segundo proposta de José Bonifácio aperfeiçoada pelo positivismo, a oportunidade de aprender um novo método de lidar com a natureza que não aquele que o fazia apenas coletor dos bens que esta lhe apresentava. Para evoluir o índio teria que aprender a viver em um pedaço de terra menor, deixando de lado as facilidades do sistema de coleta, aprendendo a realizar uma economia de aproveitamento intensivo de seu novo território.

A instauração do órgão protetor é vista por Gagliardi como o resultado de um processo desencadeado por quatro "componentes essenciais": "a atuação dos positivistas em defesa dos povos indígenas, os trabalhos da "Comissão Rondon", o idealismo republicano e a forma política que a

classe dominante adotou para o Brasil." (1985:210)

Apesar do SPI representar a fórmula de controle das populações indígenas que assegurava a continuidade do desenvolvimento capitalista, a sua instauração não elimina de imediato as diversas correntes em disputa na sociedade nacional pelo poder de ditar regras sobre eles.

A prática indigenista do SPILTN representada pela sua tarefa imediata de contatar grupos arredios, só teria tido o seu êxito assegurado, segundo a visão do referido autor, pela reunião de alguns fatores: uma estratégia de ação desenvolvida através da experiência da Comissão Rondon; os agentes, militares, formados pelo cotidiano das lutas do sertão e pela filosofia positivista; e a direção do órgão nas mãos de Cândido Rondon.

A história da pacificação dos grupos indígenas é a configuração prática dos princípios pelos quais Rondon, a frente da Comissão de Linhas e como Diretor do SPILTN, tanto havia lutado. As pacificações seriam na verdade aplicações concretas não só de técnicas que viabilizariam um contato, mas também dos componentes ideológicos que norteavam essas mesmas práticas.

Os relatos de pacificações não podem, por isso, fugir à seqüência das "atrações exemplares": Bororo, Nhambiquara, Kaingang, Xokleng. Todos esses relatos são construídos a partir de textos reconhecidamente destinados, certamente em momentos distintos, a divulgação e propaganda

do SPI (2), repetindo assim o autor as interpretações consagradas de seu mito de criação. (Oliveira Filho & Lima, 1983)

Aprofundando a análise da questão do avançamento do capitalismo pelo sertão oeste de São Paulo, o trabalho de Tidei Lima (1978) convergirá sempre para as frentes de luta que são abertas entre índios e sociedade nacional pela violência mesma do processo de expansão capitalista que não admite a resistência que lhe fazem aquelas comunidades baseadas numa economia natural, voltada para a subsistência.

> "Tal formação, voltada basicamente para a subsistência na perspectiva da expansão do capitalismo, veda a este, liminarmente, qualquer expectativa de utilização dos mecanismos dessas comunidades para efeito da exploração de sua força de trabalho." (Tidei Lima, 1978)

Dentro deste quadro de análise tenta-se demonstrar o "estado de guerra" desencadeado na região pela força da necessidade de implantação do capitalismo. Se de início essa guerra se dava de maneira pontual, com a ação de bugreiros contratados por colonos, a partir da Lei de terras de 1850, que concentra a propriedade em poucas mãos e o desenvolvimento de projetos mais estruturados de penetração (Estrada de Ferro Noroeste), a ofensiva se torna

---

(2) Viveiros, 1958, Magalhães & Barbosa, 1916, Bandeira, 1926, Barbosa, 1947 e 1954.

sistemática, sendo a violência gerada proporcional à dimensão dos interesses em jogo e à urgencia de sua consolidação.

A resistência dos índios se faz presente pela adoção de táticas classificadas como próprias do sistema de guerrilhas (Morais Filho, 1951), emboscadas e retiradas sucessivas., mas já em 1908 o "braço armado da ocupação" (o bugreiro) vai surpreendê-los em suas aldeias.

Em 1909 o governo do Estado reinicia os trabalhos de discriminação das terras devolutas, principalmente em face "do grande desenvolvimento que se manifestou na zona hoje atravessada pela E.F.N.B.".(Tidei Lima, 1978:171)

Em contraposição ao estado de guerra descrito anteriormente, o autor apresenta a criação do SPI como veículo da "pacificação". A história de criação do serviço é mais uma vez contada de forma simplificada e sociologicamente ingênua, baseada principalmente nos dados de Stauffer (1955) e na leitura providencial dos textos de Luiz Bueno Horta Barbosa. (3)

Segundo Barbosa (1954) a ação do Serviço não teria sido maléfica para os índios se o mesmo pudesse estar equipado com pessoal e dispondo de verbas e terras. Neste Relatório (referente ao ano de 1916) Horta Barbosa lamenta a falta de "terras próprias" e verbas para a manutenção dos serviços iniciados numa área tão vasta como fator decisivo para a decadência da tribo Kaingang. Por outro lado, no

---

(3) Luiz Bueno Horta Barbosa foi um dos maiores ideólogos do SPI e seus textos são a reprodução mais elaborada da história mítica de criação deste Serviço de Indios da época.

mesmo relatório, afirma que graças a ação do SPI e o "sucesso de seu método" já agora os índios tinham uma vida "mais tranqüila".

Tidei Lima contrapõe a posição "idealizadora" do pessoal do SPI com a posição do Estado de "utilização" de um serviço capaz de viabilizar a expansão econômica exigida pelo capital.

Após a pacificação dos Kaingang a Câmara de Bauru (SP) vota uma moção de louvor ao Serviço de Índios que com o seu trabalho teria liberado para um real aproveitamento terras e riquezas do sertão paulista.

Após a pacificação dos Kaingang valorizam-se sobremaneira as terras do sertão paulista (Barbosa, 1954:67) mas o Senador Luiz Piza, também grande proprietário da região, consegue ser o porta-voz daqueles setores que ansiavam pela resolução do problema indígena:

> "O serviço organizado pelo Governo Federal, atraindo para pontos determinados os índios, levando-os ao conhecimento da nossa civilização, dos elementos de força de que dispomos, demonstrando a ineficácia por parte deles de qualquer traição ou surpresa, tem dado resultado completo como nunca a catequese religiosa deu até hoje ..." (O Estado de São Paulo. S.P., 30 dez., 1913.)

Também preocupado com o que chama de "violência deliberada" resultado do choque entre a expansão cafeeira, "enquanto frente de expansão", e as etnias indígenas, "como entrave a esse mesmo processo", o texto de Borelli (1984) também irá tomar como exemplo concreto o encontro da sociedade nacional com os índios Kaingang de São Paulo.

Para a autora a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil tem um papel decisivo no processo de ocupação, já que consolida a conquista de territórios e acirra uma "guerra" caracterizada, de um lado por "chacinas" e caçadas" e, de outro, por "uma resistência que se transformou em luta pela defesa da própria vida". (Borelli, 1984:73)

A tese central do artigo de Borelli se desenvolve em torno da afirmação de que se por um lado, apesar dos conflitos, o processo de avanço do capitalismo na região oeste de São Paulo se efetivou independente da existência de grupos indígenas, por outro, a resistência do grupo Kaingang conseguiu ameaçar o projeto prioritário do Estado brasileiro, "retardando um processo fundamental para o desenvolvimento do capitalismo da sociedade brasileira." (Op. cit.:68)

O debate em torno da criação do SPI é reconstituído através da monografia de Stauffer (1955), chegando porém a conclusão de que o Estado, neste momento, estaria sendo pressionado tanto por instituições que objetivavam a defesa dos interesses indígenas, como por

---

"setores sociais que se beneficiavam com o desenvolvimento capitalista da sociedade nacional." (Op.cit.:76) O Estado estaria encurralado na defesa de interesses conflitantes, já que também era seu o projeto de expansão das fronteiras de colonização.

Ao colocar em foco a figura de Cândido Rondon, prefere fazê-lo através dos princípios explicitados pela prática indigenista. A autora destaca que ao ressalvar, dentro das atribuições do SPI de defesa da posse das terras indígenas a possibilidade de remoção dos índios de seu território usando "processos fraternais", estaria se caracterizando a subordinação dos interesses indígenas aos interesses gerais do país.

> "O que cabe ser equacionado é a forma como o impasse será resolvido, ou seja, sempre mediante "processos fraternais". O que está em jogo no momento de criação do SPI não é propriamente a defesa dos interesses indígenas, mas sim o direito de não serem exterminados". (Op. cit.:77)

É importante que se aproxime os textos de Gagliardi, Tidei Lima e Borelli, já que possuem em comum uma espinha dorsal de sustentação em suas análises, o que pode ser percebido por um olhar mais atento às suas respectivas indicações bibliográficas, onde os textos básicos, fontes ou

outros de caráter interpretativo, se repetem.

Os avanços feitos por uma proposta de análise que busca o entendimento das situações históricas nas suas determinações de caráter econômico são inegáveis, na medida em que põe em relevo o objetivo da empresa capitalista que se apropria dos resultados do "contato pacífico" com as tribos arredias que ocupavam extensos territórios fechados, até então, à "produção".

O que Tidei Lima e Borelli querem sobremaneira ressaltar é o caráter violento desta ocupação, dado pela violência mesma inerente a um grau de desenvolvimento do capitalismo e suas necessidades de avanço por sobre um meio de produção fundamental neste momento, imobilizado pela resistência indígena.

A percepção do encontro índio/civilizado através de sua face violenta, sugere mudanças qualitativas nas possibilidades de análise da ação do órgão especificamente criado para lidar com o "problema indígena", e localizado dentro da estrutura administrativa de um Estado expansionista. Os esquemas de raciocínio, porém, levados às últimas conseqüências, apontariam para uma inevitável aproximação entre os interesses expansionistas do Estado brasileiro e a ação concreta do SPI que, centrando sua atividade na pacificação de grupos hostis libera, com o sucesso de seu "método", as terras dos índios para o projeto capitalista. Essa colagem de interesses é percebida de maneira problemática pelos autores, que só se propõem a

formulá-la ao nível dos conceitos teóricos gerais.

Lidar com a descrição concreta da ação do SPI junto aos grupos indígenas, faz com que os autores recuem em seus avanços de análise ao nível macro de interpretação sociológica e caiam mais uma vez na falácia de tentar explicar uma "contradição" existente entre a proposta civilizadora ("expansionista") do Estado e uma atitude pacificadora ("humanista") dos agentes do SPI, marcada pelo seu caráter de excepcionalidade.

Leite e Lima apontam com precisão que, desvendar essa pretensa contradição poria fim "ao estatuto de interesse humanitário de que se reveste ainda hoje a cena indigenista cujos bastidores expostos demonstram interesses idênticos a de outros setores sociais." (Leite & Lima, 1985:16)

Localizar a base das dificuldades em que se enredam as análises anteriores, cria a possibilidade de uma nova discussão. Oliveira Filho (1987) ao tratar dos riscos que se pode incorrer nas análises históricas, chama a atenção para a constituição de "evidências" baseadas em "situações repetidas e que cristalizam um valor de prova" e significação que não possuem.

Assim é que Tidei Lima, Borelli e Gagliardi, ao fazerem uso de citações de textos com um peso dado dentro do contexto de criação de uma história oficial, comprometida com projetos políticos específicos, alinham suas análises inevitavelmente a esses mesmos projetos.

Com uma proposta de reconstituição e análise do momento de formação do campo indigenista "a partir da análise do período que se enfeixa em torno da instituição do SPILTN, em 1910", Lima (1985:9) se propõe a operar uma ruptura com a visão oficial deste processo. Apesar de estar lidando com o mesmo recorte de tempo dos autores acima citados e em parte com o mesmo material bibliográfico, esta monografia irá se precaver (atraves da qualificacão de fontes, agentes e agências em luta pelo espaço hegemônico no campo indigenista) da substituição da interpretação dos fatos pela repetição de textos canonizados.

61 Ao contrário dos demais autores que de uma maneira bastante clara assumem o que Lima chama de "visão oficial" do processo de instituição do SPILTN, é através da crítica às mesmas fontes utilizadas que se abrirá a possibilidade de uma releitura deste mesmo processo.

62 O trabalho de Lima se constrói não a partir de uma reconstituição histórica mas por sobre um enfoque sociológico que possibilita a ruptura com uma determinada representação da história da política indigenista que, repetida a exaustão, toma cunho de verdade.

63 Ao centrar a sua análise na revisão das representações em torno da formação do SPILTN, momento privilegiado na história da política indigenista, Lima o faz através da qualificação dos agentes e agências envolvidos neste momento de luta pela hegemonia do campo indigenista em

formação e da análise dos projetos ("posições") que os mesmos representavam.

Das diversas categorias em foco (etnógrafos, jornalistas, "propagandistas", juristas, políticos) a análise realizada em torno da figura do engenheiro-militar (no trabalho centrada na figura de Rondon) aponta algumas questões que podem ser reapropriadas dentro desta dissertação.

Rondon tem a sua formação, dentro da Escola Militar impregnada pela presença de Benjamin Constant, principal disseminador do positivismo que irá propor mais tarde que esta filosofia forneça as bases de definição do soldado ("cidadão armado") encarregado de "construir" a nação. Lima chama a atenção para o fato do engenheiro-militar Contando com uma formação técnica de engenheiro civil que lhe dá o conhecimento de um "construir" concreto, contaria ainda com a formação militar que lhe facultava "o exercício da violência legítima a essa construção". (Lima, 1985:423)

Dessa que seria uma das facções do Exército, sairiam os quadros mais importantes das Comissões chefiadas por Rondon. O termo "estratégico" incluído na denominação da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato-Grosso ao Amazonas vai referenciá-la a um projeto militar de defesa de fronteiras pela extensão das comunicações e povoamento do território.

Esta dissertação vai, então, lidar com as práticas

concretas de ação dos agentes envolvidos na Comissão de Linhas e com as formas especificas de representação que dela se faz, na medida em que, fazer uma releitura do processo de construção de um modelo de contato pacífico com tribos hostis, cria a necessidade de se buscar os marcos de origem colocados pelos produtores mesmos dessas representações.

Diferentemente do tom da literatura propagandistica que vem a público entre 1909 e 1910 (4) as Conferências realizadas por Rondon no eixo Rio/São Paulo (1910) procuram colocar em relevo a Comissão de Linhas enquanto força de conquista.

> "Portanto, bastante razão teve o saudoso Dr. Affonso Pena de, enfrentando o problema em toda a sua enorme complexidade, mandar atacá-lo com resolução e firmeza; bastante razão tem o illustre Marechal Presidente de ordenar <u>que se mantenham as posições já conquistadas</u> e continue a lucta para a frente até se conseguir arrebatar ao domínio do fantástico e do impossivel o ultimo palmo ainda desconhecido do torrão pátrio." (Rondon, 1922:82) (O grifo é meu)

No mais das vezes, a Comissão é representada quase que somente como "empreendimento civilizatório" (Magalhães & Barbosa 1916; Magalhães, 1941 e 1942; Viveiros 1958), de caráter científico. Para isso muito contribui a ligação da

---

(4) Penso aqui principalmente nos artigos publicados pela imprensa e que depois seriam enfeixados no livro que se chamou "Missão Rondon".

Comissão Rondon com o Museu Nacional (RJ) que ratifica o seu caráter cientifico produzindo de dentro da mesma, através de seus membros, um discurso que tem a função de respaldar a ação do Estado, validando a implementação prática de seu projeto expansionista. (Lima:295)

Alípio de Miranda Ribeiro, zoólogo do Museu Nacional participa da Comissão Rondon em parte das excursões do Grande Reconhecimento (1907 a 1909). Tanto a sua participação quanto a de outras figuras como a do etnólogo Karl Carnier dão às Expedições um estatuto de cientificidade que realçado em determinadas interpretações, procuram aproximar estas incursões basicamente militares daquelas organizadas com cunho fundamentalmente científico, deixando esquecido o seu aspecto estratégico.

Da mesma forma é do Museu Nacional que partem ações legitimadoras do próprio Rondon (5) que pretendia falar não apenas do ponto de vista "técnico" mas também da posição do "civilizador" que pensava esse processo de forma "científica".

Em moção de apoio ao estabelecimento do SPILTN a Congregação do Museu Nacional dá ao processo de civilização proposto por Rondon o seu aval, considerando-o "rigorosamente cientifico". (6)

A questão mesma de uma revisão dos métodos disciplinadores utilizados por Rondon nas diversas Comissões

---

(5) Edgard Roquette Pinto propõe para Rondon o título de membro correspondente do Museu Nacional pelos serviços prestados à pátria e à humanidade em 1909.
(6) Moção de apoio da Congregação do Museu Nacional ao estabelecimento do SPILTN. Lima, 1985:305. Citação de Relatório do Ministério da Agricultura Indústria e Comércio de 1910.(Brasil. MAIC, 1910)

de Linhas como parte de um projeto de "nacionalização" (indicado por Lima, 1985), só poderá ser verdadeiramente aprofundada na medida em que consigamos superar as representações mais interiorizadas sobre a questão da "atuação pacífica" que se faz junto aos índios neste período e, logo a seguir, no SPILTN.

Em geral, se localiza da época das Comissões de Linhas o momento privilegiado em que Rondon construíra um capital simbólico que teria lhe permitido assumir o papel de diretor do SPILTN.

> "Tal capital se referia, sobretudo, à capacidade de realizar "atrações" (estabelecer contato com povos indígenas arredios), sobretudo sob a forma de "pacificações", isto é, de vencer sem o uso efetivo da força armada, a resistência de grupos em atritos com segmentos da fronteira em expansão". (Lima, 1985:433/434)

O que se quer aqui destacar é que a ação concreta de Rondon junto aos povos indígenas neste momento específico da Comissão (de 1907 a 1909), quando de volta ao Rio de Janeiro é convidado a dirigir o Serviço de Índios, se dirige primordialmente para a realização de um "reconhecimento" que dá conta das riquezas das terras do sertão de Mato-Grosso e das possibilidades de virem a ser exploradas.

A nível da prática a constituição de um capital

simbólico que traria a legitimidade para assumir a chefia do órgão indigenista nos parece muito mais proveniente da sua comprovada capacidade em cruzar os territórios embargados pelo conflito com grupos indígenas e lançar as bases de sua ocupação. E é exatamente esta a ação que o SPILTN será chamada a realizar junto aos Kaingang paulistas.

Finalmente, não se poderia deixar de mencionar um trabalho que trata especificamente da questão do estabelecimento de relações com tribos hostis.

O trabalho de Motta (1979), se propõe a cobrir um espaço amplo de tempo (SPI/FUNAI), em busca de comprovar a continuidade de um determinado padrão de contato realizado entre os índios e a sociedade nacional.

Apesar de também chegar a discutir o processo de expansão capitalista por sobre as terras indígenas, desloca o eixo da discussão para a necessidade de se criar um "verdadeiro encontro" dos indígenas com a sociedade nacional.

O conflito índio/sociedade nacional é visto tendo por base as propostas analíticas de "frente de expansão". É problemática, porém, a forma não criteriosa de utilização dos conceitos teóricos que faz com que estes apareçam colados a uma análise apologética da atuação do SPI/FUNAI, feita pela autora. (7)

As críticas à agência de contato (seja SPI ou FUNAI) passam pela constatação de que o processo de atração

---

(7) Diana C. Garcia Motta, na época da elaboração de sua monografia era tambem funcionária da FUNAI, em Brasília.

não é tão pacifico quanto se pode imaginar. Tal percepção é dada pelo insucesso da proposta de integração do índio na sociedade nacional formulada ja pelo SPI. Motta chega a sugerir que uma "integração harmoniosa" não seria possível dado a assimetria do encontro, marcado mesmo pelo uso inadequado dos termos "pacificar" e "atrair", fornecedores de uma imagem distorcida do índio. Sugere, então, como forma de assegurar uma "posição de igualdade" ao índio no momento do contato, que se escolha para as frentes de atração uma das denominações: "frentes de contato", "frentes de aproximação" ou simplesmente "frentes da FUNAI".

A consolidação do modelo

Definindo-se como um "discipulo de Rondon" (8) e citação privilegiada em todas as monografias e textos nesta introdução apresentados, uma revisão da análise de Ribeiro sobre o processo de aproximação da sociedade nacional com os índios hostis não poderia deixar de ser feita.

A proposta é tentar recortar as formulações de Ribeiro sobre a questão do processo de pacificação que se constitui no cerne de seu projeto de apresentar o SPI como agência legítima no trato da questão indígena. (9)

Para Ribeiro (1975), a partir de um exame critico

---

(8) Para uma análise de Ribeiro, sua posição nos campos politico e intelectual, ver Lima, 1985:23/80).

(9) Estaremos trabalhando com os textos de Ribeiro, A Política Indigenista Brasileira (1962) e Fronteras Indígenas de la Civilización (1975), edição Mexicana de Os Índios e a Civilização (1970).

do SPI desde 1910, o órgão indigenista teria sido criado para resolver duas ordens de problemas: o da sociedade brasileira em expansão que precisava superar o obstáculo ao seu avanço em que se constituiram os índios: e o da população indígena que se esforçava para sobreviver a esse avanço e as novas condições de vida que este lhe imprimia. Apesar de ressaltar que apenas o primeiro problema foi plenamente resolvido, sua construção da historia do SPI vai enfatizar a capacidade do Serviço em realizar pacificações.

> "No balanço crítico do indigenismo brasileiro demonstramos que todas as tribos que se encontraram com frentes pioneiras da sociedade brasileira foram levadas à convivência pacífica, sem que um só índio fosse vitimado pelos grupos do SPI, não obstante haver caído mais de uma dezena de seus servidores nos trabalhos de pacificação.
>
> No entanto, a obra de pacificação atende mais às necessidades de expansão da sociedade nacional que aos índios. A obra de assistência, esta sim, é que atende às necessidades dos próprios indígenas. Neste campo, no entanto o SPI fracassou freqüentemente." (Ribeiro, 1975:104)

A contradição é transferida para o agente pacificador que apesar do "esforço heroico" para conseguir a pacificação, logo vê-se frustrado em seus "ideais", já que

não consegue impedir que a "convivencia pacifica" venha a significar para os índios a perda de sua autonomia.

Não pretendemos, nesta introdução, analisar a descrição que Ribeiro fará das atrações que se transformam em exemplo de atuação do SPI, já que estas se realizam através da recuperação de autores vinculados ao Serviço e cujos textos contribuíram para a construção de interpretações consagradas sobre a história do Serviço de Indios e sua atuação. São as mesmas histórias contadas por Horta Barbosa (Kaingang), Botelho de Magalhães (Comissão Rondon), Alípio Bandeira (Nhambiquara), contadas por Ribeiro através deles e pelas monografias mais recentes através de Ribeiro.

Esses relatos serão trabalhados no corpo desta dissertação, tentando encontrar novos recortes que permitam um rompimento com uma história cuja construção através de uma cadeia de apropriações das narrativas mitificadas perde seu conteúdo explicativo restando somente os exemplos que se tornam auto-evidentes.

Um primeiro rompimento com esta cadeia de apropriações pode ser dado pela busca das fontes de referência desses mesmos interpretadores que lhes deram um recorte adequado aos propósitos de seus textos. A aproximação como a produção do próprio Cândido Rondon (Relatórios de Expedições, Conferências) para o entendimento das práticas das Comissões de Linhas; a desconstrução das representações através da perspectiva dos marcos

considerados importantes nesta mesma construção: o acompanhamento da atuação prática do recém-criado SPILTN na busca de um contato diferenciado com os índios Kaingang, não somente através de documentos do cotidiano da ação do órgão mas também de textos que, referidos a situações históricas distintas (Oliveira Filho, 1986), devem ser incorporados à análise com as marcas de suas intenções particulares em cada momento (de onde se escreve, para que público); serão os caminhos percorridos desta releitura de textos dos quais se consagraram aquelas partes úteis a uma determinada construção da história.

Na segunda parte do livro "A Política Indigenista", encontra-se uma definição do processo de pacificação.

> "A pacificação é, em essência, uma intervenção deliberada numa situação de conflito aberto entre índios e civilizados, movidos uns e outros por um ódio incontido e pela maior desconfiança mútua". (Ribeiro, 1962:44)

A primeira tarefa da turma de pacificação seria a de convencer os índios de que suas pretensões ao penetrar em seu território seriam totalmente diversas dos outros brancos com os quais já havia se defrontado. Essa tarefa, segundo Ribeiro, seria extremamente dificultada pela necessidade

tática mesma de se ter que avançar por sobre o território indígena, se colocando entre estes e a frente pioneira da região a fim de "chamar a atenção dos índios e atrair a sua hostilidade".(Op. cit.:44)

As "técnicas de pacificação" já estariam desenvolvidas por Rondon a partir de suas entradas pelo sertão à frente da Comissão de Linhas e seriam as mesmas adotadas como "diretivas" do SPI em situações idênticas.

Resumindo, essas técnicas consistiriam na constituição de uma turma de trabalhadores, que seriam "esclarecidos sobre a justiça e a eficiência dos metodos persuasórios", chefiados por "homens experimentados no trato com os Indios", e auxiliados por indígenas do mesmo tronco lingüístico que fariam o papel de guias e intérpretes.

A turma se localizaria dentro do território tribal, em local ao mesmo tempo acessível aos índios e de fácil retirada para os trabalhadores nacionais e o reabastecimento de víveres e brindes.

No meio de uma ampla clareira constrói-se uma casa bem protegida, de zinco e cercada de arame farpado, para defender o pessoal dos assaltos. Planta-se uma roça que deverá servir para "atrair" os índios e para prover a subsistência da turma.

Desde os primeiros dias de sua instalação a mata mais próxima deve ser "batida", levantando-se os caminhos mais usados, as águas de servidão do grupo, suas taperas e abrigos onde serão colocados presentes (facas, machados,

foices, tesouras, terçados, missangas e outros brindes).

Descoberto o "Posto" pelos índios, essa primeira fase seria marcada pela hostilidade aberta onde os índios se esforçam para expulsar os invasores. Nestes primeiros ataques a postura dos "pacificadores" será de capital importância para mostrar aos índios o quanto se diferenciam de outros grupos que invadiram seu território.

> "... nesta fase, combinar uma atitude serena e pacífica com uma conduta rigorosa, capaz de demonstrar aos índios que o grupo conta com armas, sabe utilizá-las, está bem defendido e só não os ataca por não desejar fazê-lo. Assim se procede, disparando para o ar, quando os índios durante os ataques se acercam demasiadamente da casa e ameaçam invadi-la; evitando fugir desabridamente aos seus ataques; e deixando nos tapiris de brindes peças de caça abatidas com armas de fogo para evidenciar a posse das mesmas e a capacidade de manejá-las". (Ribeiro, 1962:47)

Em um primeiro momento a reação dos índios seria a de transferir suas aldeias para mais longe, colocando suas mulheres e crianças em posição mais segura, enquanto seus guerreiros passam a hostilizar o "núcleo de pacificação" em ataques que pretendem surpreender o inimigo.

Após muitos meses de esforço os índios passam a

conseguir diferenciar a atitude deste grupo que, apesar de bem armado, não revida aos seus ataques. Começam, então, a se aproximar, aceitar os brindes e a deixar seus objetos em troca do que levam. Os "funcionários" também passam a se mostrar mais e a eles se dirigem através dos chamados dos intérpretes.

Segundo Ribeiro essa fase da pacificação chama-se "namoro", onde o índio "começa a aceitar os brindes e mesmo a solicitar outros, deixando nos tapiris modelos de facões ou tesouras talhadas em madeira, para indicar o que desejam receber". (Op. cit.:48)

Após esta fase segue-se a "confraternização" que pode ser consolidada, com visita à aldeia indígena, ou entrar em colapso caso ocorra algum incidente.

Essa é a descrição do "técnicas de pacificação" que teriam sido "desenvolvidas" por Rondon. Logo em seguida, Ribeiro passa a ilustrar os "métodos de pacificação" desenvolvidos pelo SPI com alguns exemplos. Para isso Ribeiro se utiliza de casos que se tornaram modelares e passaram a ser reunidos em um conjunto de atrações paradigmáticas que juntam fatos ocorridos em 1909, na Comissão Rondon, em 1910, quando da implantação do SPI, em 1920, na pacificação dos Parintintins.

O que existe é uma tentativa de generalização, detectando a formação de um "padrão de conduta" que teria percorrido as ações de contato, desde aquelas realizadas sob a égide da Comissão Rondon (sob o comando direto de Rondon,

o agente por excelência), até um período determinado do SPI, quando o Serviço ainda contava com pessoal capaz de reproduzir as atitudes pacíficas dos "brancos atípicos" (Op. Cit.:51), formados sob o comando de Cândido Rondon.

Esse relato pretende, a constituição de um modelo a ser aplicado em situações semelhantes, dispensando as contradições internas a cada caso concreto. Esses casos, que pretendemos retomar mais adiante, serviriam para discutir o conteúdo das categorias que, no modelo, passam a ter um valor único em diferentes momentos da história dos contatos entre grupos indígenas, setores da sociedade nacional e as também diversas instituições estatais.

Uma proposta alternativa

A constatação de certos entraves ao desenvolvimento da discussão em torno da questão indígena a partir dos modelos apresentados acima colocou a necessidade de buscar uma alternativa analítica que conseguisse superar o impasse colocado pela reificação de textos.

A proposta de Foucault (1984(b)), que aqui tentaremos percorrer através do que ele chama de "precauções metodológicas", aponta para a superação de um tipo de análise que centra a sua atenção nos aparelhos de Estado enquanto lugar privilegiado de produção de poder, partindo para a busca daqueles micro-poderes que, possuindo a sua tecnologia e história específicas não deixam de estar,

também, em relação com o poder mais amplo gerado pelo mesmo Estado.

Tomar o caminho da analise da constituição desses pequenos poderes, atualizados nas práticas cotidianas, através de agentes especificos e especificados não parece ignorar as análises estruturais, senão descer às particularidades deste poder que através de suas determinações se exerce.

A aplicação das "precauções metodológicas" para realizar uma releitura do chamado "método pacífico" parece resolver, pela sua aplicação na construção da pesquisa, alguns descompassos entre a apreensão, que fazem alguns interpretadores, de uma possível contradição entre o discurso pacífico emanado do SPILTN, enquanto proposta de ação junto às populações indígenas, e o discurso que vem do aparelho de Estado, responsável pelo gerenciamento do avanço das fronteiras agrícolas.

O SPILTN surge subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), dentro de um projeto de construção da nação que pretendia estender o controle do Estado por sobre um espaço geográfico e uma população criados e reapropriados por este poder. Assim, o discurso do SPI pode ser ao mesmo tempo o discurso da "ação pacificadora" junto aos índios bravos e da "civilização" das terras não aproveitadas dos sertões do país sem que esses dois termos se tornem contraditórios. Aos índios pacificados cabia evoluir na direção de sua incorporação à sociedade

brasileira. Já obedientes as leis "não perturbam a ordem nem a atividade dos civilizados" passando a "contribuir para a manutenção e progresso dessa sociedade". (Rondon, 1939:885) Continuando em seu processo evolutivo e aprendendo a lidar de maneira mais racional com a terra enquanto bem de produção, poderiam então prescindir de grandes quantidades de terra que seriam liberadas para o "aproveitamento econômico de suas riquezas". (Barbosa, 1947:10) Há que se distinguir no entanto o discurso do indigenista (SPI) do discurso do colonizador (MAIC). E em outro nível, no interior da agência de proteção, distinguir as ações concretas, da cena local, daqueles modelos que se estruturam através de normas e valores numa ideologia da atração.

A primeira precaução metodológica nos remete a um distanciamento daquilo que Foucault chama "das formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro". (Foucault, 1984(b):182) O poder deve ser buscado nas formas mais capilares, ali onde ele há de se apresentar em forma de "técnicas e instrumentos de intervenção material, eventualmente violento".(Op. cit.:182) A idéia básica é perceber o poder de punir aonde ele se exerce, nas instituições locais.

A segunda precaução aponta para a necessidade de estudar o poder aonde ele se relaciona direta ou indiretamente com o seu objeto, ou seja, onde ele se implanta e produz efeitos reais.

Esse nível de preocupação parece bastante fecundo

para esta análise, na medida em que a relação com o objeto real não apenas colocaria em destaque as relações de poder atualizadas, como também a constituição do objeto em si.

Foucault coloca que mais importante do que perguntar porque alguns querem dominar, e qual a sua estratégia global, seria procurar entender as coisas ao nível de "processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc".

> "Em outras palavras, ao invés de perguntar como o soberano aparece no topo, tentar saber como foram constituídos, pouco a pouco, progressivamente, realmente e materialmente os súditos, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc." (Foucault, 1984(b):182/183)

Aqui nos parece que, dentro do processo de pacificação, do qual a atração é parte primeira, as técnicas de aproximação revelam não apenas a necessidade de criar o desejo nos índios daqueles bens da civilização (representados pelos "brindes"), mas explicitam também o projeto de indivíduo/índio que esta se querendo forjar. Ao mesmo tempo que se implanta uma relação de poder com o objeto, este mesmo é por ela recriado, num processo reflexo.

Isso nos remeteria diretamente para a terceira precaução que define o poder como algo que funciona de

maneira encadeada, não se localizando em alguem ou algum grupo que domina o outro. Para Foucault o poder cria o indivíduo.

> "Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: e um dos seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu." (Op. cit.:183/184)

A quarta precaução metodológica é a razão básica da construção da etnografia que toma a maior parte deste trabalho. Foucault aponta para a necessidade de se realizar uma "análise ascendente do poder":

> "...partir dos mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados, etc., por mecanismos cada vez mais

gerais e por formas de dominação global." (Op. cit.:184)

A etnografia que aqui se apresenta, recortada pelos marcos históricos do próprio discurso da atração pacífica, deve ajudar a entender como determinadas técnicas e procedimentos de poder se modificam e como também, em diferentes momentos, são apropriados por poderes mais gerais

A proposta é partir de uma etnografia que propicie examinar historicamente a maneira como os mecanismos de controle (e mesmo exclusão) sobre os índios considerados hostis puderam funcionar e foram apropriados pelos mecanismos globais do sistema do Estado.

E preciso que se localize os instrumentos que atualizam o que Foucault chama de "fenômenos de repressão", a sua lógica interna, quais os seus agentes reais, a quais necessidades responderam e, mais importante, "como esses mecanismos de poder, em dado momento, em uma conjuntura precisa e por meio de um determinado número de transformações começaram a se tornar economicamente vantajosos e politicamente úteis". (Op. cit.:185)

Na quinta precaução Foucault destaca que as grandes máquinas de poder foram acompanhadas de uma produção ideológica que é provavelmente diferente daquilo que se forma em sua base. Ali onde o poder se implanta estariam os "instrumentos reais de formação e de acumulação do saber":

> "...métodos de informação, técnicas de registro, procedimentos de inquerito e de pesquisa, aparelhos de verificação. Tudo isso significa que o poder, para exercer-se nestes mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas." (Op. cit.:186)

E tentando seguir essas recomendações que, apesar de estarmos lidando sempre com a ação de aparelhos de Estado (Comissão Rondon, SPILTN) nossa preocupação estará basicamente apontada para a tentativa de entendimento da distância entre os discursos emanados destes aparelhos e a sua prática concreta, percebida enquanto relação de poder.

A relação que se estabelece entre índios e brancos dentro do processo de pacificação é fundamentalmente uma relação de poder, assimétrica. Mesmo que o discurso produzido para descrever essa relação seja o da simetria, do pacífico, ele é em sua essência o discurso da normatização desse poder. Poder que se exerce, no período ora em foco, dentro de um projeto de construção de nação que se atualiza na " "missão civilizadora" que consistia em descobrir e demarcar o território geográfico, submeter e "civilizar" os que estivessem à margem da nação, tal significando torná-los produtivos e engajados nesse mesmo esforço". (Lima, 1985:438) Esse projeto de nacionalização é amplo o

suficiente para abarcar as varias populações dispersas no interior do país, fora do controle do Estado. Especialmente aqui interessa focalizar a ação concreta, resultado desse projeto, por sobre as tribos indígenas hostis.

Assim, na medida em que são descritas as técnicas de atração (a colocação de brindes e sua especificidade para cada momento do contato, o vestir, o falar, o contato físico, etc) aponta-se certamente para a concretização do projeto de civilização e nacionalização das populações indígenas.

Esse projeto se atualiza basicamente através de uma relação de poder que para criar um novo território, se propõe a criar também um novo índio que, evoluindo do seu estágio de simples coletor, aprenderia a lidar de maneira mais racional com um novo espaço que poderia então ser menor. O índio deve ser anexado ao conjunto da nação enquanto corpo útil, corpo produtivo e submisso. (Foucault, 1984(a):28) Note-se que "produzir" terá seu significado ligado ao interesse da "nação". Os índios terão que aprender o que produzir e como.

Para além da análise estrutural que mostra os índios cedendo lugar (e suas terras) ao avanço do capitalismo, coloca-se a possibilidade de analise da constituição de um poder que exercido de maneira mais atomizada, pelos agentes reais do contato, busca forjar um novo indivíduo, "um índio melhor", a partir da ação de vestir, enfeitar, limpar, ensinar novas práticas de produção

com novas ferramentas que lhes aumenta a capacidade de trabalho. E esse novo individuo, assim constituido em corpo "dócil" que deverá ser incorporado a sociedade nacional.

> "E dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado." (Foucault, 1984(a):126)

Em torno dessas práticas se organiza o discurso da pacificação, discurso de um saber específico que aponta para a possibilidade de um ordenamento das relações entre índios e brancos sendo preservada a integridade física dos primeiros no momento do contato. Todo poder produz um saber que lhe é correspondente e que o instrumentaliza.

> "Seria talvez preciso tambem renunciar a toda uma tradição que deixa imaginar que só pode haver saber onde as relações de poder estão suspensas e que o saber só pode desenvolver-se fora de suas injunções, suas exigências e seus interesses. (...) Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem

saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (Op. cit.:27/30)

Nesta medida a disputa pelo exercício da legitimidade de um saber sobre os índios pode ser, em última análise, a disputa pelo poder de nacionalizar e portanto controlar o destino dessas populações e por extensão o uso e distribuição de seus territórios.

Seguir nesta direção encaminha o trabalho para a proposta (genealogia) de contrapor a um discurso considerado "científico" aqueles "saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-lo, hierarquizá-lo, ordená-lo em nome do conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns". (Foucault, 1984(c):171)

Esses saberes devem se contrapor, mais que ao conteúdo e conceitos desta "ciência", aos efeitos de poder que se ligam à institucionalização e funcionamento de um discurso científico na nossa sociedade.

"Pouco importa que essa institucionalização do discurso científico se realize em uma universidade ou, de modo mais geral, em um aparelho político com todas as suas aferências, como no caso do marxismo; são os efeitos de poder próprios a um discurso

considerado como científico que a genealogia deve combater". (Foucault, 1984(c):171)

O discurso da atração pacífica, enquanto parte do discurso da nacionalização, deverá então ser retomado como projeto de conquista através do qual se impõe às comunidades indígenas uma transformação/identificação com um modelo que suprime a sua indianidade pela sua transformação em trabalhadores nacionais.

Capítulo II:

Encontro com Gomes Carneiro:

As Origens de uma Prática

Já no Governo monárquico estão formulados vários projetos de ligar através das comunicações telegraficas a Corte às áreas de fronteira da Provincia de Mato-Grosso.

A criação de uma "Comissão Construtora de Linhas Telegráficas" fazia parte de um conjunto de planos que visavam a proteção militar dessas fronteiras já bastante ameaçadas durante a Guerra do Paraguai.

Em 1888 o General Deodoro da Fonseca foi enviado pelo Governo Imperial para Mato-Grosso como comandante das forças que deveriam proteger as fronteiras daquela Provincia. Junto a Deodoro seguiu uma Comissão de engenheiros-militares encarregada de unir, pelo telégrafo, as cidades de Corumbá, Coimbra e Cuiabá. Com o retorno de Deodoro ao Rio de Janeiro, no início de 1889, os trabalhos foram interrompidos, não restando nem mesmo a ligação provisoria que se conseguira estabelecer entre Corumbá e Cuiabá.

Reorganizada esta Comissão, foi designado para a sua chefia o Coronel Ewerton Quadros e como ajudante o Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro, devendo fazer a ligação entre as cidades de Franca, Uberaba e Goiás, tendo como ponto terminal a margem direita do Rio Araguaia. O Capitão de Infantaria Cunha Matos tinha a incumbência de, saindo de Cuiabá, ir ao encontro de Ewerton Quadros pela margem esquerda do Araguaia.

Proclamada a República o Capitão Cunha Matos tinha conseguido atingir São Bento, que ficava a 42 km do ponto de partida. Para substituí-lo na chefia da Comissão Cuiabá-margem

esquerda do Araguaia foi designado o ajudante de Ewerton Quadros, o Major Gomes Carneiro.

O Governo Provisório da República organiza com rapidez aquela que se denominava "Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia". Gomes Carneiro sabendo que Rondon estava prestes a se desligar da Escola Superior de Guerra (terminada a sua formação de engenheiro-militar) propõe seu nome, sem o consultar, a Benjamin Constant, para o posto de seu Ajudante na Comissão que se organizava. Rondon era ainda Alferes-aluno, quando foi nomeado Ajudante nesta Comissão em 23 de dezembro de 1889.

Os trabalho da Comissão têm início em 1890, quando então Rondon já estava desligado da Escola Superior de Guerra (08.01.1890) e promovido, primeiro a 2º Tenente de Artilharia e 3 dias depois a 1º Tenente de Estado Maior de 1ª Classe, por serviços relevantes.

A história do aprendizado de Rondon no trato com grupos hostis é geralmente retraçada a partir de seu encontro com o Major Gomes Carneiro na Comissão de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia. Segundo as interpretações consagradas da história de Rondon, o convite de Gomes Carneiro para auxiliá-lo nesta Comissão, teria "inaugurado" a sua carreira de sertanista. (Magalhães & Barbosa, 1916:35/36)

Na verdade o momento privilegiado invocado pelos divulgadores dos trabalhos de Rondon, como formador das suas atitudes com relação aos "índios bravos" se localiza exatamente

no seu contato com a prática (e sempre a prática) de seu chefe na Expedição de 1890. (1)

152 Essa Expedição deveria atravessar grande extensão de sertão, do qual uma parte considerável se tornara intransitável, já que constituía parte do território dos índios Bororo. Os Bororo do baixo Rio São Lourenço já haviam sido pacificados, mas os de Leste eram "guerreiros primitivos" que mantinham aquela faixa de terra em "permanente estado de guerra". (Viveiros, 1958:67)

153 Os expedicionários saem de São Bento e localizam a primeira estação a 84 km, em Capim Branco. Nesta extensão, entre São Bento e Capim Branco e a localidade de Sangradouro Grande, haviam se estabelecido poucas fazendas.

154 A Comissão se dividia em três turmas: A vanguarda marcava a estrada que a turma do centro se encarregaria de construir. A terceira turma, da retaguarda, fazia os levantamentos topográficos da linha construída e determinava as coordenadas dos pontos mais importantes. Cândido Rondon ficou localizado na terceira turma e Gomes Carneiro, que seguia na frente, mandava fixar ao longo da linha cartazes proibindo que se atirasse nos índios, mesmo que fosse apenas para assustá-los.

155 Gomes Carneiro reconhece, nestes avisos, a legitimidade da posse das terras pelos índios Bororo:

---

(1) Não tendo tido acesso a Relatórios do Coronel Gomes Carneiro, estaremos referidos, no que diz respeito a esta Comissão, aos textos de divulgação, particularmente a Viveiros (1958), já que o próprio Rondon faz apenas ligeiras referências a esse período na introdução de seu Relatório de trabalho de 1900-1906 (Rondon, 1949).

"Quem, dora em diante, tentar matar ou afugentar os índios de suas legítimas terras, terá de responder, por esse ato, perante a chefia desta Comissão".

(Viveiros, 1958:67)

A partir de Capim Branco, Gomes Carneiro determina que Rondon o acompanhe na linha de frente da Expedição. A região que se seguia era atravessada por uma antiga estrada que havia sido abandonada, já que os ataques de índios eram frequentes, mesmo com a presença de alguns destacamentos de 20 a 30 praças localizados naquele sertão. A proposta era reativar esta antiga estrada, que ligava de forma direta Ponte de Pedra, Sangradouro e Registro do Araguaia.

É nesta viagem que Gomes Carneiro transmite de forma definitiva a Rondon a sua maneira de se relacionar com o sertão e seus habitantes.

Com relação aos índios Bororo, a posição do Chefe da Expedição se demarcava a partir da postura de reconhecimento do direito ao seu território e pela disposição de não os atacar. Com relação à terra, se mostrou um "mestre pratico do sertão", com observações de um "naturalista apaixonado". (Op. cit.:71) No meio do caminho, a partir de Sangradouro Grande, começava a etapa mais difícil da Expedição, quando deveriam ser atravessados 300 km de sertão bruto, por uma estrada "em poder dos índios". (Op. cit.:73)

A disposição de Gomes Carneiro de atravessar o

território dos Bororo sem entrar em choque com este povo, fac com que essa etapa da viagem se revista de um carater diferencial, onde a tática será avançar sem entrar em conflito direto, não comprometendo assim o trabalho propriamente dito de implantação da Linha, de ocupação efetiva.

Alguns elementos fazem parte de uma composição específica deste tipo de Expedição e que serão assimilados por Rondon, no comando daquelas que se realizarão em seguida. Os animais são cuidadosamente escolhidos e entre eles, especialmente os cães, "fiéis companheiros do sertão, guardas vigilantes do acampamento". (Op. cit.:73) Os avanços são feitos a partir de um reconhecimento prévio de cada pouso e de suas distâncias. Os locais dos acampamentos noturnos são escolhidos preferencialmente em terrenos próximos a riachos, onde os animais teriam melhores pastos. O estabelecimento destes mesmos acampamentos noturnos só se efetivam mediante reconhecimentos ao seu redor, num raio de um quilômetro. Ordenanças deveriam se revezar na vigília do acampamento e manutenção das fogueiras. O ponto mais importante, porém, seria a posição tática de não entrar em conflito com os índios, mesmo em iminência de ataque.

Gomes Carneiro, que já havia encontrado vestígios de índios em vários pontos do trajeto, percebe, atraves dos pios e assovios, incomuns na madrugada, que um ataque estava sendo projetado pelos índios Bororo, para o raiar do dia. Decide, então, mesmo no escuro, levantar acampamento e seguir adiante para que o embate não tivesse que se realizar. Essa é, na verdade, uma postura diferente, incomum em quem é treinado

basicamente para o combate. É a partir deste novo posicionamento que Rondon irá colher os pontos básicos que nortearão as suas futuras atitudes a frente de expedições de penetração em territórios de tribos hostis.

Rondon avalia seu aprendizado neste encontro com Gomes Carneiro:

> "A resolução do chefe, de evitar lutar com os índios, para não parecer que éramos invasores de suas terras e desrespeitadores de sua vida e propriedade, calou profundamente em meu espírito, consolidando a lição recebida anteriormente, pelas ordens que fizera circular, através do sertão, proibindo terminantemente que se hostilizassem os índios habitantes da região em que íamos operar. Era, além disso, nova oportunidade de aprender a servir à Pátria com despreendimento pessoal, submetendo o orgulho militar à compreensão do dever de concentrar esforços para levar a cabo a missão a desempenhar". (Viveiros, 1958:80)

Uma leitura linear, geralmente a serviço de interpretações com o objetivo claro de divulgação da "obra de Rondon", tende a ressaltar a decisão de não entrar em conflito com os índios, apenas pela determinação pessoal de Gomes Carneiro (e, seguindo-lhe o exemplo, Rondon) em não lhes "desrespeitar a vida e a propriedade". (Viveiros, 1958:81) Esta

postura tática está, por outro lado, claramente colocada a serviço do objetivo técnico a ser realizado e explicitado pela chefia da Comissão: havia uma tarefa, os fios tinham que chegar, e a tática era não lutar. Havia uma "missão a desempenhar", e para tal havia que se "submeter o orgulho militar". O objetivo era servir à Pátria, abrir comunicações, proteger fronteiras. A "missão" principal não era certamente, neste momento, civilizar índios. Esta civilização viria, fatalmente, com o advento do progresso e ocupação do sertão.

Gomes Carneiro e Rondon retornam ao encontro da turma de construção, que já se achava em Ponte de Pedra. As anotações de Gomes Carneiro iriam, então, daí por diante, guiar os trabalhos de construção e Rondon voltaria ao seu posto de comando da turma da retaguarda.

A falta de relatórios específicos de Rondon sobre o período, traz dificuldades para o entendimento das relações concretas que o mesmo teria conseguido estabelecer com os Bororo daqui por diante. O relato de Viveiros (1958) sobre o período da Reconstrução da Linha de Cuiabá ao Araguaia, que ficou a cargo de Rondon, também esta marcado pela intenção de estabelecer esta fase como o ponto de origem de uma postura diferencial no trato com tribos hostis.

Rondon em seu Relatório relativo aos trabalhos da Comissão de Linhas do Estado de Mato-Grosso, no período de 1900-1906 (Rondon, 1949), irá nos proporcionar alguns poucos dados. Vai recordar o estado de guerra em que se encontravam em 1891, quando mataram "três soldados dos destacamentos do

Barreiro de cima e das Bateias, colocados então pelo Tenente-Coronel Gomes Carneiro, para defesa da linha que naquele ano havia sido inaugurada de Cuiabá ao Araguaia". (Rondon, 1949:29)

Rondon também se refere ao período de 1892/1898 quando, exercendo o cargo de Chefe do Distrito Telegráfico de Mato-Grosso, reconstruiu a Linha Telegráfica entre Cuiabá e Araguaia, "após a pacificação dos Bororo do Rio das Garças, (conseguindo) a confiança desses índios que frequentavam os acampamentos da reconstrução". (Op. cit.:29)

Os seis anos passados por Rondon na reconstrução da Linha de Cuiabá ao Araguaia colocou-o bem próximo desses índios hostis. Rondon, em 1892, não é nomeado apenas para a chefia do Distrito Telegráfico, mas fica, a partir daí, responsável pelos Destacamentos Militares instalados ao longo da linha, enquanto Inspetor permanente (cargo que desempenhou até 1908).

Segundo Rondon (Viveiros, 1958), construída a Linha (1891) e os destacamentos de proteção (com pelotões de cães), os índios passam a agir em "defesa própria" atacando aqueles que atravessavam as "suas terras" e deixando sinais de descontentamento frente a "presença invasora". Rondon exigia que se respeitassem tais sinais, não avançando senão com o seu consentimento. Nos lugares de sua passagem fazia colocar "facas, machados, ferramentas para os homens, panos vistosos e missangas para as mulheres". Em 1893, estando em Cuiabá, foi avisado da aproximação de um grupo de Bororo com o pessoal da Estação Gomes Carneiro que, "de acordo com as expressas instruções", os recebeu com muitos presentes. Diante do sucesso

do primeiro contato Rondon retorna para a Estação:

> "Depois de me observarem à distância, começaram os homens a me apalpar, a me remexer os bolsos, encontrando o revólver que se puseram a examinar, com curiosidade. Tomei a arma e, depois de lhes mostrar as balas, apontei para o ar, fazendo com a bôca "pan, pan, pan, pan, pan, pan". Como aguardassem ainda, fiz seis disparos para o ar. As mulheres e as crianças correram espavoridas, mas os homens se mantiveram firmes e receberam, com agrado, as seis cápsulas detonadas que examinaram com atenção.
>
> Daí em diante, começaram entre nós as melhores relações e tomaram o hábito de visitar a estação telegráfica." (Viveiros, 1958:317)

Essas informações, no entanto, parecem bastar aos interesses dos divulgadores da obra de Rondon, que buscam marcar as origens de uma atitude inédita na relação com os índios bravios. As análises dos interpretadores acionam a passagem não agressiva de Gomes Carneiro e Rondon pelas terras dos Bororo do Leste (Rio das Garças e Araguaia) como momento chave das modificações das relações entre índios e brancos que passam a ser mais amenas.

Dentro da historiografia consagrada da trajetória de Rondon e da Comissão de Linhas Telegráficas esse é um momento

crucial: o "aluno" se torna também amigo dos índios, seguindo os caminhos do "mestre", e em 1900 já os Bororo o estarão auxiliando em sua nova empreitada através do sertão.

Telégrafo: justiça, comércio e crescimento moral.

Em 1900 Rondon está, então, de volta ao sertão do Mato-Grosso como Chefe da Construção da Linha Telegráfica ligando Cuiabá a Corumbá, com ramificações para Aquidauana e Forte de Coimbra. Trata-se da "Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no Estado do Mato-Grosso". (Rondon, 1949)

Em 1896, quando da reconstrução da Linha de Cuiabá ao Araguaia, aos domingos, Rondon se entregava à leitura do Catecismo Positivista, chegando mesmo a fazer leituras em comum com os telegrafistas. Consolidadas as suas crenças, em fins de 1898, quando de regresso ao Rio de Janeiro, pediu sua admissão na Igreja Positivista.

Rondon, ex-estudante da Escola Militar do Rio de Janeiro, deve-lhe uma formação dentro dos marcos teóricos da doutrina positivista. O corpo docente da Escola era composto por muitos positivistas e o seu curso de Engenharia se constituía, ao final do século passado e início deste, em fonte de consagração, sendo vários engenheiros-militares que aí concluíam a sua formação citados entre os filósofos e pensadores desta época.

A diversificada formação curricular que juntava às disciplinas militares, a astronomia, geografia geral, história

natural (as últimas reservadas para os últimos anos de curso, sendo então privilégio dos engenheiros-militares e os alunos de artilharia, para os quais era obrigatório o curso pleno de 7 anos), carreava para a Instituição críticas quanto ao pequeno espaço reservado à formação militar propriamente dita.

179 Várias reformas ocorreram no interior da Instituição fazendo com que esta em determinados momentos reafirmasse seu caráter de formadora de quadros forjados dentro dos limites das instruções militares e, em outros, tendesse a fortalecer seu curriculum na direção da formação dos "bacharéis fardados".

180 Rondon, matriculado na Escola Militar em 1883, vai viver um período marcado pela presença de Benjamin Constant, professor predileto, que estimulava os debates em torno do positivismo e direcionou a reforma de 1890 para a formação de um soldado que seria o "cidadão armado" e que haveria de tomar a sua carreira enquanto "missão civilizadora humanitária e moral". (Lima, 1985:422)

181 Assim formam-se Rondon e outros engenheiros-militares que cursavam no mesmo período a Escola Militar e que vão estar ao seu lado tanto nos empreendimentos das Comissões Telegráficas quanto, logo imediatamente, no SPILTN.

182 De partida para organizar a Expedição de 1900, foram dele se despedir Miguel Lemos, Diretor do Apostolado Positivista do Brasil e Teixeira Mendes, um dos líderes do positivismo no Brasil. (Gagliardi, 1985:136)

183 Em carta à Professora Leolinda Daltro, em 16 de agosto de 1900, Rondon definia como "missão" do governo

brasileiro a "incorporação do selvagem a nossa sociedade". (2)

A Introdução do Relatório relativo aos trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraficas do Estado de Mato-Grosso (Rondon. 1949), referencia para enfocar o período de 1900 a 1906, ao contrário do corpo geral do trabalho. desenvolvido em tom eminentemente técnico. apresenta os pontos básicos de um projeto para as populações e territorios do sertão do Mato-Grosso.

Do ponto de vista estratégico havia a necessidade de disciplinar as forças e consolidar a defesa das fronteiras com a Bolívia e o Paraguai. A Comissão se organizou com caráter misto, tendo Rondon também que fiscalizar a construção de uma viação férrea e fluvial. Esse conjunto de comunicações fazia parte de um projeto de defesa das fronteiras onde as estradas e o telégrafo se complementavam. O empenho do Marechal Mallet, Ministro da Guerra, na construção tanto da estrada de ferro quanto da linha telegráfica, ligava-se à idéia de "consolidação de forças" (Rondon, 1949:8) e defesa das fronteiras, em região que assim tornava-se capaz de receber recursos e reforços no momento preciso.

Para além da defesa militar, tais projetos deveriam vir de encontro as necessidades de "povoamento e civilização" (Op. cit.:8) desta área. Para Rondon, a presença do soldado neste empreendimento corresponde à figura do "civilizador". O Exército, para ele, substituiria a iniciativa privada em obras

---

(2) Segundo Gagliardi essa carta de Rondon demonstra o quanto este, já nesta época, "havia adotado uma posição bem definida a respeito da dramática condição dos povos indígenas". (1985:130)

cujo vulto ultrapassasse as suas forças e os soldados seriam os "elementos de progresso" (Op. cit.:9) para o sertão que, somente após ser atravessado pelas vias de comunicação poderiam vir a ser povoados.

A chegada do telégrafo supõe, segundo Rondon, novo impulso de civilização, já que este traz o controle da aplicação da justiça, o comércio e o crescimento a nível moral. A "força militar" se coloca num novo eixo em que sua "aplicação salutar" se traduz em desenvolvimento material e moral para o país. Neste sentido, a esse projeto de "povoamento e civilização" deve corresponder um soldado no qual o sentido de "fraternidade" deve-lhe mudar os "hábitos guerreiros" em "disposições pacíficas e simpáticas". (Op. cit.:8/10)

A região a ser atravessada por mais essa Comissão não é absolutamente despovoada, como veremos adiante com o mapeamento dos diversos atores sociais, suas relações, suas atividades, seus estabelecimentos. Grandes fazendas de criação de gado e estabelecimentos de seringa já estavam implantados, com seus respectivos camaradas, índios ou regionais; forças militares haviam sido localizadas e serviam, algumas, aos interesses de particulares.

A proposta de Rondon é claramente uma proposta de ordenamento deste cenário:

> "Onde quer que chegue o telégrafo, por mais recôndito que seja o lugar, ali far-se-ão sentir os benéficos influxos

da civilização. Com o estabelecimento da ordem obtido pela facilidade com que os Governos podem agir no sentido de melhor superintender e distribuir o bem público e a justiça, virá fatalmente o desenvolvimento do homem e das indústrias, pois ficará instituido o comércio contínuo entre as sociedades, no mundo moral e no físico.

191 A facilidade de comunicações, determinando o estreitamento de relações dos povos entre si, o nivel moral deles forçosamente sempre que aqueles melhoramentos se realizam em qualquer região".

(Rondon, 1949:9/10)

O caminho mais fecundo será certamente a leitura das noções de "guerra", "força", "civilizar", "ordem", e outras que irão se apresentando no decorrer do texto ora analisado, dentro mesmo do projeto de "civilização e desenvolvimento", ora apenas esboçado por Rondon, o que nos daria condições de um melhor entendimento das táticas e estratégias especiais a essa proposta de "povoamento" do sertão.

Definir o perfil social desse exercito, agente de civilização, seria também uma tarefa interessante para os nossos propósitos. No entanto nos limitaremos apenas a seguir

as indicações dos textos com relação à formação dos diversos contingentes, nos também diversos momentos das distintas "Comissões" chefiadas por Rondon.

Os contingentes oferecidos ao trabalho em Comissões nos sertões não traziam exatamente o modelo de soldado que se adaptaria ao padrão desejado por Rondon. Eram, na sua maioria, soldados envolvidos em revoltas e sedições nos seus respectivos batalhões, para os quais se reservava o sertão como mais uma forma de punição.

Em 1894, durante a reconstrução da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia, Rondon se viu, em duas ocasiões, na posição de ter de agir diante do contingente revoltado. Na primeira teve que enfrentar os soldados que, aproveitando-se de sua ausência, expulsaram os oficiais do acampamento e se embebedaram. Na segunda, mais grave, desbaratou um movimento que visava assassinar o Chefe e os Oficiais da Comissão.

Em ambos os casos, os castigos corporais foram usados no sentido de que "a disciplina do sertão tinha de ser a disciplina de um lugar onde não havia cadeia" (Viveiros, 1958:112), chegando mesmo a lançar mão do "processo do Conde de Lipe": o açoite.

Nesta Comissão, o contingente era formado por "maus elementos indisciplinados", ainda na fase da "obediência forçada". Os trabalhos eram penosos e as deserções continuas. Os fugitivos eram caçados. (3) A ordem deveria ser mantida, o

---

(3) "Mandei organizar dois contingentes, fortemente armados, com ordem de prender os fugitivos ou atirar, caso não obedecessem". (Viveiros, 1958:111)

"princípio de autoridade" preservado. (Viveiros, 1958:111)

Rondon foi por isso indiciado em inquérito militar do qual resultou um Conselho de Guerra, respondido em Cuiabá, com prolongamento no Rio de Janeiro (janeiro de 1895), onde respondeu ao mesmo Conselho. O Comandante do 6º Batalhão de Infantaria, Capitão Távora, que tinha homens seus no serviço de construção de linhas, discordou das "medidas disciplinares" e "métodos de trabalho" usados por Rondon. Primeiro oficiou diretamente a Rondon, como oficial mais antigo, as suas discordâncias, depois, frente à resposta "altiva" que recebeu, exigiu inquérito militar. O processo foi "arquivado por improcedente, sendo que nele Rondon classifica a sua atitude como excepcional, dado a "necessidade iniludível de manter a disciplina e a ordem militar" e a coloca como conflitante com seus "princípios religiosos". (4)

O soldado tinha que aprender a trabalhar e cumprir ordens, aos oficiais cabia o ofício de comandar, e ambos seriam o instrumento de civilização do sertão e sua gente.

Os Bororo do Rio São Lourenço

Promover a ligação das fronteiras de Mato-Grosso (Cuiabá/Corumbá) através do telégrafo não era uma proposta nova. Linhas provisórias já haviam sido estabelecidas e abandonadas, estudos e levantamentos executados, traçados

---

(4) Os dados desta passagem são parte da narrativa de Esther Viveiros, sendo poucos os interpretadores que dão conta destes acontecimentos.

determinados. Efetivamente pouco havia sido construido, mas o real conhecimento da área se acumulara nestas tentativas.

Em julho de 1894, uma Comissão foi organizada e novos estudos realizados no sentido de determinar o melhor traçado entre Cuiabá e Corumbá. Os trabalhos, iniciados em 1895, foram logo suspensos para só reiniciarem no ano seguinte sob o comando do Capitão reformado Carlos Augusto Ferreira de Assunção, que inaugura em setembro de 1896, em São Lourenço, a primeira estação da Comissão de Corumbá.

No ano seguinte, os trabalhos foram suspensos e é então, a partir deste traçado, que Rondon dá início aos trabalhos da Comissão de 1900. Vale lembrar que até 1898 Rondon se ocupava da reconstrução da linha para o Araguaia.

Com o trajeto básico a ser seguido por Rondon já previamente definido nas instruções anexas ao Aviso de 11 de julho de 1900, partem para Mato-Grosso, a 21 de julho, o Chefe da Comissão e o Comandante do Contingente a fim de receberem em Goiás 50 praças do 20º Batalhão aos quais depois seriam incorporados os destacamentos de General Carneiro e Presidente Murtinho, mais as praças e oficiais do 8º Batalhão de Infantaria que se achava em Cuiabá.

Na conclusão do Relatório Rondon anota que de 1900 a 1902, num período de 21 meses, contou com apenas um ajudante, por seis meses. Somente de julho de 1902 em diante conta com a colaboração sistemática de auxiliares. (5) De outubro de 1900 a

---

(5) O Alferes Lima adoece e morre logo em seguida da sua retirada do campo. Em fevereiro de 1901, retira-se o Capitão Aguiar, ficando o Chefe da Comissão acumulando, além das suas funções, as de ajudante, explorador e locador. O Alferes-aluno Nicolau Bueno Horta Barbosa, citado sempre como auxiliar de Rondon nesta

março de 1901, a Expedição perde grande parte do seu contingente não só por motivo de doenças (impaludismo), como também pelo grande número de deserções. Chegariam, em abril de 1901, no porto de Santo Antonio do Itiquira reduzidos a apenas 31 praças daqueles 81 que iniciaram o serviço.

Rondon, dado as dificuldades de continuar a construção com tal desfalque de homens, imagina conseguir a adesão dos índios Bororo que visitavam os acampamentos desde o início dos trabalhos. E a ajuda que deles consegue é tida como uma demonstração dos resultados práticos da "confiança mútua" estabelecida em "relações anteriores". (Rondon,1949:26)

Os caciques Bororo Oarine-Ecureu (da Aldeia Kejare do Alto São Lourenço) e Baru (da Aldeia Cogneau) chegam ao acampamento da construção onde é tratado o serviço que teriam que realizar. Para os índios tocou o trabalho de limpeza da picada, "trabalho enfadonho que exigia dos trabalhadores muita força". (Rondon,1949:27)

Alguns pontos básicos serviriam para nortear o relacionamento entre o Contingente militar e os índios. A não interferência brusca nos hábitos indígenas proposta por Rondon levava a que fossem convocados para o serviço de cada dia apenas os índios efetivamente necessários. Os outros poderiam assim se dedicar a sua tradicional tarefa de caça, o que, além do mais, evitaria que todos tivessem que ser sustentados pela Comissão.

Os acampamentos, separados os soldados dos índios.

Comissão, só vai aparecer neste Relatório a partir de 1905.

foram organizados com "ordem" para que reinasse a "disciplina", a "moralidade" e o "respeito". (Op. cit.:28)

Os Bororo, por exigência de seu "cacique", seriam comandados apenas por Rondon pessoalmente. Acima de todos esses pontos, Rondon destaca a "paciência" e a "bondade" como elementos eficazes para "captar a confiança dos nossos índios". (Rondon,1949:18)

Depois de dois meses de trabalhos quando os Bororo possibilitam à Comissão sair da "zona paludosa", foi inaugurada a Estação de Itiquira. Os índios receberam "brindes" como "recordação" de "tão amistosa convivência" e partiram, em maio de 1901, para as suas caçadas, prometendo novos encontros, já que nessas excursões chegariam também ao Rio Piquiri. (Op. cit.:30)

Os Bororo chefiados pelo cacique Oarine seguiram no mesmo rumo da Comissão, tornando assim a ajudar na remoção de novos obstáculos, e aqueles chefiados pelo cacique Baru desceram o rio Itiquira à procura do baixo São Lourenço.

Nas proximidades da Vila de Coxim, onde havia uma epidemia de sarampo, os Bororo voltam a encontrar os Expedicionários e, apesar dos avisos e proibições de Rondon, visitam a vila trazendo ao acampamento a doença que exatamente entre eles faria seu maior número de vítimas. A "prevista calamidade" não pôde ser evitada. (6) Em Coxim, o reencontro com a Comissão coloca para os Bororo, num tempo bastante curto, um ciclo de

---

(6) O sarampo, que fazia suas vítimas na população em geral, afetou especialmente aos Bororo, sendo este fato explicado por Rondon pelo hábito dos índios se banharem nos rios quando acometidos pelas febres altas.

perdas que se desencadeia no momento em que renunciam à resistência guerreira no interior de seus territorios, pelo peso mesmo das pressões de uma civilização que já os alcançara no final do século XIX (1866) e que se prolonga na inevitabilidade desta Comissão.

Graças, neste momento, aos próprios Bororo, seus preciosos territórios de perambulação e caça estavam sendo mais uma vez objeto de uma proposta de ordenamento. (7) Os índios certamente não tinham ainda a consciência do significado deste fato. Para Rondon, no entanto, era o seu projeto de civilização seguindo o seu rumo.

Para além do Rio Taquari os Bororo se declaram impossibilitados de acompanhar o Chefe da Comissão. Aquelas terras não mais lhes pertenciam: "era propriedade dos Terena, Guaicuru, Uáchiri e outros". (Op. cit.:132)

A noção de pertencimento a uma nação (diferenciada da brasileira) com um território definido pela tradição de ocupação nem tão cedo será completamente formulada pelo indigenismo praticado por Rondon e seus seguidores. Ainda em 1939 em discurso de posse como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro quando comenta os itens dos Regulamentos de José Bonifácio relativos à nacionalização dos selvícolas, chama a atenção para os cuidados que se deve tomar com os índios das áreas de fronteira que transitam de um país a outro "sem se dar conta da sua nacionalidade". (Rondon, 1940:884)

---

(7) Segundo Rondon, os Bororo estavam subdivididos em muitas tribos que viviam nos vales dos Rios S. Lourenço, das Garças e Araguaia, numa área de 48.000.000 ha. (Rondon, Relatório 1949:32).

Os fazendeiros, os camaradas, os índios.

A Expedição prossegue e vai encontrando um sertão bruto, de difícil domínio, mas já bastante pontuado de grandes fazendas de gado. Essas terras já têm dono, e eles não são mais os índios. Rondon não está, de maneira nenhuma, desbravando terras, nem existe uma luta aberta, deflagrada, entre índios e brancos.

A Linha Telegráfica vai atravessando por entre terras ocupadas por grandes fazendas de gado onde os proprietários são originários, na maioria das vezes, de outros estados da federação (SP, RS) e os seus "camaradas" são, na maior parte, índios Terena.

Seguindo em direção ao Rio Taboco, a Linha passa pela porta da Fazenda do Taboco, de propriedade do Coronel Jose Alves Ribeiro, e nela Rondon vai encontrar pela primeira vez os índios Uachiri ou Guachi, habitantes das cercanias da Serra de Maracaju, que descem na época da seca pelo Rio Negro (afluente do Rio Paraguai) em busca de caça.

O contato mais remoto feito por esses índios com os camaradas da Fazenda do Taboco é datado de 1898 quando, segundo relato do fazendeiro a Rondon, foram tratados "com muita bondade" e receberam roupas e coisas que desejavam. Dado este primeiro contato, a continuidade das relações se construiu principalmente através dos camaradas da fazenda e os índios Terena (índios assimilados), entre os quais alguns Uachiri

viveram por algum tempo. quando então se retiraram "bruscamente".

Rondon supõe que o início dos desentendimentos entre os índios Uachiri e os camaradas da fazenda tenha tido sua origem na prática de atos que ferissem a moral da tribo, já que estes desconheciam não só sua língua como também os costumes desses indígenas. Os camaradas da Fazenda, "gente inculta", não tinha "a mais ligeira noção da necessidade de atrair (grifo meu) o selvícola". (Rondon, 1949:48)

O termo atrair que mais tarde se tornara comum aos textos dos interpretadores como definidor de um conjunto de práticas com o objetivo de tornar possível uma aproximação com tribos hostis, é usado por Rondon como uma das formas de alcançar tal objetivo através do exercício do fascínio. (8) Ou seja, para que os Uachiri passassem a se relacionar de maneira mais continua eles deveriam ser "atraídos", fascinados por aquela civilização e seus bens.

Os índios passaram, a partir de um determinado momento, a ter um movimento de represálias que, apesar de não conter qualquer tipo de agressão física, se iniciou pela retirada de produtos das roças (mandioca, milho), o corte do aramado da fazenda para utilizá-lo em pontas de flechas, e, passado algum tempo, no abate do gado que encontravam no pasto.

Os fazendeiros das circunvizinhanças do Taboco se reuniram num "primeiro ataque aos índios que sofreram sensíveis

---

(8) O verbete atrair definido como "exercer atração sobre", é também "seduzir, fascinar, prender". Pode também ser tomado no sentido de "fazer aderir" (à opinião, à religião, ao partido). (Ferreira, 1988)

perdas". (Op. cit.:62) Descendo o Rio Negro, se localizaram em suas margens, fugindo de novas represálias.

Rondon encontra uma turma de índios nas margens do Rio Negro quando por ele descia em outubro de 1904 e supondo serem os mesmos Uachiri dos quais tinha tido notícias das perseguições sofridas na Fazenda do Taboco, tenta com eles entrar em contato chamando-os com o vocabulário que conhecia de sua língua. Tenta ganhar a sua amizade e conhecer seus companheiros, "principalmente as crianças e mulheres", para que fossem presenteados. (Op. cit.:50)

Em contato direto com os Uachiri pela primeira vez, Rondon aconselha-os a uma "aproximação" e a "pacificação" (Op. cit.:60) com os fazendeiros, já que anteriormente havia entrado em contato com um dos proprietários de terra da área e com o Presidente do Estado, fazendo gestões para que cessassem as lutas contra os índios. Os índios voltam, então à Serra de Maracaju sendo vítimas, logo em seguida de uma expedição organizada pelos fazendeiros do Taboco, Proteção, Campo Formoso, Baía e de cima da Serra.

Rondon tem notícias da pretensão dos fazendeiros e escreve ao Coronel José Alves Ribeiro, que considerava o "fazendeiro mais inteligente da zona", na tentativa de evitar o ataque. O Coronel respondendo com evasivas, dizia ser apenas a intenção dos fazendeiros afugentar os índios.

O ataque é então denunciado ao Presidente do Estado em telegrama onde Rondon protesta contra o "canibalismo" (Rondon, 1949:62) dos fazendeiros e pede providências para que

tais atos não mais se repitam. Apesar do protesto e da resposta favorável do Presidente, novo ataque é praticado seis meses depois, pelos mesmos fazendeiros.

Rondon acaba por concluir:

> O que é real é que foi mais fácil inspirar confiança aos selvícolas, demovendo-os do propósito de resistência e retirada para as selvas, do que convencer aos fazendeiros de que aos mesmos índios assiste inconcluso direito de propriedade do terreno em que se encontram fixados, respeitados e acatados os seus hábitos e costumes e a sua organização atual, devendo todos se esforçarem por atraí-los ao convívio da sociedade moderna". (Rondon, 1949:60)

Aos fazendeiros, segundo Rondon, faltava requisitos essenciais para que fosse encetado o "comercio estreito, frequente e duradouro de amizade com estranhos, de costumes primitivos e ainda não contaminados dos vícios e convencionalismos da civilização atual". Faltava-lhes o conhecimento do vocabulário indígena ("elemento poderoso e eficaz para que se iniciem e se mantenham relações amistosas"); faltava-lhes "tato" para inspirar e manter uma relação de amizade; finalmente deveriam abandonar a "noção de que o índio deve ser tratado e exterminado como uma fera, contra a qual

devem fazer convergir todas as suas armas de guerra". (Op. cit.:60)

Neste momento do Relatório, Rondon faz uma leitura crítica da posição dos fazendeiros apondo as categorias de tal maneira que os fazendeiros são os que com "modo tão selvagem" desejam "amansar" os "espoliados" habitantes das selvas. Os fazendeiros são "usurpadores gananciosos", "conquistadores de nova espécie", "brutais" que "trucidam" e "aprisionam". Junto a eles estão os "trilhadores" de índios e os oesertores do exército que tomam parte na matança. (Op. cit.:60/61)

Inverter, porém os adjetivos pode não passar de uma constatação. Os índios são instados por Rondon a uma "pacificação com a gente civilizada" ou, como percebe logo em seguida, "que se presume civilizada". Mas os Uachiri não têm saída já que o projeto de civilizar é amplo o suficiente para abrigar a terra, o índio, o soldado, o desertor e o grande proprietário de terra.

Este episódio, contado por Rondon unindo a sua passagem pela Fazenda do Taboco em 1902 e o encontro com os Uachiri em 1904, quando os convence a voltar à Serra de Maracaju, traz para a análise a questão mesma da elaboração dos Relatórios de trabalho e a distância relativa que esta elaboração possa ter da prática de campo. Por não se poder contar com os Relatórios Parciais, que deveriam apresentar um discurso mais colado com os acontecimentos, há que se pensar o Relatório Geral como uma peça já lapidada. Objetivamente, o

longo espaço de tempo dos trabalhos dessa Comissão (1900/1906) faz surgir uma sistematização inicial dos modos pelos quais Rondon pensa ser proveitoso o contato com as tribos hostis e os meios de as "atrair" para o convívio com os civilizados. Por outro lado, em relatos que acompanham o dia a dia da Expedição Rondon apenas anota a ocorrência de encontro com índios escravizados nas fazendas, quando o mesmo fato, mais adiante, na sua carreira de indigenista deverá resultar em atitudes fulminantes.

233 Seguindo adiante a Expedição, chegam à vila de Aquidauana, inaugurando mais uma Estação Telegráfica em agosto de 1903. A linha toma logo em seguida o rumo de Corumbá, fazendo com que se aproximem das fazendas do Jatobá, Rebôjo, Rio Negro. Mais adiante, outras fazendas, Paraiso, Esperança, Firme, todas elas fazendas de criação de gado com um número de cabeças, nada desprezível, que pode chegar a 40.000 (Fazenda Rio Negro). Trabalhando com o gado, entre os "camaradas" das fazendas os índios Terena e Guaicuru.

234 Atravessam ainda, além de novas fazendas, o estabelecimento agrícola de Urucum, Usina de açúcar e aguardente, inaugurando em janeiro de 1904 as Estações de Corumbá, Fazenda Firme e Rio Negro.

235 Os trabalhos foram suspensos de janeiro a março de 1904 e só retomados em abril deste mesmo ano, quando foi feito o levantamento do ramal de Miranda (Aquidauana/Miranda). A linha volta a cruzar rios, corixas, córregos e ainda a "antiga aldeia dos Quiniquinau, hoje abandonada e já invadida por

fazendeiros que se apossaram dessas terras". (Rondon. 1949:81) Outras fazendas de gado se localizam na região, sendo a mais importante a Cutape, cujo proprietário Coronel Estevão Alves Correa possui 10.000 reses e tem como "camaradas", na sua maior parte, índios Terena.(9)

Rondon passa então a relatar o caso de um fazendeiro rico que ao fazer o ajuste de contas anual de seus camaradas Terena, o faz de tal maneira, descontando enormes débitos no comércio que ele próprio controla, que dos salários reduzidos não sobra nada.

Esses "camaradas de conta" presos na "escravidão de nova espécie" (Op. cit.:83) não podem deixar o patrão a não ser que um outro se responsabilize pela dívida ou a quite imediatamente.

Nem mesmo o reconhecimento de um novo tipo de escravidão, montada dentro de um sistema que conta com o apoio das autoridades que, "coisa curiosa", espanta-se Rondon, são os próprios fazendeiros, vai desembocar na explicitação de um projeto para os índios, independente do projeto mais geral de "civilizar".

> "Coisa curiosa. Nos Povoados e nas Vilas a polícia esta sempre nas mãos dos próprios fazendeiros, que são as autoridades, já como Juízes

---

(9) Os índios Terena, segundo Rondon, "são os mais dóceis que conheço da raça ameríndia. Estão já transformados e há mais de um século que a sua gente não conhece mais o arco e flecha. (...) Criam gado vacum e cavalar e são excelentes vaqueiros. Por estes motivos muito procurados pelos fazendeiros, que também os preferem em razão de se contentarem com pouca remuneração, o bastante para se vestirem, cometem e satisfazerem seus vícios". (Rondon, 1949:82/83)

de Paz, já como Delegados e sub-delegados. Os soldados são por eles mesmos engajados e desde então considerados seus próprios camaradas. São os fazendeiros quem lhes fornecem os viveres e recebe-lhes o sôldo e a etapa. Prestam-lhes os soldados serviços de vaqueiros e lavradores, e desempenham todos os trabalhos que os fazendeiros, autoridade policial, lhes ordena.

Não pode haver fiscalização contra esses abusos, porque há verdadeira solidariedade entre os ricos, que se revezam nesse usofruto".

(Rondon, 1949:80/81)

Daí para diante o Relatório passa a descrever levantamentos e construções dos Ramais de Aquidauana, Coimbra, Cáceres e o reconhecimento feito na fronteira desde Bela Vista até São Tomás, no percurso do qual são enumeradas quase 30 fazendas de criação de gado, seus proprietários, suas riquezas naturais, seus trabalhadores. Especificamente sobre índios irá se referir ao encontro com os Caiuá e Ofaié e, logo adiante com os Guachi, Terena e Quiniquinau.

Com os Caiuá, da nação Guarani, vai se encontrar na barra do rio Dourados, trabalhando na extração e fabrico da erva-mate. Sobre os Ofaié deixará assinalado sua localização no trecho do rio Paraná entre os rios Pardo e Samambaia e a ocorrência do encontro com um menor da nação Ofaie "escravizado pelos fazendeiros da Vacaria". (Op. cit.:102)

Mais adiante, a caminho da Vila de Aquidauana, entre as fazendas das Correntes, do Ribeirão Vermelho e da Palmeira, assinala que, neste local, nas matas do Ribeirão Vermelho "estiveram refugiados durante muito tempo os índios Guachi, Terena e Quiniquinau, durante a Guerra do Paraguai". (Op. cit.:107)

De Cáceres seguindo para a cidade de Mato-Grosso (Vila Bela), Rondon irá se referir aos Bororo-Cabaçal que viviam em luta aberta contra os habitantes desta cidade e foram pacificados e reunidos no antigo registro de Jauru (1842) pelo pároco. Quando de sua passagem pela área a aldeia Bororo não mais existia e esses índios já se haviam dispersado, localizando-se nas fazendas ao redor.

Os Expedicionários ainda fazem, a partir de agosto de 1906 o levantamento do Rio Paraguai onde encontram algumas famílias da tribo Guató e reconhecem as terras onde "viveram" esses índios e que agora pertencem à Fazenda do Rio Novo.

A Expedição é dada por encerrada no mesmo mês de agosto de 1906 e Rondon conclui seu Relatório com elogios àquelas praças que, na realização de seu trabalho reuniram as qualidades de tenacidade e resistência com aquelas de "resignação no sofrimento". Na verdade um "projeto" de exército que com tais qualidades deveria contribuir para a civilização das terras e populações do sertão.

É importante que se faça um recorte neste acompanhamento dos relatos das diferentes Comissões (do qual este capítulo é parte), que se considera a base etnográfica deste trabalho, para que se possa avaliar cada Comissão especifica,

não somente com relação ao momento de desenvolvimento das categorias importantes para a construção desta analise, mas também com relação a apropriação que delas será feita pelos textos de divulgação, na construção de uma história, contada e recontada de acordo com momentos e interesses especificos.

248 A ligação pelo telégrafo das areas de fronteira, com o sentido estratégico de defesa e ocupação, é o veio principal a guiar o empreendimento que acabamos de descrever. Há que se tornar essa parte do território nacional bem conhecida não somente do ponto de vista cartográfico, como também, e principalmente, no que diz respeito à sua população, riquezas naturais, capacidade de produção, vias de comunicação.

249 O prestigio de Rondon, no entanto, é no decorrer de sua vida construído em cima de sua prática de sertão, e, sobretudo, a partir de um determinado momento, da sua prática em lidar com índios de tribos hostis.

250 Neste sentido esta talvez seja a Comissão menos "exemplar" de todas. Os índios não são exatamente os mais ferozes, nem o território atravessado pode ser considerado desabitado. Muito pelo contrário, as terras indígenas a que Rondon irá se referir, estão, na maioria das vezes, relacionadas num tempo pretérito, quando os índios ali "teriam vivido", antes de sua ocupação pelas grandes fazendas de criação de gado.

251 Por isso mesmo, esta Comissão é a menos citada e não esta efetivamente incluida na história daquela que ficou

conhecida como a "Comissão Rondon" e que se estende de 1907 a 1915.

Os textos de Viveiros (1958) e Magalhães & Barbosa (1916) procuram uma homogeneidade na construção da trajetória de Rondon que passa principalmente pela necessidade de encontrar sempre explicitado desde o início dos seus trabalhos de campo, um projeto especifico para as comunidades indígenas. independente do projeto mais geral de "civilização" que abrangia as outras categorias sociais envolvidas na idéia de "povoamento" e "aproveitamento" das terras do sertão.

Em 1915, com a publicação das reportagens que vêm, logo em seguida a se constituir no livro "Missão Rondon", os autores fazem questão de ressaltar, para este período, as intervenções realizadas por Rondon para "proteger a segurança pessoal e a vida dos selvícolas" (Magalhães & Barbosa, 1916:58) Primeiro dirigindo representações ao Governo do Estado e depois diretamente ao "principal culpado das violências" contra os Ofaié (no Relatório de Rondon (1949) acima citado chamados de Uachiri) da região dos rios Negro e Taboco, o Coronel José Alves Ribeiro, que Rondon pretendia convencer a não mais perseguí-los.

Ao contrário do que dão a entender os autores, Rondon não somente não consegue convencer a este fazendeiro de pôr um fim a suas atitudes "execráveis e infamantes", como também vem, logo em seguida, a tomar conhecimento de novos ataques a esses índios.

Outro ponto importante é a decisão de Rondon de

salvar "os últimos pedaços da terra que aos terenas e quiniquinaus restavam de seus vastíssimos domínios". (Viveiros, 1958:225) O Relatório não faz qualquer referência a esses trabalhos de medição e levantamento com os quais consegue em seguida o reconhecimento do "direito de propriedade dos índios sobre aquelas glebas". (Magalhães & Barbosa, 1916:58)

Tanto para Viveiros, quanto para Magalhães & Barbosa são especificamente esses dois episódios somados à continuação, junto aos Bororo, da obra de defesa iniciada por Gomes Carneiro, que vão dar a esta Comissão a feição civilizadora.

A "missão civilizadora" neste momento, vale repetir, nos parece ter um sentido mais amplo, de ordenar as relações entre os diversos atores sociais que lutam por ocupar um espaço na região de fronteira do Brasil (Mato-Grosso) com o Paraguai e a Bolívia, entre eles incluindo-se os índios.

Não se pode esquecer, porém, que o pensamento positivista, ao qual Rondon estava ligado já havia esboçado as bases para uma proposta de ação junto àquelas populações que, junto com o elemento negro e o branco contribuiam para a formação da nacionalidade brasileira.

Como contribuição à Constituição de 1891 os positivistas definem a República dos Estados Unidos do Brasil composta pelos Estados Ocidentais Brasileiros e os Estados Americanos Brasileiros, "empiricamente confederados, constituídos pelas hordas fetichistas esparsas pelo território de toda a República". (Lemos e Mendes, 1890) O Governo Federal deveria lhes oferecer "proteção" contra violências tanto em

relação a sua pessoa, quanto ao seu território. Deste modo, os territórios indígenas não poderiam ser atravessados "sem o prévio consentimento pacificamente solicitado e so pacificamente obtido". (Lemos e Mendes, 1890)

Também a idéia de "incorporação" já estava presente nos textos de Lemos e Mendes de 1888, a proposito da abolição da escravatura e Rondon irá apontar como causa do "estado de lutas" em que se encontram algumas tribos e aqueles que estão "no gozo de todas as vantagens sociais", "a falsa doutrina que nega aos índios a sua incorporação à sociedade moderna". (Rondon, 1949:138)

A "incorporação" deverá então, vir junto com a proposta de "civilização" na medida em que esta supõe: ordem, justiça, comércio entre sociedades, elevação do nível moral. Aqueles , "no gozo de todas as vantagens sociais", que são dentro da ordem positiva os "fortes" que devem zelar pelos "fracos" devem, para que isso se constitua em verdade ser objeto da "civilização" que coloca-lhes ao poder um limite, trazendo, pelas comunicações imediatas com os grandes centros a aplicação de uma justiça que não seja a deles mesmos, apenas para o seu beneficio.

E o Estado que tem o papel de "criar a nação" protegendo os mais fracos dos elementos formadores desta nacionalidade. Apesar de formadores da nacionalidade, seu estágio de atraso deve se reverter em atenção especial por parte do Estado que irá assimilá-los "pelo amor e pela ciência".(Lemos, 1902)

Segundo Leite (1987), a função de assimilação ou incorporação está ligada à idéia de proteção, cabendo ao Estado criar as condições de "redenção" dos indígenas.

Assim, estão dadas algumas normas a serem observadas no trato com as comunidades indígenas e podem ser observadas na descrição dos encontros com os diversos grupos indígenas com que cruza a Comissão de Linhas Telegráficas do Estado do Mato-Grosso.

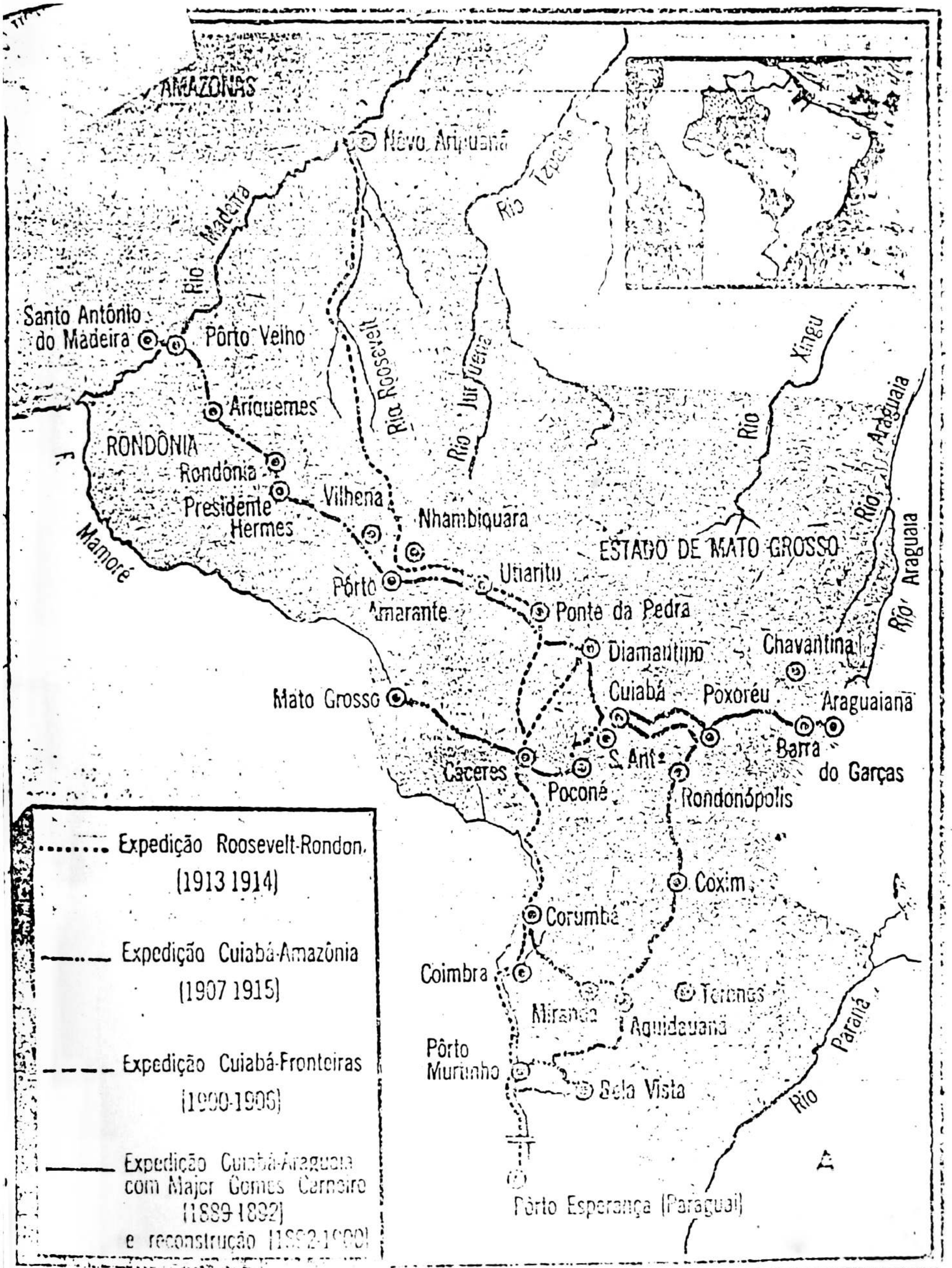
Os Bororo já vinham de contatos anteriores tanto com a Comissão de Gomes Carneiro quanto ao período de reconstrução desta mesma Linha, da qual Rondon ficou encarregado. Daí por diante sempre que passa por suas aldeias Rondon os visita, prestigia seus chefes, distribui presentes, assiste a suas festas. Aqueles grupos Bororo incorporados aos trabalhos da Comissão que se inicia em 1900 são tratados com "paciência" e "bondade", dentro de uma organização de trabalho em que deveria prevalecer a "disciplina", a "moralidade" e o "respeito". Para isso, o Chefe da Comissão lança mão, por mais de uma vez do método do Conde de Lipe para castigar as praças que pretendem não respeitar os índios invadindo seu acampamentos. Não se pode esquecer que seriam também os soldados (diferentes do proletariado apenas pela farda) objeto de civilização.

Para os Uachiri, grupo ameaçado pelos ataques organizados pelos fazendeiros da região do Taboco, Rondon esboça que tipo de relações teriam que ser encetadas para um convívio sem traumas: aos fazendeiros recomenda que se esforcem para "atrair" os índios ao "convívio da sociedade moderna" e

aos índios aconselha uma "aproximação e a pacificação com a gente civilizada".

Atrair, ensina Rondon, significa "manter relações amistosas" para o que é necessário que se fale a língua indígena, que lhes dê presentes, inspire confiança, abandone a posição de guerra.

Os Terena, Quiniquinau, Ofaié, estão na outra ponta do processo de contato com os brancos. Rondon os encontra preferencialmente nas fazendas, na condição de "camaradas". Destribalizados, presos a dívidas contraídas com os patrões, trabalhando em regime de escravidão disfarçada. São, na verdade, o resultado final do processo de "civilização" no qual perdem suas terras e são obrigados a alugar sua mão-de-obra para sobreviver.


AMAZONAS
Novo Aripuanã
Rio Madeira
Rio Ituxi
Santo Antônio do Madeira
Pôrto Velho
Rio Roosevelt
Rio Juruena
Rio Xingu
Rio Araguaia
Ariquemes
RONDÔNIA
Rondônia
Presidente Hermes
Vilhena
Nhambiquara
Rio Mamoré
ESTADO DE MATO GROSSO
Pôrto Urupará
Ponte da Pedra
Diamantino
Chavantina
Mato Grosso
Cuiabá
Poxoréu
Araguaiana
Barra do Garças
Cáceres
Poconé
S. Ant.
Rondonópolis
Coxim
Corumbá
Coimbra
Miranda
Terenos
Aquidauana
Pôrto Murtinho
Bela Vista
Rio Paraná
Pôrto Esperança (Paraguai)
Expedição Roosevelt-Rondon (1913 1914)
Expedição Cuiabá-Amazônia (1907 1915)
Expedição Cuiabá-Fronteiras (1900-1906)
Expedição Cuiabá-Araguaia com Major Gomes Carneiro (1889-1892) e reconstrução (1892-1900)

Capítulo III:

A Comissão Construtora de Linhas Telegráficas,

Estratégicas do Mato-Grosso ao Amazonas

A Primeira Expedição - 1907

Após a conclusão dos trabalhos de construção das Linhas no Estado do Mato-Grosso, Rondon retorna ao Rio de Janeiro e se vê já envolvido, a convite do Presidente Afonso Pena, em mais um empreendimento que deveria ter como objetivo estratégico a consolidação da incorporação dos território do Acre, do Purus e Juruá através de Linhas Estrategicas.

O Acre se torna uma região importante e disputada pelo Brasil e a Bolivia já que seu principal produto, a borracha, ganhava importância no mercado internacional. Os conflitos entre os dois países terminam com a assinatura do Tratado de Petrópolis, em novembro de 1903, no qual o Brasil anexa o Acre em troca de dois milhões de libras esterlinas e o compromisso de construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamore. O acordo porém não impede que a região seja alvo da cobiça dos países confinantes e se torne cada vez mais urgente a proteção dessas fronteiras.

O Major Cândido Rondon assume então, em 4 de março de 1907, a Chefia da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato-Grosso ao Amazonas. As Expedições que serão executadas no âmbito desta Comissão serão acompanhadas através dos Relatórios técnicos executados por Rondon, como parte das suas obrigações junto ao Ministério da Guerra. (1)

Como no capítulo anterior, o acompanhamento dos

---

(1) Os relatos das Expedições estão divididos em três partes que, constituindo-se em publicações independentes, irão cobrir o período de 1907 a 1912, incluindo a construção da Linha.

relatos, apesar de seguir a ordem cronologica da apresentação dos fatos, não se propõe a nenhuma reconstrução historica, senão tornar explicitadas, em seu contexto de referência e formação, a construção das categorias relativas ao processo de atração e pacificação de tribos hostis. Serão repertoriados os momentos de encontro da Expedição com as nações indígenas da área, sejam elas hostis ou não, para tentar perceber que tipo de lógica particular presidia a relação dos diversos atores neste cenário.

A Comissão obedeceria a um plano de trabalho que estabelecia:

"A linha telegráfica partirá da estação em Cuiabá e irá em demanda da cachoeira de Santo Antonio do Madeira, Estado de Mato-Grosso,passando pelas povoações de Guia e Brotas e pelas vilas de Rosário e Diamantino; além destas, pelo divisor de águas do Paraguai e Guaporé com as do Tapajós e Gi-Paraná até o porto de Santo Antonio, ponto inicial de construção da Estrada de Ferro de Madeira ao Mamoré. Haverá nesse trecho os ramais seguintes: um para a cidade de Mato-Grosso, que será o prolongamento da linha de Cáceres; outro para o Forte do principe da Beira, partindo de uma das cabeceiras do Jamari. (...) De Santo Antonio do Madeira a linha procurará as sedes das Prefeituras do Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá, podendo chegar a Tabatinga, se isso for

conveniente ao Ministério da Guerra. Um último grande ramal procurará Manaus, partindo de Santo Antonio, pelo divisor de águas do Madeira com o Purus". (Rondon, 1915:11/12)

Os trabalhos gerais foram divididos em três seções. A primeira, chefiada pelo Engenheiro Major Feliz Fleury de S. Amorim, construiria o ramal que ligaria Cáceres a cidade de Mato-Grosso. A segunda seção iria construir a linna tronco de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira, chefiada pelo Capitão Marciano de O. e Avila que tinha por auxiliares o 1º Tenente Manoel Theophilo da Costa Pinheiro e o 2º Tenente Manoel Rabello. A terceira seção ficaria sob a chefia direta de Rondon auxiliado pelos Tenentes Renato Barbosa Rodrigues Pereira, Nicolau Bueno Horta Barbosa e o 2º Tenente João Salustiano Lyra. A tarefa desta seção seria o reconhecimento do sertão através do qual se determinaria o traçado da linha tronco.

Para essa primeira Expedição da terceira seção, Rondon coloca como meta chegar até o Rio Juruena que, tendo então sua localização determinada, serviria de base para as expedições seguintes em direção ao Rio Madeira.

Iniciando a Expedição em setembro de 1907, Rondon vai atravessar primeiro o território Pareci, onde os personagens são agora aqueles envolvidos basicamente na atividade do seringal e os índios.

Os índios Pareci estão distribuidos em aldeias e malocas em um território que, se não é ainda, neste momento,

totalmente controlado e explorado pelos seringueiros, tem os seus limites constantemente questionados pelo crescimento da exploração dos seringais, gerando um clima de tensão e desconfiança mútua. Muitos indios trabalham nos seringais mas sobre eles pesa a acusação de serem responsaveis por antigos massacres a expedições que procuravam localizar novas matas de seringa. Por outro lado, alguns Pareci que não trabalham na seringa acusam os proprietários de explorar o seu povo.

As noticias correntes nesta área dão conta da existência de outros índios, "ferozes" e "canibais", que estariam impedindo a exploração permanente dos seringais da região do Juruena. Esses são os Nhambiquara.

A relação entre os Pareci e os seringueiros se atualiza dentro de parâmetros contraditórios que permitem que as terras onde localizam suas malocas sejam identificadas pelo proprio Rondon como pertencente a esta nação indigena, e, ao mesmo tempo, seja toda ela reconhecidamente pontuada pela presença das "feitorias de seringueiros".

Ao contrário do empreendimento agricola que necessita expulsar os índios das terras que serão ocupadas pelas culturas, a exploração da seringa pode contar, num primeiro momento, com uma convivência conseguida na maioria das vezes por um processo anterior violento, em que a mão-de-obra indígena lhe é de grande utilidade, já que aclimatada e conhecedora da localização das árvores no interior da floresta. (Oliveira Filho, 1979)

Rondon atravessa o território Pareci, visitando as

aldeias que se encontram no seu caminho. Utilizando sempre um guia índio, em cada aldeia é por este apresentado ao "Amure" (chefe, cacique) que e presenteado com "brindes" e ouve uma preleção na qual lhe é prometida a "amizade e proteção". (Rondon, 1915:47)

Os brindes ("presentes") eram pessoalmente distribuídos por Rondon que o fazia entre os "homens, mulheres e crianças" de cada grupo, consistindo quase sempre de "roupas, ferramentas e contas". Para os chefes estavam reservados presentes especiais: "espingardas, pólvora, chumbo, roupa, e outros brindes". (Rondon, 1915:47)

Do dia 02 de setembro a 10 de outubro Rondon percorre as terras Pareci seguindo por trilhas abertos pelos índios, nos seus deslocamentos tradicionais, ou pelos seringueiros com a ajuda desses mesmos indígenas. Aqui Rondon encontra o "coronel", o "abonado", o "seringueiro", o "barracão", a "feitoria" e a empresa de seringa, e é contando com a estrutura básica por estes já estabelecida, que facilitava sobremaneira o deslocamento da tropa, que seguirá até o limite do território Pareci.

Ultrapassado o último "posto avançado" dos seringueiros, um porto aberto no rio Burity, os expedicionários teriam que seguir adiante abrindo seu próprio caminho. Atravessam o rio do Calor e daí para diante Rondon passa a assinalar, já no dia 12 , o início das privações de alimentos com a qual a expedição teria que conviver até o seu retorno na Aldeia Queimada.

Na cabeceira do rio Cristal aparecem os primeiros vestígios dos índios Nhambiquaras, na forma de ranchos de caçada e de sinais da existência de antigos aldeamentos. Mais adiante, na margem do grande córrego Jati, um espaço descampado indica o lugar de um antigo aldeamento que o guia Pareci reconhece ("talvez por tradição") como sendo de antiga aldeia de sua tribo.

> "Contou-nos que foi aí que a sua gente recebeu o último golpe dos civilizados, provavelmente Paulistas que aprisionaram um grande número de Parecis, levando-os como escravos para a Cidade, de onde nunca mais voltaram. Via-se, portanto, por essas reminiscências tradicionais, que os Parecis já povoaram o Juruena, de onde foram expulsos pelos atuais habitantes - Uacoacorés, nome por eles dado aos Nhambiquaras.
>
> Cederam à força, e diante do poder dos seus inimigos, resolveram abandonar os seus primitivos territórios que , hoje reconhecem como conquistados e de legítima propriedade dos Nhambiquaras". (Rondon. 1915:56)

Os Pareci definem como seu território as terras que se limitam a N.O. pelo rio Burity e pelo lado do poente pelas cabeceiras do Juruena (Aná-uiná) e as do Guaporé. Aos Nhambiquara reconhecem o direito às terras conquistadas

respeitando não só o território que lhes foi tomado, como tudo o que existe dentro dele (caça, peixes, frutas, campos,etc).

O Juruena foi alcançado pelos Expedicionarios no dia 20 de outubro e o feito comemorado "entre vivas e descargas de minha espingarda e das Colt dos meus companheiros". (Rondon, 1915:57)

A turma que chega ao Juruena é apenas o pessoal mais avançado da exploração e Rondon planeja buscar os outros para que dali pudessem iniciar a volta para Diamantino. Antes do retorno, porém, planejava-se a visita a uma aldeia Nhambiquara onde deixariam para os índios tudo o que pudessem dispor.

No caminho então é que acontece o ataque no qual Rondon foi atingido no peito e que se tornou citação privilegiada no relato dos interpretadores como exemplar pela postura do Chefe da Expedição de conter o natural instinto de seus companheiros de revidar a um ataque.

Prosseguiam pelo pique já aberto anteriormente, com o pessoal de frente devidamente armados com suas pistolas, Winchester e armas de caça, quando se segue a cena do ataque:

"Um sopro perpassa-nos pelo rosto; (...) uma flecha, cuja ponta mergulhara no sólo arenoso, errado o alvo.

A compreensão súbita do que se passava me desalojou da sella, para atravessar o animal e preparar a defesa, á que fui levado instinctivamente; isto foi n'um pulo. Já no capacete, à nuca, viera

rocegar a pena d'outra flexa e proximo. a doze passos, dois Nhambiquaras retesavam os seus arcos, inclinados para mim. Pareceu-me sentir o seu olhar tão duro como as pontas das flechas que elles pretendiam cravar-me.

A esse tempo lhes dava resposta, á um e á outro. Tudo n'um relance tão fugaz, que dos demais meus companheiros nenhum se apercebeu do que se passava, senão depois. Domingos fora alvejado por duas flexas, eu por três - a terceira viera se quebrar de encontro a minha arma, no momento em que a desfechei sobre o selvagem da esquerda, o que me alvejou no peito.

Não sei por que acaso encontrou ela um pequeno furo no couro da bandoleira; onde engastou-se, senão ter-me-ia fatalmente morto". (Rondon, 1915:58/59)

Os dois índios nos quais Rondon havia atirado, conseguem escapar pelo cerrado e o chefe da Expedição, com muito custo, detém os companheiros que queriam perseguir os índios. Os cães, no entanto, saem ao encalço dos índios e são atingidos pelas flechas daqueles que se organizam numa segunda linha de ataque.

O guia, Uazacuriri-gassu, que bate o terreno em volta, confirma a organização do ataque: a "guerrilha" (Rondon, 1915:59) era composta de três linhas, sendo que a segunda

contava com quatro índios e o maior numero deles ficava numa terceira. Qualquer perseguição que a Expedição tentasse, certamente iria esbarrar nos reforços de retaguarda dos índios.

Rondon organiza a "retirada" já que tentar seguir adiante seria o caminho para provocar uma "guerra" que tinha que ser evitada, "antes de tudo por dever de humanidade e depois em consideração ao proprio serviço que àqueles sertões nos levava". (Rondon, 1915:59)

Para Rondon a "missão" estava terminada:

> "Não viemos conquistar índios, mas sim trazer até o Juruena o Reconhecimento indispensável á nossa construcção - e isso estava feito". (Op. cit.:59)

O projeto de Rondon tem claramente duas pontas que se complementam: de um lado o projeto humanitarista de não responder aos ataques de índios que, por estarem tendo seus territórios invadidos, estariam exercendo um legitimo direito de defesa. Neste sentido existe o reconhecimento dos Nhambiquara enquanto Nação e do seu direito de contrôlar militarmente um determinado territorio.

O outro lado do projeto, porem, faz parte da proposta mais ampla de "civilizar" os sertões o que, para Rondon, aconteceria fatalmente a partir da implantação das Linhas Telegra-

ficas. (2) Sendo assim, há que se proteger o objetivo técnico da missão, não deixando que se deteriorem as relações com os índios da região.

A preocupação de Rondon é sempre o estabelecimento das melhores relações com os habitantes do território que atravessa. A postura de não entrar em confronto com os índios, pode ser interpretada como uma ação tática:

> "... a conservação da linha que nos propunhamos á construir, não poderia ficar sob a ameaça contínua de uma tribu com a qual mal começávamos á travar relações". (Op. cit.:61)

De volta a Aldeia Queimada os dois guias Pareci são dispensados e recebem, cada um, como pagamento, uma espingarda Winchester, uma quantia em dinheiro e alguns outros presentes como foices, facões e roupas. O Chefe Uaza ganha de Rondon o seu fardamento de Major de Engenheiros e o Tenente Lyra presenteia com a sua farda ao filho do Cacique.

Os personagens desta história, ao contrário do que querem fazer crer os divulgadores da obra de Rondon (Viveiros, Magalhães) vivem uma relação conflituosa. O Cacique Uazá, guia da Expedição, não era pessoa em quem Rondon pudesse confiar. Segundo os seringueiros, o velho Pareci, "tipo falso", foi guia de uma expedição em 1896 em que morreram todos.

Os seringueiros são definidos por Rondon como "ousada gente", "novos flibusteiros do sertão". É com essa gente que

Uaza irá comparar o Chefe da Expedição quando a bebida lhe sobe à cabeça:

> "Ocê seringueiro mêmo, ladrão mêmo: Parecis leva ocê longe mêmo, Pareci cansado mêmo, mostra ocê seringa mêmo; ocê não quer pagar Pareci, coitado." (Rondon, 1915:61)

A Rondon não parece em nenhum momento repugnar a utilização da infra-estrutura montada pela empresa da seringa que se estende pelas terras Pareci. Os seringueiros tiveram um papel importante tendo, com os seus postos avançados dentro do território indígena, apoiado a Expedição com suas tropas de burro, comida e hospedagem. Esse aspecto do processo histórico é progressivamente deixado de lado pelos intérpretes da epopéia rondoniana. Ao contrário destacam em Rondon aquele que atravessa terras dominadas por tribos guerreiras sem comprometer os interesses indígenas.

A Segunda Expedição - 1908

O objetivo desta segunda Expedição era o de prosseguir com os trabalhos de exploração do ponto em que havia sido encerrado anteriormente, rumo a Santo Antonio do Madeira, ficando então completo o estudo do traçado da linha tronco.

A Expedição parte de Aldeia Queimada, em julho de 1908, buscando um novo caminho para o rio Juruena. Rondon vai estar secundado pelo 2º Tenentes Nicolau Horta Barbosa,

Emmanuel Silvestre do Amarante. João Salustiano Lyra e Themistocles de Souza Brasil. Como guia foi contratado o Pareci Tôloiri que segue na dianteira em busca do irmão, conhecedor dos territórios Nhambiquara. Acompanhando o Chefe da Comissão, sua inseparável matilha de cães.

O fato de estar, agora sim, atravessando uma região totalmente desconhecida e sabidamente em poder de índios hostis, faz com que esta Expedição seja particularmente interessante para que nela se observe a implementação prática de um conjunto de regras táticas que, acreditava o Chefe da Expedição, assegurariam tanto o êxito de sua empreitada quanto a segurança da tribo com a qual entrariam em contato.

A organização mesma da Expedição é colocada como indicativa de uma postura de não entrar em luta com os índios Nhambiquara. O contingente era enorme, ao todo contavam com 126 homens, 96 bois cargueiros, 50 burros de carga, 30 burros de sela, 6 cavalos e 20 bois de corte. O número de homens e o tamanho da Expedição eram importantes como fator inibidor de um possível ataque dos índios:

> "Era necessário que a nova Expedição exhibisse um número maior de expedicionários, para que os índios não se animassem á nos atacar, como fizeram no anno passado". (Rondon, 1915:74)

Os índios estavam em guerra com os seringueiros e qualquer ataque deveria ser percebido como ato de defesa pelas

invasões anteriores de seus territorios. Por outro lado, o Chefe da Comissão tinha clareza que qualquer ataque mais significativo por parte dos índios teria que ser interrompido. Assim, além de se impor pelo número de homens, Rondon mandou que todo o pessoal da Expedição seguisse armado. Os índios não atacariam por temer uma represália.

> "Enquanto não pudéssemos conseguir uma alliança ou um modus vivendi com a gente daquela valorosa e guerreira nação indigena, cumpria que nos apresentássemos em número tal que a contivesse dentro do justo receio de represália á qualquer ataque. Não que premeditássemos tal represália, simplesmente por imaginarmos que pódessem aquelles índios assim raciocinar. Nesse sentido e com esse intuito fiz armar todo pessoal da Expedição.
>
> Na 1ª Expedição tínhamos ido quase desarmados, o que concorreu para facilitar o ataque". (Op. cit.:75)

Apesar de se constituir em um volume único, em que são englobados os relatos das três Expedições de reconhecimento, escrito após o retorno de Rondon ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1910, este Relatório condensa peças de apoio (ordens do dia, instruções, recursos às cadernetas de campo) que oferecem uma visão importante sobre as concepções de

Rondon ao longo do tempo, e o seu confronto com as praticas concretas no campo.

Assim é que, ao contrário da Expedição anterior de 1907 onde os brindes estão colocados como meros "presentes" cuja função seria a de afiançar uma relação de "amizade" que teria como desdobramento uma atitude de "proteção" para com os Pareci, nesta nova investida rumo ao Madeira, em 1908, atravessando o território dos Nhambiquara, os brindes deixam entrever uma tática já utilizada em outros momentos pelos próprios seringueiros para adentrarem em terras indígenas só que agora com um suporte teórico/positivista que da aos índios o status de "nações fracas" e exige que o seu território seja atravessado apenas mediante o seu consentimento prévio, conseguido de maneira pacifica. Na proposta positivista à Constituição Federal de 1891, ficava definido que o Governo deveria proteger os índios contra qualquer violência, seja contra a sua pessoa, seja contra o seu território, que não poderia ser atravessado sem o seu previo consentimento "pacificamente solicitado e só pacificamente obtido". (Lemos e Mendes, 1890)

A relação de brindes inclui machados, foices, facões e facas, lenços de cores vivas, contas e missangas, espelhos e outros objetos com os quais se pretendia conseguir dos Nhambiquara (os "donos da terra") o consentimento para que o seu território fosse atravessado.

A noção positivista , assumida por Rondon, é de que as "hordas fetichistas", garantida a sua proteção fisica e de

seu território pelo Governo, pela evolução conseguida atraves do ensino (do trabalho e da convivencia civil), seriam muito em breve "incorporadas" à "comunhão nacional."

Neste momento, Rondon pede o consentimento apenas para "atravessar" o território Nhambiquara de forma pacifica. Certamente junto à idéia de atravessar estara visceralmente ligada a de "abrir" o sertão à exploração economica, mas tudo isso, naturalmente, rumo à "civilização".

Segundo Leite (1987:17), para os positivistas, os fetichistas deveriam ser vistos enquanto elementos formadores da nação, ao lado do elemento branco e do negro, porém sendo aqueles os "mais fracos" deveriam ser protegidos pelo Estado, encarregado da constituição desta nacionalidade.

Para Rondon o Exército que atravessava as terras Nhambiquara deveria se adaptar a idéia positivista do Estado protetor, criador da Nação. Deveria então ser "forte" em oposição àquela "nação fraca" e, fazendo parte daqueles que "protegem", ser "justo" e "humano" para com aqueles que. certamente, tentariam defender suas terras e famílias do inimigo desconhecido. (Ordem do dia nº1. Em 20.07.1908. Rondon, 1915:76)

Os deslocamentos da Expedição, assim como a organização dos acampamentos são feitos dentro de disposições pre-determinadas que visavam a impedir que os índios tentassem qualquer iniciativa de ataque.

Os expedicionários deveriam se mover dentro de regras de segurança que Rondon chama de "vigilância cautelosa". Com

isso se pretendia evitar qualsquer tentativas de ataques a noite ou pela madrugada que resultassem num massacre completo.

Com relação à disposição dos acampamentos:

"Estes eram sempre dispostos em rectangulo, com três lados fechados pelas cangalhas e cargas de comboio, tendo o quarto apoiado quase sempre na margem de um rio, ribeirão, córrego ou cabeceira. As barracas dos officiaes eram armadas no centro desse quadrilatero". (Rondon, 1915:88)

Fazendo a guarda do acampamento ficava a matilha de mais de 20 figuras, cães de fina raça que à noite defendiam a Expedição das feras, assim como deveriam impedir a aproximação dos índios que pretendessem qualquer ataque.

Paralelamente se estabelecia o serviço de vigilância noturna:

"Desde então, após o jantar, o comandante do contingente e do comboio, escalava a guarda do acampamento. Ella se compunha de 16 homens e a vigilância era assim estabelecida: Em cada vértice do quadrilatero postava-se um soldado, tropeiro ou vaqueiro, conforme a escala, sentinellas que se revezavam de duas em duas horas, das 8 da noite, ás 4 da madrugada". (Op. cit.:88)

Por outro lado, exigia-se dos expedicionarios "bondade e respeito", e a ordem maxima era que se evitasse qualquer atitude de revide, mesmo que alguem saisse ferido em caso de ataque dos índios. Aos seus soldaoos Rondon pedia "abnegação bastante para resistirmos à tentação do orgulho que é a perdição da Humanidade". (Ordem do dia nº.1. Rondon, 1915:76)

Rondon tinha certeza que essa "teoria" contrastava com os "sentimentos belicosos" dos soldados, tropeiros e vaqueiros, para quem os índios se comparavam aos animais ferozes. Daí a fiscalização rigorosa que mantinha:

> "A precaução que tomavamos era aconselhada pela prudencia e principalmente pelo amor aos nossos indigenas: pois, á nós repugnava ter de repellir qualquer ataque, delles proveniente, o que seria inevitável, dado o estado de guerra em que se mantinham com os invasores das suas terras, si não lhes demonstrasemos estarmos sempre vigilantes e em perfeita attitude pacifica". (Op. cit.:106)

Os expedicionários chegam finalmente, com todas as contradições inerentes à sua empreitada, à fronteira dos territórios dos Pareci e Nhambiquara. Na verdade existe um "território neutro" que vai do rio Papagaio ao rio Juruena onde não são encontradas construções de qualquer das duas tribos. Os Pareci, no entanto, parecem não ter qualquer pretensão de

reivindicar o uso deste territorio, do qual ja abriram mão para os seus belicosos vizinnos. Definem seu territorio com o limite no rio Papagaio e rejeitam a sugestão de Rondon para que "voltassem às suas terras primitivas". (Op. cit.:56)

Acompanhar a história das relações que as populações indígenas estabelecem entre si e aqueles que chegam em suas terras através dos recortes estabelecidos por Rondon em seu Relatório, é importante para entender as estratégias que serão propostas pelo mesmo para ordenar, ou pretender um novo encaminhamento para essas relações.

Os dois grupos indígenas que habitam a área em questão são colocados em oposição, em primeiro lugar, pela história de relações, mais ou menos belicosas, que conseguem estabelecer com os brancos da região. Os Pareci são classificados como "pacíficos por índole" e estão em contato com os civilizados com os quais comercializam a borracna e a poaia, além dos seus artefatos tradicionais (redes de tucum e algodão, pacarás, cordas de tucum, peneiras).Os Nhambiquaras são aqueles "índios guerreiros, inimigos dos Parecis e dos civilizados", que não querem relações com os civilizados e são por estes perseguidos a tiros com a intenção de se apossarem de suas terras para a exploração da seringa. (Op. cit.:68)

Os Pareci já tiveram como seus os territórios para além do rio Buriti. Da aldeia Zocuriu-iná, às margens do córrego Jati, sobraram as lembranças do grande aldeamento e dos embates, tanto com os civilizados, quanto com os Nhambiquara que daí os expulsaram.

Rondon procura dar algumas definições para o território Pareci:

> "O nosso guia Toldiri considera como limite actual dos territórios Parecis, para o Norte o Zolaháreuiná, apesar de terem tais índios já habitado o Juruena e o Juína, de onde foram successivamente se retirando para o Sul, com o intuito de evitar a visinhança dos Nhambiquaras (Uaicoacorés), seus inimigos acérrimos e implacáveis". (Rondon. 1915:98)

O guia Tolóiri conhecia o antigo território tribal através de relatos dos mais velhos:

> "Conhecia por tradição todos os outros rios da frente (...)
>
> Fallava-nos na sua gente de outros tempos, a qual, tendo habitado o Juruena, épocas longínquas, percorria essas paragens em incursões guerreiras, contra os Nhambiquaras. (Op. cit.:108)

Rondon também conhecia a história dos Pareci relatada pelo Geógrafo Ricardo Franco, que explorou o rio Tapajós. Mas já em 1720 teriam tido o seu território percorrido pelos bandeirantes paulistas, atrás das riquezas das minas de Cuiabá.

Rondon cita Antonio Pires de Campos, "intemerato

sertanista dos tempos coloniais", que descreve a nação Pareci:

> "E esta gente em tanta quantidade, que não podem enumerar as suas povoações ou aldeias; muitas vezes, em um dia de marcha se lhe passão dez e até trinta casas; todos vivem de suas lavouras no que são incansáveis e é gentio de assento. Faz este gentio obra de pedra como jaspe, em forma de cruz de malta, insígnia que só trazem os caciques ou principais". (Op. cit.:109)

Os Pareci eram então uma "nação poderosa e numerosa" e, segundo constata Rondon, "quase extinta hoje". (Op. cit.:109)

A região do Juruena, desde as suas mais altas cabeceiras até o seu curso inferior, é agora dominado pela nação Nhambiquara, inimigos dos Pareci, a quem se referem com desprezo. Uaicoacorê, nome pelo qual os Pareci chamam os Nhambiquara quer dizer: "gente que dorme no chão, como porco".

Um elemento mais recente na história dos Pareci e o seringueiro, definido no texto do Relatório em pauta de forma absolutamente ambigua.

Os seringueiros

As relações dos índios Pareci com os civilizados passa fundamentalmente por uma historia do sucessivo avanço

desses últimos por sobre as suas terras, que guardavam uma imensa riqueza na forma da "árvore do ouro negro".

A principal aldeia Pareci ficou conhecida como "Aldeia Queimada" depois que o seringueiro Virgílio Costa Marques a incendiou por conta de desavenças com os índios que tinham, eles mesmos, desvendado a riqueza de suas terras. Os índios haviam guiado o seringueiro pelas margens dos rios Verde, Sacre e Papagaio, abrindo o seu território a exploração e se tornaram, logo em seguida, trabalhadores desses seringais recebendo pelo seu trabalho não mais que "bugigangas". (Op. cit.:78)

Os Nhambiquara, da mesma forma, estavam cada vez mais pressionados em seus territórios pelo avanço das expedições de seringueiros. Em julho de 1907 uma expedição do seringueiro Pedro Vigner deu combate a esses índios no vale do rio do Calor e por eles foi expulso de suas terras.

O guia Pareci da atual Expedição de Rondon, o índio Tolôiri, havia guiado a três anos atrás o seringueiro Totósinho de Figueiredo em direção às margens do Juruena a procura de campos novos de seringa.

Aos seringueiros Rondon reputava como "crueis" e "egoistas". Deles ouvira histórias de assassinatos a grupos inteiros de índios e via-os explorados na extração da seringa, recebendo por pagamento missangas e outras bugigangas. São homens audaciosos, "substitutos perigosos dos bandeirantes", também chamados os "novos flibusteiros do sertão":

"Pela seringa essa gente, como os garimpeiros e faiscadores dos tempos coloniaes, é capaz de toda audacia, como de toda crueldade.

Imbuidos da falsa noção de que os indios sejam como os animaes, destituidos de direitos, até da propria vida, vão invadindo os sertões, varrendo a ferro e a fogo os seus lidimos senhores, para ter, livre de qualquer embaraço, o exercicio dessa indústria indigena, base fundamental da grande indústria moderna da borracha". (Rondon, 1915:113)

A exemplo do que fazia quando percorreu os caminhos de Mato-Grosso utilizando como apoio das suas Expedições as grandes fazendas de gado, e mesmo na Expedição anterior (1907) desta mesma Comissão, Rondon irá se utilizar, quando possivel, da estrutura que os grandes seringueiros têm na região e que é, em última análise, construida com base na exploração dos indios e do avanço por sobre os seus territórios originais.

Na área dos Pareci, despontam como grandes proprietarios de seringais o "fazendeiro" Maneco Rondon, a Companhia Richemond e os "industriais" Virgilio da Costa Marques e Totósinho de Figueiredo. Os demais seringueiros citados no decorrer do Relatório se ligam a um desses proprietários como "abonados", trabalhando em uma "feitoria" ou um "porto".

Na Expedição de 1908, Tapirapoan foi eleito como base melhor constituída para dar apoio ao abastecimento da

construção. É deste Porto de seringueiros que parte a Expedição. Assim, a reprovação e a indignação do Chefe da Comissão é reservada para os atos de violência física dos seringueiros contra os índios. As suas posses atuais das matas de seringa não são contestadas já que os Pareci parecem conviver "pacificamente com os civilizados".

É neste quadro de relações que se insere esta Expedição que avança já agora pelas terras Nhambiquara. É no acompanhamento da descrição do avanço da Expedição que poderemos descobrir por baixo das definições ideológica de um projeto que se auto-denomina "humanista" a existência de um projeto de abertura e ocupação de terras que utiliza a única instituição com organização e poder suficiente para levá-lo adiante: o Exército.

O estado de guerra pré-existente na região atravessada pela Comissão fora detectado pelas notícias dos antigos combates travados entre índios e seringueiros. A Comissão já havia sofrido um ataque ao tentar penetrar nas terras Nhambiquara, a um ano atrás. Esta nova Expedição, como já demonstramos anteriormente, vinha organizada de modo a não permitir que houvessem confrontos nos quais se apresentasse a necessidade de um revide.

O começo do dia no acampamento era marcado pelo som dos clarins e cornetas. Seu toque não era a repetição apenas de um hábito de caserna. Rondon pretendia que aquele som pudesse ser ouvido de longe pelos índios, não deixa porém de comparar o contraste entre o som melodioso das flautas Pareci com o som

daqueles "instrumentos de guerra". (Op. cit.:89) O objetivo era marcar a força bélica da Expedição.

Além dos clarins e cornetas houve o consentimento para que as praças e empregados levassem suas sanfonas e flautas. Para chamar a atenção dos índios Rondon, por fim, também levava em sua bagagem uma série de divertimentos, entre eles o gramofone e o cinematógrafo que "funcionaria também como lanterna mágica". (Op. cit.:89) Esses itens estariam ligados à idéia da "atração" pelo "encantamento", pelo "espetáculo". (Este item será melhor desenvolvido adiante)

Dentro do território Nhambiquara primeiro de forma inadvertida, depois propositadamente, ateia-se fogo nos matos e macegões provocando incêndio que durariam dias seguidos, ou avançando por "todo o mês de agosto" em "queimadas que nunca mais se apagaram".(Op. cit.:106) Os incêndios tinham dupla função: limpariam os campos proporcionando a formação de futuras pastagens capazes de alimentar o gado nas próximas incursões, servindo também para acabar com lugares prováveis para que se ocultassem os Nhambiquaras em emboscadas.

Todos os avanços do comboio eram previamente verificados pelo guia Tolôiri que determinava os trechos de mais fácil acesso. Os acampamentos tinham os seus arredores percorridos e a vigilância era redobrada com o aparecimento de sinais dos Nhambiquara.

Seguindo adiante nas explorações o guia encontra um aldeamento abandonado e um outro com sinais de estar ainda habitado. Da aldeia abandonada leva para Rondon uma flauta de

taquara que este pede que seja devolvida para que os índios não supusessem serem os elementos da Expedição, "alem de invasores, salteadores". (Op. cit.:118)

Prosseguem no caminho com "vigilância e disposição de marcha estratégica" (Op. cit.:120) já que agora, certamente, os índios estariam acompanhando os passos da Expedição, e sendo assim, qualquer surpresa deveria ser evitada. Passam por outra aldeia na qual verificam que os Nhambiquara já possuem machados de ferro, talvez conseguidos em algum assalto aos seringueiros.

Mais adiante é encontrada uma grande roça Nhambiquara onde haviam começado uma plantação de mandioca. Para demonstrar amizade e as suas "pacíficas intenções", Rondon manda que plantem milho neste roçado. Na verdade, plantar milho vai além da simples demonstração de amizade:

> "As covas foram abertas com as nossas enchadas que foram aí deixadas, de presente aos roceiros indígenas, para que elles pudessem aproveitar do ensino que então lhes dávamos, com a applicação de um instrumento mais aperfeiçoado que lhes pouparia maior esforço.
>
> Abrimos diversas cóvas, deixando ao lado d'ellas a enchada de que nos servimos, para que pudessem ver, indagar e applicar.
>
> Era um ensino agrícola ambulante que íamos assim difundindo pelo sertão adentro ..." (Rondon, 1915:122)

Os índios "guerrilheiros"

Rondon sabia que os índios fugiam à frente da Expedição, mas supondo que preparavam uma emboscada na travessia do rio Juruena, usa os seus cães para se certificar das condições de segurança para o acampamento na margem direita deste rio.

Uma gritaria das praças na retaguarda e o resultado de um ataque dos índios que chegaram a arremessar as suas flechas sem ter, no entanto, ferido ninguém.

Para "afugentar" os índios Rondon atiça seus cães em direção à mata disparando sua arma para o ar, o que desencadeia um "movimento impulsivo" do pessoal, que passa a atirar. (Op. cit.:128)

O grupo de Nhambiquara que realizara o ataque era em número considerável, o que foi verificado pela quantidade de rastros que deixaram nas diversas direções pelas quais fugiram.

Ao retroceder para o acampamento os Expedicionários avistaram pontos escuros do outro lado do rio, que pareciam ser índios. Para tirar a dúvida, Rondon atira nesta direção com a pontaria elevada. O resultado foi uma nova descarga de tiros do pessoal que, descontrolado, atirava em todas as direções.

O comandante do comboio, que ouvira já os primeiros disparos, sem saber o que sucedia, "supondo um ataque de defesa" realiza as manobras necessárias: manda tocar o sinal de "sentido e preparar". Organizado todo o pessoal em "linha de

defesa", marcha até o acampamento. (Op. cit.:128)

Seguindo a opinião de alguns companheiros, Rondon chega a mandar 20 praças para que, aprisionado pelo menos um índio, este fosse presenteado e solto, tomando assim conhecimento das intenções pacíficas da Expedição. Decide logo em seguida, para "não tentar absolutamente contra a liberdade dos nossos atacantes", tomar a "posição de defesa", devendo adotar o processo da "resignação, paciência e justiça". A vitória seria mais demorada, porém mais "segura e duradoura". (Op. cit.:129)

No acampamento foram reforçadas as "formalidades militares de defesa" e todos os sentinelas aguardavam o possivel surgimento dos "guerrilheiros".

Os termos técnicos de uma operação militar fazem ressaltar uma organização bastante estruturada e previamente estudada já que a Expedição estaria efetivamente atravessando uma área de conflito declarado. O empreendimento pacífico tem como pano de fundo um projeto de ocupação que precisa se impor pela força de um avanço militar. O confronto, neste momento se dá ao nivel das técnicas de combate que os índios, por um lado, são capazes de acionar, e os Expedicionários, em contrapartida, julgam eficientes para alcançar os seus objetivos mais a longo prazo.

Os Expedicionários, como já vimos, mostram o seu poder de destruição como forma de evitar o confronto direto (o fogo, as armas, os toques de guerra, os cães). Quando próximos dos índios avançam em "marcha estratégica" e podem até mesmo

fazer uso de um não definido "ataque de defesa". A posição de defesa, que é a principal tatica de avanço da Expedição supõe, no entanto, toda uma tecnica paralela de ataque. Esta técnica parece estar afinada com o tipo de combate que estaria sendo travado com um inimigo e "teatro de operações" específicos: aos Nhambiquara é atribuída à técnica de guerrilha. Eles dominam o terreno e usam o sistema de emboscadas, armadas em locais estratégicos, evitando o confronto direto com os seus inimigos.

No dia 1º de setembro Rondon organiza uma turma de 16 pessoas e atravessa o Juruena onde, na sua margem esquerda, encontra os vestígios de uma emboscada impressos nas margens do rio e nas árvores próximas, de onde deduz a lógica do ataque anterior. Os índios acompanhavam diariamente o movimento da Expedição através de sentinelas colocados nas árvores mais altas da mata.

> "Em cima da arvore o indio sentinella preparou um assento commodo e para evitar os raios do sol improvisou uma cobertura de folhas. Tudo demonstra que ali, n'aquella posição, os guerreiros se collocaram, desde cedo, no dia da nossa chegada". (Rondon, 1915:131)

O plano era atacar a Expedição tão logo atravessasse o Juruena e assim se postaram em uma colina que, dominando a area, lhes daria boa posição de ataque. Neste local os índios se posicionaram formando duas filas de ataque e um maior número

de guerreiros se incumbiria de cobrir uma grande area em torno.

Percebendo que não atravessariam o rio tão já, resolvem atacar a retaguarda do pelotão composta por um grupo desarmado que trabalhava na limpeza da picada. Um grupo de guerreiros foi destacado para atravessar o rio, abaixo do local do acampamento e, por dentro do mato, desfechar o ataque.

A narrativa dos interpretadores consegue porém dar um enfoque completamente distinto dos mesmos fatos que temos aqui analisado. Em primeiro lugar a ação e os marcos concretos da ocupação dos seringueiros nas terras Pareci e principalmente o seu incipiente mas firme avanço na região Nhambiquara não fazem parte desses relatos. Com isso, ao mesmo tempo em que se reafirma o caráter "desbravador" desta Expedição, elimina-se o fato, que poderia parecer contraditório num texto de divulgação, da utilização da infra-estrutura daqueles "exploradores" de índios. Nestes textos, ao contrário reforça-se a passagem de Rondon pelos sertões de Mato-Grosso como libertadora na medida em que retira os índios da esfera de influência dos seringueiros, trazendo-os para perto da "ação regeneradora" do pessoal das Estações Telegráficas.

Da mesma maneira o caráter militar e estratégico fica expurgado da história da Comissão Rondon para que sobressaia a sua função civilizadora. As táticas e posturas militares de organização e avanço por sobre cenários de guerra são absolutamente ignorados e resta apenas a impressão de que qualquer ação que venha a lembrar uma atitude militar de força deve ser entendida como um deslize. E isso vale não somente

para as ações explicitamente relacionadas com o desenvolvimento da atuação da Comissão em campo, nas suas relações diretas com os índios, como também no que diz respeito ao próprio Rondon, quando se utiliza de metodos coercitivos fortes para manter a disciplina da tropa.

Sobre a reação dos companheiros após o ataque dos Nhambiquara ainda na Expedição de 1907 Rondon comenta:

> "Discutiam a vergonha que recairia sobre nós se não reagissemos, mostrando nossa superioridade. Confesso que no primeiro momento ia me deixando convencer por esse ponto de vista militar. Mas voltei imediatamente ao ponto de vista humano."
>
> (Viveiros, 1958:243)

Fica subentendido que uma reação de carater militar seria um acontecimento fortuito, fruto apenas de uma fraqueza momentânea do espírito.

De todo modo essa posição é também reforçada pela falta de informações no que diz respeito à reação organizada que os índios poderiam ter preparado para receber aqueles que estão realmente invadindo as suas terras. E para eles "invadir" não tem o sentido de retorica que muitas vezes Rondon tenta dar à palavra. Os Nhambiquara fazem parte daqueles povos "fracos" que através do "amor" e "dedicação" serão redimidos e incorporados ao conjunto que forma a Nação. (Leite, 1987)

O ataque Nhambiquara agora já não faz mais a Expedi-

ção recuar. Com "resignação, paciencia e justiça" pretendiam alcançar a "vitoria, demorada e verdade, porem segura e duradoura".(Rondon, 1915:129) O objetivo era estabelecer uma base de operações dentro mesmo do territorio indigena.

No dia 7 de setembro de 1908, inaugura-se o Destacamento do Juruena, na margem esquerda deste rio, com 52 praças comandados pelo 2º Tenente José Joaquim Teixeira da Silveira, aos quais Rondon recomenda em sua Ordem do Dia nº 2:

> "Como a região é habitada pelos Nhambiquaras, recomendo a este comando maximo cuidado na vigilância dos arredores do destacamento, para que nenhuma praça seja colhida de surpresa pelos índios.
>
> Igualmente recomendo respeito absoluto às suas vidas e às suas propriedades, garantidas pela lei fundamental da República, sem violação aos seus hábitos, nem desacato às familias.
>
> Nenhuma perseguição lhes é permitida após qualquer investida que venham a dirigir contra os ocupantes das suas terras; cabendo ao cômando do destacamento o dever de se esforçar para chama-los ao nosso convívio.
>
> É completamente proibido o incêndio às aldeias, o saque às suas roças, usurpação do menor utensílio que lhes pertença; sendo dever de nossa parte incutir-lhes o exemplo de bons costumes, impostos pela nossa civilização. Devera ser preocupação nossa, o firmar com essa nação indígena

uma paz proveitosa a ambas as partes. dentro dos limites das hostilidades que elas nos mover". (Ordem do Dia nº 2. Em 07.09.1908. Rondon, 1915:137)

O Destacamento deverá ser a base da futura Estação Telegráfica que se projeta para o local e das relações que se conseguir manter com os índios ficara depenoendo a conservação da Linha. Da mesma maneira Ronoon considera estabelecido o "primeiro núcleo de proteção aos indígenas oestes vastos sertões". (Ordem do Dia Nº 2)

Estar no centro do territorio Nhambiquara significa concretizar de fato uma ocupação. A Comissão efetivamente avançou todo o tempo, fazendo com que, de "forma pacífica", os índios recuassem abandonando suas roças, aldeias, seu território tribal, frente a um inimigo poderoso como ainda não tinnam visto antes.

Baseando-se nos proprios relatos de Rondon e possível indagar se os índios estariam mesmo recuando de forma pacífica, ou se o termo mais apropriado seria a fuga ou o recuo estratégico, já que estes abandonavam realmente suas aldeias mas as tentativas de ataques e emboscadas se sucediam. Além do mais os índios já haviam demonstrado que não tinham a intenção de dar combate a um inimigo com tal poder de destruição e organização. Até o momento tinham lutado apenas contra os Pareci, que eram seus inimigos tradicionais e frágeis, e os seringueiros, que tinham armas e atacavam de forma cruel, mas

se aventuravam por sobre seus territorios ainda de maneira não organizada e pontual.

As recomendações da Ordem do Dia nº 2, podem ser resumidas na seguinte linha de ação: o Destacamento ali está para ocupar um espaço, torná-lo "civilizado" através dos exemplos de bons costumes, e, pela primeira vez colocado como um projeto claro, chamá-los ao convivio. Rondon funda o que parece ser o primeiro Posto de Atração no território Nhambiquara e oferece aos índios a "proteção" do Estado.

As demonstrações de poder e tecnologia fazem parte mais uma vez do projeto de "atrair". Sendo assim, a comemoração da data da Independência, neste mesmo dia 7 de setembro, foi celebrada de "modo condigno":

> "Pela madrugada os clarins e cornetas tocaram a alvorada, rompendo o hino nacional, do nosso gramofone, a monotonia d'aquelas notas.
>
> Fogos subiram ao ar e bombas de dinamite troaram no profundo vale do Aná-uiná". (Rondon, 1915:137)

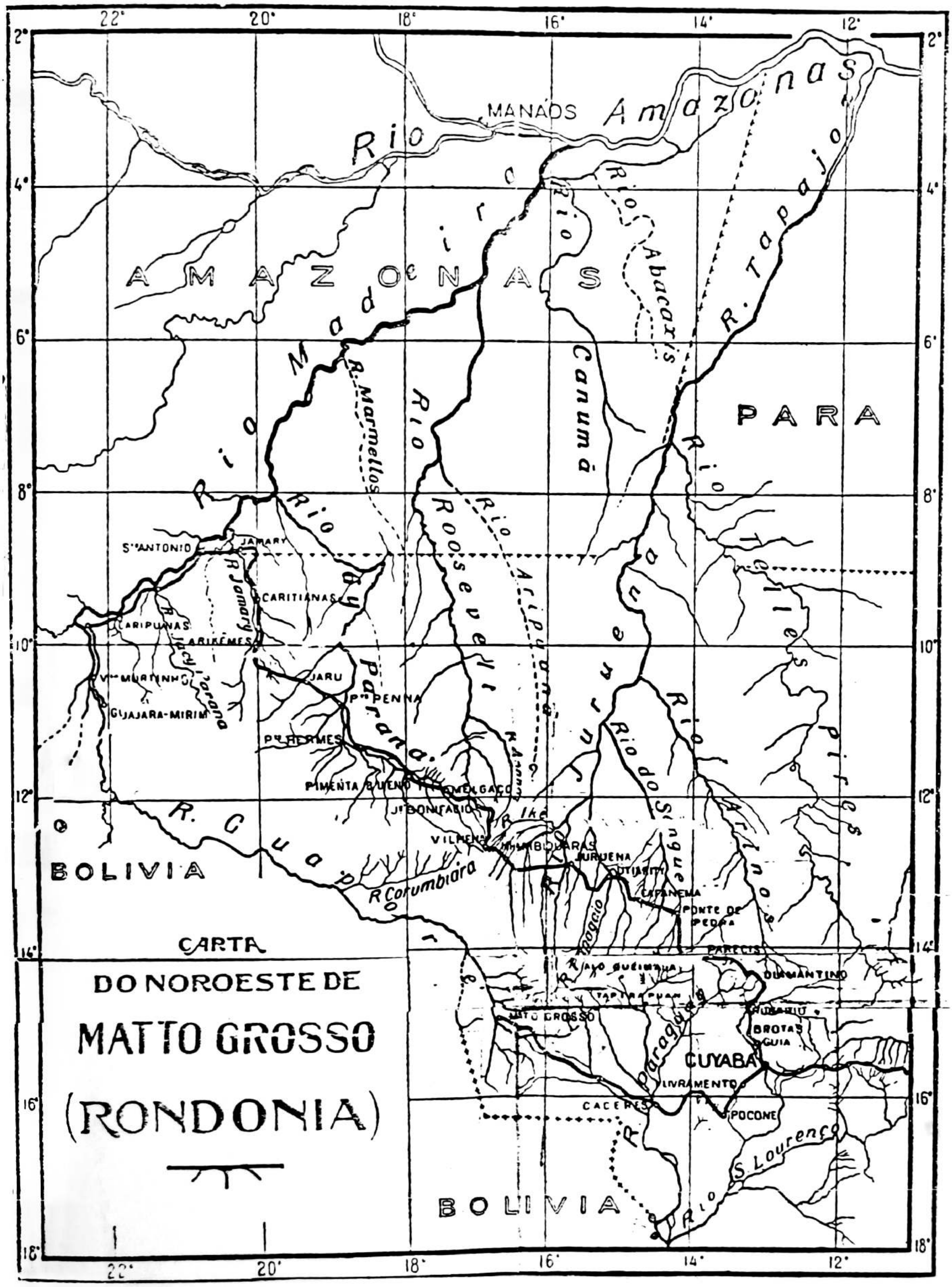
Os índios não deveriam ter dúvidas sobre as maravilhas que aqueles civilizados traziam consigo, ao mesmo tempo certamente estariam aprendendo o tamanho da sua força, pelo barulho dos seus explosivos.

A Comissão continua a avançar e os índios a abandonar as suas aldeias que Rondon faz questão de "enfeitar" com

"lenços, facas, machados, foices, enxadas e algumas meadas de linha francesa vermelha". (Op. cit.:139) As noites eram preenchidas com toques de clarins e a execução no gramofone de peças de Patapio Silva, Caruzo, marchas do Corpo de Bombeiro e da Brigada Policial do Rio de Janeiro.

Chegam, por fim, no dia 2 de outubro ao local de onde avistam o vulto enorme que limita o horizonte, era a Serra do Norte, apenas conhecida de maneira vaga e por indicações pouco confiáveis das cartas.

CARTA DO NOROESTE DE MATTO GROSSO (RONDONIA)



Capítulo IV:

A Terceira Expedição - O Grande Reconhecimento

As noticias da desorganização geral dos trabalhos da Construção da Linha que chegam até Rondon enviadas pelos seus ajudantes da retaguarda, em novembro de 1908, desencadeiam a decisão do fim da 2ª Expedição, com o seu retorno à Aldeia Queimada.

Rondon fiscaliza então as obras da Construção e constata que a "crise" que o fizera retornar tinha basicamente dois ingredientes, o primeiro, a febre aftosa que destruíra o gado reservado para o consumo e o segundo, o grande número de deserções no contingente. Como conseqüencia, a Construção da Linha Telegráfica havia sofrido uma paralisação de 3 meses e algumas Estações tiveram a sua conservação abandonada. Em Ponte de Pedra, o encarregado foi responsabilizado pelo abandono da Estação e na de Parecis o Tenente Amilcar Armando Botelho de Magalhães, chefe dos trabalhos da Comissão neste estabelecimento desde junho de 1908, se viu progressivamente sem meios de continuar os seus encargos já que as deserções chegaram a um tal nível que o contingente ficou reduzido a somente 4 praças.

Segundo o próprio Botelho de Magalhães(1) , em futuro texto de divulgação dos trabalhos da Comissão (1942), onde faz uma avaliação da formação dos contingentes à época das primeiras Comissões, o recrutamento geral para a composição do Exército era realizado pela incorporação de um voluntariado que

---

(1) Amilcar Botelho de Magalhães será nomeado, em 1909, auxiliar técnico da Expedição ao Rio Jacy-Parana que teria o encargo de aguardar com suprimentos a Expedição vinda do sul chefiada por Cândido Rondon, em busca do rio Madeira, finalizando o "Grande Reconhecimento". Fiel servidor da Comissão, será um dos grandes propagandistas da obra de Rondon, privilegiando o enfoque que ressalta a ação civilizadora do empreendimento.

se compunha de indivíduos saídos das classes mais pobres da sociedade, "indivíduos na maioria analfabetos, mal educados e sem moralidade" (Magalhães, 1942:36) Quando se fazia necessário enviar reforços de tropa para as Comissões do sertão, os comandantes das unidades escalavam os piores elementos, formando assim contingentes de "indesejáveis". Rondon os aceitava, seja pela ausência total de alternativas para suprimento de braços, seja pela necessidade de coerência com o seu projeto civilizador que não poderia deixar de fora aquela massa a ser transformada em elementos úteis e produtivos para a Nação.

A massa com que se trabalharia deveria passar também pelo projeto "civilizador" e este tinha como uma das metas principais tornar produtivos para a Nação não só as terras "desconhecidas", mas também as populações dos sertões do Mato Grosso ainda fora do controle do Estado. Os homens que são engajados para os trabalhos do sertão são classificados como "hordas de selvagens", "feras humanas", para os quais se tinha um projeto movido a castigos corporais e que se definia a partir de dois pontos básicos: "1º Amansa-los; 2º Faze-los produzir". (Magalhães, 1942:37)

Para a população branca representada pelos donos das empresas seringalistas e seus empregados, produtivos mas fora do controle jurídico-político imediato do Estado, apontava o projeto com uma regularização das suas ações através da melhoria das comunicações com os grandes centros, o que traria como conseqüência maior controle e eficiência na aplicação da

justiça.

Neste sentido, índios e brancos são em determinados momentos das descrições igualados aos "selvagens", sendo que o que fundamentalmente os diferencia é a produção de bens para o mercado, realizada pela empresa seringalista, ou o controle imediato que a disciplina do Exército se propõe a fazer pesar sobre os atos de seus contingentes. Os índios, precisariam ser educados e controlados dentro de um limite físico e de um sistema de produção que melhor os adaptasse às necessidades da sociedade nacional.

Superados os problemas da retaguarda, da Construção da Linha, Rondon prepara o planejamento de uma nova Expedição que daria continuidade aos trabalhos paralisados na Serra do Norte e que ficariam, no seu conjunto (1907 a 1909), sendo referidos nos Relatórios e Conferências futuras como o "Grande Reconhecimento".

Seguindo para os depósitos em Tapirapoan, afim de dar ordens que regularizassem o serviço de abastecimento, Rondon decide fazer o levantamento do Rio Verde no percurso do qual visitaria algumas aldeias Pareci.

Mais do que o reconhecimento de um novo rio, interessava nessa pequena expedição fazer com que se reunissem na Aldeia Queimada uma grande quantidade de índios Pareci, restos da antiga e forte Nação Ariti e que agora, embora habitando parte de seu antigo território, não passavam, no entendimento de Rondon, de um "povo moribundo". (Rondon, 1922:89)

A todos Rondon trazia a boa nova das intenções do Governo de "povoar aqueles sertões imensos"; de atravessar as suas terras e penetrar na de seus vizinhos e inimigos, os Nhambiquara; e de lhes trazer "nova vida" e "nova animação". (Rondon, 1919:38)

"Nova vida" significava que os Pareci dali por diante passariam a ter, e isso Rondon iria "provar", ferramentas, roupas, linhas e armas com munição para as suas caçadas.(2) Rondon distribui pessoalmente os "presentes" em nome do Governo do Rio de Janeiro. O "afetuoso encargo" da distribuição dos "brindes" além de estar ligado ao fato de que se destinavam aos índios "da região que a Linha tivesse que atravessar", funcionando, desta maneira, como um salvo conduto para os Expedicionários da Comissão junto aos grupos com os quais o contato se fazia ainda de maneira ocasional, tinha por finalidade mostrar àquela nação a "grandeza e o poder" daqueles que lhes oferecia "proteção" e "salvação". (Rondon, 1919:38)

Em breve, porém, os Pareci estarão pagando com a perda do seu território o engajamento no "projeto fraternal". Rondon, já no ano seguinte (1910), em carta a Rodolfo Miranda, Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, na qual aceita estar à testa do novo órgão de proteção aos índios que então se criava (SPILTN), anuncia que, "usando de processos fraternais" e a bem dos "interesses gerais do país" , havia conseguido estabelecer um acordo com os Pareci:

---

(2) "Além das missangas, distribui em profusão, roupas, facas de todos os tamanhos, machados, foices e enxadas; armas de fogo, polvora, chumbo, espoletas, ouvidos de espingarda e chaves respectivas". (Rondon, 1919:39)

"Efetivamente, estes (os Parecis) devido a nossa intervenção, em breve abandonarão os chapadões que habitão ha longos seculos, em troca dos campos e matas da Serra do Norte, junto às estações da linha telegráfica em construção, onde não existe nenhuma outra tribo localizada, medida que tanto aproveitará à conservação dessa linha, como a eles próprios, pela proteção menos difícil de lhes ser mantida.

Já lhes fiz ver que, habitando os chapadões, lhes será sempre necessária uma vasta porção de terras para poderem viver, devido à escassez de recursos neles existentes. Mas, concedendo-lhes o governo terras mais ricas e campos de excelentes pastagens, será de esperar que se contentem com uma extensão menor.

Eles sem demora se transformarão em criadores, devido à facilidade de manter o gado nos campos novos da Serra do Norte, e ao mesmo tempo poderão continuar as suas plantações, desenvolvidas então pelos recursos de ferramentas que lhes forneceremos". (Magalhães, 1942:135/136)

Em 1909 dá-se a continuidade do Grande Reconhecimento que se inciara em 1907. O objetivo agora é, partindo do último ponto conquistado na Serra do Norte, alcançar o rio Madeira. O tamanho da empreitada indicava a necessidade de uma base de apoio que fornecesse provisões e ajudasse a retirada no momento em que a Expedição encontrasse seu objetivo final. Sendo assim, o trabalho foi dividido em duas Expedições: a do Norte, sob a direção do Capitão de Artilharia Manoel da Costa Pinheiro (3), seguiu para o alto Jacy-Paraná com recursos necessários para dali apoiar a descida da Expedição do Sul que, sob o comando do Tenente-Coronel Cândido Rondon (Chefe de Distrito e Chefe Geral da Expedição), saiu do Juruena com 42 homens rumo ao Madeira.

Na visita realizada anteriormente às malocas Pareci a que nos referimos, ficara combinado o engajamento à Expedição dos índios Mathias Toloiri e Dionisio, seu irmão. Toloiri, que já havia trabalhado como guia da Expedição anterior (1908), era conhecido pela sua "grande inteligência", capacidade como batedor e nas explorações de vanguarda. Dionisio, conhecedor da língua Nhambiquara, serviria como intérprete nos possíveis encontros com os índios durante a travessia do seu território. Não acompanharam, no entanto, a Expedição já que Toloiri caíra vítima de uma pneumonia dupla na primeira noite em que passara no Destacamento do Juruena e Dionisio não se dispusera a deixar o irmão que, apesar dos cuidados médicos, morre logo em seguida. Em substituição segue como guia Libânio, um jovem

---

(3) O Capitão Pinheiro contava como auxiliares o 1º Tenente Amilcar Botelho de Magalhães, o Inspetor Francisco Xavier Jr. e o 1º Tenente Dr. Paulo Fernandes dos Santos (médico da Expedição).

índio Pareci.

Saindo do Juruena a 2 de junho, ja no dia seguinte começam a aparecer os esperados sinais dos Nhamoiquara. O Destacamento do Juruena inaugurado em setembro do ano anterior no território Nhambiquara tornara-se efetivamente um marco do avanço da civilização por sobre os domínios indígenas. Rondon agora (1909) se refere ao antigo "éden dos Nhambiquara" como a "sede do 5º de Engenharia, em pleno sertão". (Rondon, 1919:190)

Haviam pontos, próximos a este Destacamento, em que se contava ainda como certa a afluência dos índios e o Rio Formiga, a duas léguas do Juruena, primeiro acampamento desta Expedição, era um destes. Aí foram deixados "presentes" e mais uma aquarela na qual se representava o encontro dos Expedicionários com os Nhambiquara. O quadro deveria mostrar aos índios "por escrito", as pacíficas intenções da Expedição.

Mais adiante, na Mata da Canga, efetivamente cruzam com um grupo de índios e mais tarde irão acontecer, neste mesmo lugar, ataques dos Nhambiquaras que suscitarão comparações entre a disposição para o confronto desse grupo com aqueles que serão encontrados mais adiante, e pareciam menos dispostos a atacar a Expedição.

A "zona despovoada"

Rondon chega no dia 12 de junho ao ultimo acampamento da Expedição anterior e constata a excelência daqueles campos para a constituição de uma base de apoio para a construção da Linha. O gado que por ali havia sido abandonado magro, exausto da caminhada, sobrevivera: encontrara bom pasto e não fora morto pelos índios. Subdividindo o corpo da Expedição, no local que ficou sendo chamado por Campos Novos da Serra do Norte, foram aí deixados o encarregado Severiano Godofredo de Albuquerque, com mais 10 homens, 40 bois de cangalha, 21 burros, 3 cavalos e provisões correspondentes à carga dos bois que ficavam, para que se constituisse o Retiro do Veado Branco. (4)

> "Severiano tem ordens especiais no sentido de não hostilizar os índios e procurar **atraí-los**.(grifo meu) proceder ao plantio de cereais, mandioca e legumes mais necessários à alimentação; e logo que for possível, entrar em permutas ou mesmo fornecer aos índios, o que lhe fosse possível retirar dos recursos da fazenda". (Rondon, 1915:194)

Esses campos parecem ser os mesmos a que faz referência Rondon em carta já anteriormente citada, ao Ministro Rodolfo Miranda, na qual sugere que sejam os Pareci trazidos para esta área onde, supostamente, não habitariam quaisquer

---

(4) Sobre o contato dos Nhambiquara com o pessoal do Retiro do Veado Branco ver Cap. V desta dissertação.

grupos indígenas.

Assim como nas Expedições anteriores, os campos que vão sendo atravessados são incendiados. Nos campos de Comemoração de Floriano, apesar da constatação da proximidade dos Nhambiquara, ou talvez por isso mesmo, vai-se ateando fogo aos campos. Junto a necessidade de formar novas pastagens para alimentar o gado em investidas posteriores, a medida é sempre mencionada como preventiva, "para evitar surpresas" por parte dos índios.

Comemoração de Floriano torna-se uma base de operações por 50 dias durante os quais investigações são feitas em diversas direções para a determinação do caminho a ser seguido.

A Expedição segue adiante com a estratégia de divisão em turmas de reconhecimentos parciais. O Tenente Lyra segue na frente com a exploração e manda, ao fim de cada jornada, um emissário dando conta dos caminhos a seguir. Avançando com a exploração o Tenente se depara com inúmeros sinais dos índios. Constata a existência de uma "cidade de índios" (5) recém-abandonada, e manda para a retaguarda o relato de um encontro não realizado com os Nhambiquara. No bilhete em que relata o encontro frustrado o tenente lamenta não ter ao seu lado o "major" (o guia Libânio) que haveria de ser mais útil que o índio Joaquim que teve medo de tentar um contato com um grupo

---

(5) "A exploração parcial do Lyra foi ter a uma cidade de índios, formada de diversos agrupamentos de casas ou ranchos, abandonados recentemente, pelos seus habitantes, depois, naturalmente que descobriram a nossa presença nestas paragens. Foram contadas 14 roças em um pequeno perimetro, em torno do grande aldeamento e muitos agrupamentos de casas em torno da maior, de residencia do chefe supremo dessa tribu, alli vivendo vida regular e semi-nomade ..." (Rondon, 1915:230/231)

numeroso de Nhambiquara.

Ao comentar a possibilidade de encontro com os índios, ressalta a prática da Comissão de se fazer anunciar:

> "Hoje prosseguirei com toda a turma e talvez encontre aldeia e portanto campo ou cerrado. Eles estão completamente despreocupados, pois não supõem a nossa presença. É verdade que os tiros de dinamite dados ontem e hoje foram ouvidos aqui muito bem e portanto, lá eles devem ter ouvido". (Rondon, 1915:237)

A dinamite, assim como o fogo, junto com os recursos já mencionados, fazem parte do arsenal que a Expedição deliberadamente lançava mão com a intenção de anunciar a sua presença ao mesmo tempo que explicitava para os índios o seu poder de destruição. Inversamente era também, segundo Rondon, uma forma de reafirmar a sua disposição de paz. Um poder que se tem mas não se usa: a estratégia é não se mostrar enfraquecido frente ao inimigo, o que fatalmente o encorajaria a um ataque

Os encontros com índios se repetem e os relatos dão conta da diferente disposição que os mesmos parecem ter com relação aos Expedicionários. Tentando se comunicar através de acenos, chamados e presentes, o Tenente Lyra termina por concluir que por serem os índios desse grupo menos guerreiros, seria mais fácil vir a ter "relações" com eles. Tal suposição é referendada por Rondon ao comparar os diversos grupos que

imaginava pertencer à nação Nhambiquara.

> "Foi um feliz encontro esse; era a primeira vez que falavamos a esses índios que habitam o vale do Juruena e o Divisor. Apenas me parece que este grupo de Comemoração é mais tolerante e de costumes mais brandos, menos guerreiros, portanto. Porque, até hoje nenhum indício de indisposição para conosco mostraram; os nossos animais têm estado no meio deles, sem terem sofrido a menor perseguição.
>
> Parece-me que os do grupo do Juruena e do Camararé são mais ciosos da sua liberdade, não querendo consentir na menor invasão. O grupo do Juruena nos atacou duas vezes; o de Camararé flexou um soldado, que morreria se não fossem os cuidados médicos, prontos, que procurei proporcionar-lhe." (Op. cit.:246/247)

Alguns dias depois, acampados em "Maria de Molina", Rondon, o Tenente Amarante e o Tenente Lyra saem em reconhecimento para Noroeste com o intuito também de visitar um acampamento anteriormente encontrado. Os ranchos estão agora abandonados, mas os índios haviam levado os presentes deixados,

fazendo com que Rondon estabelecesse novamente diferenciações entre este grupo de Nhambiquara e aqueles do Juruena:

> "De longe reconhecemos que estavam esses ranchinhos abandonados. Chegamos ao local e vimos que os índios levaram as ferramentas que lhes deixáramos, não retirando porém o lenço que o Lyra deixara como bandeira, e que encontramos na mesma ponta de flexa em que o puzera; acrescendo que os índios, não querendo utilizar da linha de pescar, por não conhecerem o seu uso, a enrolaram na ponta da flexa, prendendo melhor o lenço; o que muito nos agradou, porque os do grupo do Juruena rasgam os lenços que lhes deixamos e quebram os espelhos e missangas com que os presenteamos, aceitando apenas as ferramentas.
>
> Suponho ter bem iniciada uma paz que não demorará em se tornar efetiva, visto a boa disposição deste grupo de índios". (Op. cit.:248)

Efetivamente este grupo é adiante reencontrado, não sendo possível o contato já que os cães, farejando a presença dos índios, os perseguem. Os cães investem sobre os índios, derrubam crianças e atacam duas outras. Os Pareci "Major" e Joaquim conseguem livrar a única criança que ficara para trás, quando as outras são carregadas pelos pais. A criança, falando muito, repete, imitando os sons, os tiros de dinamite e dos foguetões que já havia escutado. E deixado no acampamento

indígena de onde fugira o seu grupo com vários "presentes" que, no entanto, não conseguem aplacar os "remorsos" do próprio Rondon em terem os Expedicionários parecido aos "pobres e infelizes aborígenes" como "perturbadores da sua paz, da sua felicidade, como usurpadores audazes e desumanos". (Op. cit.:250)

Ao final do dia de trabalho, retornam ao lugar onde haviam deixado a criança e encontram todos os presentes que lhe foram dados e os utensílios dos próprios índios. (6) No lugar onde havia se dado o encontro, os índios também não voltaram para recolher os utensílios abandonados na fuga dos cães. Rondon dá ordem expressas para que nada seja tocado, apesar da indicação, pelo naturalista Miranda Ribeiro, do valor do material para pesquisas. (7)

O dia 7 de setembro foi comemorado com toda a "pompa" necessária para que se realizasse o preceito positivista do "culto histórico" como "peculiar à civilização moderna". (Ordem do Dia nº 3. Em 07.09.1909. Rondon, 1915:252) O acampamento foi todo enfeitado e erguido o pavilhão "José Bonifácio", seguindo-se então uma série de atividades comemorativas:

---

(6) Dentro de um dos baquitès encontrava-se uma das facas deixadas pelo Tenente Lyra no acampamento de caçada visitado anteriormente.

(7) "O naturalista que nos acompanhava, o Miranda Ribeiro, estava visivelmente penalisado de não poder conduzir tudo aquillo para o nosso Museu, inclusive o proprio indiosinho. "Quantas preciosidades aqui deixamos!" repetia sempre". Rondon, 1915:251)

"A alvorada houve música, ouvindo-se o Hino Nacional e o Guarani executado pelo nosso gramofone, com excelentes discos dos melhores músicos.

As 7 horas, levantou-se o nosso pavilhão nacional ao som do hino e da marcha batida executada pelas cornetas; em seguida houve uma salva de 21 tiros de dinamite.

(...)

A noite houve fogo de artifício, balões e concerto". (Rondon, 1915:252/254)

Rondon recorda na Ordem do Dia nº 3, lida neste 7 de setembro, que esta seria a 5ª vez que se erguia a bandeira brasileira nos sertões de Mato-Grosso pelas suas Comissões. (8) Comemorações como esta com todo o seu aparato, aparentemente contraditório com o propósito de não dar aos índios uma idéia de estarem lidando com um grupo belicoso, só podem ser entendidas na medida em que se perceba que os fogos, a dinamite, o gramofone, os balões, etc., são as "maravilhas da indústria moderna" (Op. cit.:252) e apresentá-las aos indígenas faz parte do <u>método</u> científico de civilização dos índios proposto por José Bonifácio (Silva,1965) e colocado em prática por Rondon.

Os índios estão próximos, os caminhos batidos, as

---

(8) Em cinco ocasiões Rondon comemorou datas cívicas com o seu pessoal no sertão: 1- em Parecis, a caminho do Juruena, em 7.09.1907; 2- em Aldeia Queimada, voltando do Juruena, em 15.11.1907; 3- no Juruena, em 6.09.1908; 4- no último acampamento da Serra do Norte, em 12.10.1908; 5- Acampamento da Cabeceira 7 de setembro, em 7.09.1909.

aldeias estão vazias mas não abandonadas, por todos os lados ranchos de "caçada de espera". Os Expedicionarios e seus intérpretes cruzam com os índios mas não conseguem com eles se comunicar.

Pelos caminhos as dificuldades com o abastecimento vão aumentando. Os bois cargueiros vão afrouxando, os próprios Expedicionários tambem se livram dos pesos inúteis ficando apenas com o que lhes pode ser essencial para atravessar o sertão.

A falta de víveres e a necessidade de retirá-los da floresta faz com que, mesmo estando numa região bastante central do território Nhambiquara, como já havia constatado o Ten. Lyra, a pesca seja feita com dinamite. A prática de se usar armas de fogo e principalmente explosivos, em meio aos territórios de grupos ainda não contactados, é aqui amplamente justificada pela idéia de que os índios não atacariam na medida em que se apercebessem do poder dos Expedicionários e, sendo assim, estes não precisariam se ver na contingência de fazer uso da violência para contê-los.

As dificuldades de abastecimento da Expedição deveriam ser resolvidas com a chegada do Comboio de Auxílio sob o comando do Tenente Alencarliense Fernandes da Costa que tenta justificar seu atraso pelos impedimentos, logo de início em formar a tropa; a perda de animais que "afrouxavam" ao longo do caminho; e finalmente pelo ataque que sofrera dos Nhambiquara, na Aldeia 20 de Setembro e na mata da emboscada, na Canga:

"Logo depois de minha partida da Adeia, os

índios, no dia 3 de setembro, atacaram a guarda que ali deixei, não havendo felizmente nenhum ferimento. E na mata da emboscada, apesar das precauções que observei, conforme vossas instruções, foi, no dia 5 do mesmo mês, a parte do Comboio que eu conduzia, atacada ainda pelos mesmos índios, saindo ferido da peleja o empregado Leonidas da Costa Marques que me tinha ido levar os animais de socorro. O ferimento foi leve, na perna direita, e o Leonidas já está restabelecido. Repelidos nesse encontro, os índios atearam fogo à mata e ao cerrado, cobrindo-nos de nuvens de fumaça que a custo podiamos romper. Esse incendio fez desaparecer completamente algum pasto, já seco, que havia pelo caminho, o que veio aumentar a aflição ao aflito". (Rondon, 1915:285)

A Expedição demorou-se à margem do Rio Pimenta Bueno por 15 dias, quando então, após a chegada do Tenente Alencarliense, subdividiu-se em 3 partes: uma, chefiada pelo próprio Tenente Alencarliense, teria por fim o reconhecimento daquele que se supunha ser o rio Jamary (9); a segunda, iria voltar no caminho recolhendo o material e animais abandonados ao longo da picada; e a última, a turma do Reconhecimento, deveria seguir adiante chefiada por Cândido Rondon.

Mais adiante a Expedição volta a se sub-dividir,

---

(9) A Expedição do Te. Alencarliense descendo o rio Pimenta Bueno vai encontrar o rio Gy-Parana e não o Jamary, como até então se supunha. Nesta região habitam os índios urupás, ja engajados na extração da seringa, dos quais o Dr. Miranda consegue recolher alguns objetos na junção dos dois rios.

desta vez em duas turmas: a primeira faria o reconnecimento do rio que até então imaginava-se ser um dos formadores do Jacy-Paraná, chefiada pelo 2º Tenente Antonio Pyrineus de Sousa. Os restantes 15 homens, dirigidos por Rondon continuariam o serviço do Reconhecimento Geral da Linha Tronco até Santo Antonio do Madeira. (10)

De novo os seringueiros

No dia 13 de Dezembro a turma do Reconhecimento encontra um casal de seringueiros que informa estarem os Expedicionários à margem do Rio Pardo, um dos formadores do Rio Jamary e não do Jacy, como supunham. Assim, as referências anteriores ao Rio Jamary são retificadas, já que se tratava do Gy-Paraná. Reconhecido o erro, deveriam partir rumo ao Poente para encontrar a Expedição do Norte, comandaoa pelo Capitão Pinheiro.

A Comissão volta, desta maneira, efetivamente a se movimentar dentro de um território amplamente mapeado por aquelas populações que, atrás das riquezas das matas de seringa, já haviam penetrado ao longo dos principais tributários do Rio Madeira e se estabelecido em torno de barracões das empresas seringalistas. Atravessam pelos domínios dos diversos Barracões que mantem seus "moradores" internados pelos seringais do Rio Pardo e Jamary. Segundo as estatisticas

---

(10) A turma do Reconhecimento tomou a seguinte disposição: uma seção de vanguarda, dirigida pelo Ten. Lyra; uma seção do centro dirigida pelo Te. Amarante e a retaguarda dirigida pelo Ten. Pyrineus.

colhidas pela Comissão no Barracão do Bom Futuro (Rio Jamary), a produção média anual dos seringais do vale do Jamary pode ser avaliada em torno de 900.000 kilos, empregando nos vários Barracões cerca de 1.340 homens.

No Barracão do Bom Futuro Rondon tem notícias que os Expedicionário da turma do Norte haviam sofrido um ataque dos índios Acanga-Piranga, tendo por saldo 3 feridos e 1 afogado. A notícia veio a reafirmar sua intenção de não continuar em direção ao Rio Jacy já que, além dos impedimentos naturais da topografia e da exaustão do seu pessoal, já agora não tinha mais a certeza de ter a Expedição do Norte conseguido continuar os seus trabalhos apos o ataque sofrido.

Descendo o Rio Jamary passam pelo Barracão do Itapipoca, de propriedade de Arthur Pereira; Barracão de São Carlos, no foz do Rio Massagana; Barracão de São Joaquim, de Elpídio Chaves; Barracão do Bom Retiro; Barracão da Aliança, do mesmo coronel Elpídio Chaves; Barracão Providência do Sr. Januário; Barracão de São Pedro; Barracão de São Marcos; Barracão da Pudica pertencente ao Sr. João Paulo; Barracão da Boa Esperança; Cachoeira do Samuel, povoado do Jamary e finalmente a foz deste rio, que deságua no Madeira. Na junção do Jamary com o Rio Madeira, além das Coletorias do Amazonas e Mato-Grosso estão os seguintes Barracões: do Coronel Elpídio Chaves de Mello; do Canadá e Sobral, de propriedade de Teixeira Bastos & Cia e Frota; de Muruhunsm, Itapirema, Itapimirim, São Christóvão, Primor e Victoria, pertencentes respectivamente a Pacheco & Salles, José Antonio Berlanges, Sebastião Carmo de

Macedo. Arruda & Irmão, Lemos Fonseca & Cia.

A maior parte dos seringueiros desta região é originária do Maranhão, Rio Grande do Norte e Ceará. O coronel Elpídio Chaves de Mello, dono de vários Barracões no Rio Jamary, "importa" cearenses para os seus seringais. Este coronel, também ele cearense, é um dos mais antigos seringueiros do Jamary e proprietario de seringais desde a boca do Jamary até acima de São Joaquim, trabalhando com batelões no transporte de sua produção.

Da segunda metade do século XIX em diante, com o desenvolvimento de um mercado externo consumidor de borracha, a economia da Amazônia, que se concentrava basicamente na extração de produtos da floresta e uma incipiente agricultura, passa a se basear na extração e exportação do látex para a Europa e os Estados Unidos. Assim, logo a floresta recebe uma leva de novos habitantes que, seguindo pelas margens dos seus rios, procuram localizar as terras com maior concentração da árvore da seringa. Como as técnicas de extração, nos primeiros tempos da empresa seringalista, levavam rapidamente à morte da árvore, a penetração da floresta se faz cada vez mais rapidamente, indo as explorações alcançar as margens dos rio Tapajóz, Madeira, Purus e Juruá.

A crescente procura da borracha, o aumento das áreas de exploração torna premente a necessidade de um número maior de braços. A região amazônica não dispunha de atrativos que fizesse para ela convergir significativos contingentes de populações de imigrantes brancos que preferencialmente se

dirigiam para o centro-sul do país. O tráfico de população negra para a Amazônia também não teve grande importância. A população indígena, aclimatada à região, conhecedora dos caminhos nas matas, não era suficiente a esta nova fase da economia extrativa que assumia ares de grande empresa.

Na nova fase de desenvolvimento das borracha, com uma população insuficiente para fazer face às necessidades de aumento de produção, os governos da região amazônica se organizam no sentido de propagandear as oportunidades de trabalho e subsidiar os gastos com transportes e adiantamento de dinheiro para aqueles que quisessem migrar. Tais vantagens encontram eco na população nordestina que após a decadência da economia açucareira (sec.XVII), após o pequeno período de desenvolvimento em torno da produção de algodão (início do sec. XIX) e finalmente após a grande seca de 1877-1880, não tinha outra perspectiva de sobrevivência além da emigração. (Prado e Capelato, 1989)

E com esta população sertaneja que a Comissão vai se deparar nas margens dos rios Gy-Paraná, Jamary e outros que fazem parte da bacia do Madeira.

E interessante destacar, mais uma vez que, falando desse seringueiro que encontra nas margens do território indígena, Rondon venha a citá-lo através do termo "Bravo" para se referir aos cearenses "importados" pelos seringalistas. No texto de Prado e Capelato encontra-se a seguinte caracterização da figura do seringueiro:

> "A figura que caracterizava o seringueiro na Amazônia era a do nordestino. Quando chegava ao seringal era um "brabo", dos da mata, cometia imprudências, errava. No decorrer de um ano estava apto para o trabalho, aprendia a fazer o corte na seringueira; atingia então a condição de seringueiro, passava a ser um "manso".(Op. cit.:296)

O prestígio de Cândido Rondon é apontado como resultado direto de sua capacidade de entrar em contato amistoso com tribos hostis através de territórios desconhecidos e desabitados. Os Expedicionários da Comissão de Linhas Telegráficas tendo a frente o seu Chefe, tinham sido capazes de transitar para além dos limites do território nacional até então conhecido, atravessando "o sertão" e "descobrindo", em meio a privações e sofrimentos terras e riquezas até então abandonadas e inaproveitadas. Seria então a prática de Rondon nas diversas Expedições por "terras desconhecidas" junto a "tribos hostis" que o credenciaria a falar sobre os índios.

Algumas questões podem ser levantadas a partir da etnografia realizada anteriormente e que tem por base o discurso de Rondon sobre a sua própria prática.

Na hipótese de não conseguirmos ultrapassar criticamente narrativas já tão cristalizadas e importantes na construção do imaginário acerca do desbravamento do nosso "oeste", tomamos, pela revisão da bibliografia já revisitada à exaustão, referência para as citações e análises canônicas.

talvez o caminho mais longo de esmiuçar o momento privilegiado da ação concreta e a conseqüente construção/definição daquelas práticas e momentos em particular.

Os Resultados do Reconhecimento

Ao final do Grande Reconhecimento Rondon estaria preocupado, em seu Relatório sobre a Construção da Linha (Rondon, 1919), em justificar o grande investimento feito pelo Estado com o estabelecimento com um tipo de linha de comunicação que já se mostrava, no que diz respeito a sua eficiência técnica, ultrapassado. As dificuldades da construção da Linha, o estabelecimento das Estações, a manutenção de ambas em meio a grandes distâncias dos centros fornecedores, as baixas por doenças e deserções, tudo isso faz com que a avaliação do saldo da produção pela Comissão seja negativo. As críticas dizem respeito basicamente a utilização de um sistema de comunicação para o qual já se havia desenvolvido uma alternativa mais econômica e de rápida instalação: as estações radio telegráficas do sistema Telefunken já estavam sendo utilizadas pelo Ministério do Interior para realizar a ligação do Acre com Porto Velho e Manaus.

Rondon defende a continuidade das ligações através do "telegrafo normal" mais coerente com o seu projeto de "civilização". Mesmo que do ponto de vista técnico e econômico o telegrafo normal leve desvantagem sobre o "hertziano", seu valor esta justamente na sua feição desbravadora de um sertão

riquissimo até então abandonado ou apenas conhecido daquelas tribos indigenas que, devidamente protegidos seriam rapidamente incorporados a nossa sociedade, fornecendo "braços aclimados" para a industria que nestas terras se implantaria.

"A nossa missão no interior das terras desconhecidas não se cingiria a simples afincamento de postes, como tem parecido a muita gente preocupada exclusivamente das cogitações utilitaristas, n'um seculo em que a evolução social tende a tocar á meta do seu desenvolvimento; isto é, em que o reinado do egoismo tende a ceder o terreno indefectível á supremacia do Altruismo. A nossa intervenção nesse pedaço da Terra Brasileira, seria ao mesmo tempo de carater social e politico como de feição technica e administrativa propriamente, n'um meio em que as nossas relações com as diferentes unidades sociaes e políticas da Nação se impunham de um modo inevitável". (Rondon, 1919:98)

Como resultado da exploração levada a cabo, uma imensa riqueza será finalmente aproveitada.

"As estradas cruzaram os sertões em todos os sentidos; e hoje, onde outrora não puderam penetrar os pioneiros da borracha, estão eles exercendo sua actividade util e pacificamente porque os empecilhos de outros tempos desappareceram pelo efeito dos nossos trabalhos e rigorosa disciplina que a Comissão exerce, e a todo custo procura manter nestes sertões immensos, onde a acção da justiça e da lei não podia chegar e fazer-se respeitar". (Op. cit.:98)

Rondon teria que recolocar os saldos positivos do Grande Reconhecimento no sentido de apontar também para a resolução de questões estratégicas relativas ao povoamento, defesa do território e guarda de fronteiras, que estavam afetas à Comissão. Ele mesmo reconhece o "fracasso" e os níveis insatisfatórios de produção que a seção encarregada da Construção da Linha conseguira alcançar. Dificuldades de transporte, doenças que atingem o comando da missão fazendo com que em determinados momentos a construção ficasse em mãos "inábeis e inexperientes", ataques dos Nhambiquara, tudo isso faz com que os trabalhos, em 1910, não tenham em muito ultrapassado a estação de Juruena (inaugurada em 14 de julho).

A Comissão não conseguira implantar os núcleos de povoamento que deveriam se organizar , conforme Instruções, em torno das Estações, protegidos por um destacamento militar, também sob o seu controle. O Chefe da Comissão deveria se

entender com o Presidente do Estado do Mato-Grosso soore a questão da colonização da área, estando a medição e demarcação de lotes para os colonos tambem a cargo da Comissão.

Ao final de 1910 apenas a Estação de Juruena estaria inaugurada, tendo como apoio o Destacamento implantado pela Expedição de 1908, numa área ainda de grandes conflitos com os Nhambiquara.

Há que ressaltar, no entanto, os gannos alcançados com o Grande Reconhecimento:

> "Pois não é realmente assombroso que desde o Sepotuba até o Madeira os seringais succedam-se ininterruptamente? Para que falar nas outras riquezas, no cáucho, nas plantas medicinaes, nas madeiras de construcção, na multiplicidade de palmeiras, de côcos deliciosos e alimentícios uns, outros de vasta applicação industrial como a jarina, nas jazidas de metaes e pedras preciosas, na fertilidade do sólo, quando só o interminável seringal representa uma fortuna maior do que a de qualquer paiz do mundo, dos que mais se tenham na conta de ricos?
>
> E se com isto considerarmos a profusão de rios, povoados de excellentes especies de peixes e offerecendo meios faceis de communicação para o Amazonas e o Prata; as poderosissimas quédas, dando de graça centenas de milhares de unidades motrizes;

então perguntaremos admirados, como é possivel que tantos thesouros estejam ainda para alli desaproveitados e quasi ignorados?

Mas, felizmente já agora esta dado o primeiro passo na senda que nos ha de levar á incorporação effectiva, e não de simples expressão geographica, desses opulentos territorios e dos seus habitantes ao gremio da Patria nossa muito amada

Com effeito, a installação das linhas telegraphicas exige uma serie de trabalhos complementares, que uma vez executados deixam <u>escancaradas</u> (grifo meu) as portas desses sertões onde dantes não se podia penetrar senão com forte companhia armada." (Rondon, 1922:79)

A conclusão das Expedições exploratorias demonstra <u>na prática</u> que os territórios "desconhecidos" não apenas podem ser atravessados como também coloca em pauta a questão do aproveitamento de suas riquezas:

"Em virtude do bom resultado da exploração realizada, tantas empresas cogitam já de acquisões de largas faixas de terra para o estabelecimento de industria extractiva; exploração de estradas de ferro ou de rodagem para automoveis, etc

A proporção que a linha fôr-se estendendo na direção do Gy-Paraná, novas iniciativas

particulares surgirão. agora com o intuito de explorar a industria pecuaria, nos vastos campos indigenas que a exploração descobriu nos vailes do rio da Duvida e Ananaz;(...)

Os produtos da industria que se explorar da serra do Norte aos Campos de Maria de Molina, acharão sahida franca pelo rio Guapore ...

De Maria de Molina para a frente a exportação se fará pelos rios Pimenta Bueno, Comemoração de Floriano e Gy-Parana, em cujos valles as riquezas naturaes são prodigiosas nos tres reinos da natureza." (Rondon, 1919:99)

E interessante notar que em momentos diferenciados a dimensão desse território "desconhecido" sera manipulada de acordo com as finalidades e públicos a que se destinam os textos. Para os divulgadores da epopéia rondoniana cumpre ressaltar o caráter desbravador do empreendimento que se realizara por "regiões ainda selvagens" e "territórios inexplorados". (Magalhães & Barbosa, 1916). O próprio Rondon em alguns momentos destaca a necessidade de povoamento do "vásto trecho do território nacional" que estaria, até a passagem da Comissão, "desconhecido e ignorado". Logo adiante, defendendo-se contra os ataques que preconizavam a inviabilidade de conservação da Linha em tão "vasto" território desconhecido, argumenta que esta mesma conservação poderia ser feita pelos seringueiros e índios que já habitam a área e que as

dificuldades seriam restritas "só" a uma extensão de 300 km. "única zona ainda despovoada". (Op. cit.:100)

O Vazio de Controle

A conceituação do que é "espaço vazio" nos remete a algumas questões. Vimos que apesar do "sertão" do Mato-Grosso constar nos mapas então disponiveis como "desconhecido", a Comissão Rondon atravessou por territórios ocupados de maneira diferenciada: alguns não imediatamente habitados por seringueiros mas já reconhecidos em entradas exploratórias, outros já amplamente controlados pelas empresas seringalistas e alguns poucos dominados apenas pelos grupos indigenas.

Opondo-se à qualificação de vazio e improdutivo nos deparamos com o relato sobre o contato com uma população significativa no seu tamanho e capacidade de produção: os Nhambiquara, segundo cálculos de Rondon poderiam chegar a 20.000 indivíduos e a emigração nordestina para a área se fazia de maneira intensa.

Carlos Vainer (1990:41) vai apontar que a questão da ocupação dos "espaços vazios" pode ser vista "como uma daquelas que são constitutivas de nosso Estado". O conceito de "espaço vazio", designado na epoca das Comissões por "sertão", "oeste", ligava-se à idéia de "espaço improdutivo", uma grande extensão do território nacional, "dos mais ricos do País", até então "impatrioticamente abandonado". (Rondon, 1919:97)

> "Espaço vazio" Já se chamou "sertão", "oeste", hoje esta mais em moda chamar de "fronteira". Mas seja qual o nome que for, sempre se esteve designando um suposto espaço desocupado, a ser incorporado ...à colônia, ao país, à civilização ..."Espaço vazio" sempre quis - e ainda quer - dizer espaço improdutivo. Na verdade, o conceito de "espaço vazio" é menos um conceito demográfico, e mais um conceito econômico: vazio de produtividade, improdutivo. Evidentemente, improdutivo segundo determinadas concepções do que seja a produtividade, "produção social". (...)
>
> Vazio de "produção", o espaço vazio é também vazio de poder, ou melhor, de Estado, que é uma forma específica e particular de organização e exercício do poder". (Vainer, 1990:41/42)

Fica claro então que para além do que se apontava como vazio de "produção" sinalizava-se para o vazio de controle sobre a exploração dessas riquezas. As riquezas do sertão precisavam ser transformadas em "viva força da Nação" e isto só se faria através da "ação catalítica do Estado" que controla, define espaços, distribui a população e aplica a justiça.

A Comissão de Linhas, na sua missão estratégica de povoamento, pode ser vista como parte de uma política governamental de controle de seu território através do controle

da localização das populações que o habitam. (Foucault, 1984(a))

A Comissão vai criar um território, na medida em que o reconhece, retraça a sua geografia, nomeia seus rios e campos e a ele se propõe a superpor uma população que deveria ser controlada militarmente a partir de seus Destacamentos.

E este território recriado, "opulento", que Rondon tem a oferecer quando retorna dos sertões do Mato-Grosso e que deverá ser "incorporado", "integrado" ao patrimônio nacional.

No momento em que se finaliza o Grande Reconhecimento e Rondon retorna ao Rio de Janeiro para dar conta de seus trabalhos, o saldo do contato com os índios no interior do sertão por onde passaria a Linha é insignificante. Os Pareci já são um grupo que computa um longo trajeto de contato com a sociedade nacional e as conseqüentes perdas relativas a esse contato. Apenas alguns grupos Pareci, moradores das cabeceiras dos rios já explorados se faziam mais distanciados das relações com os empreendimentos da seringa.

O território Nhambiquara é atravessado, reconhecido e (re)nomeado e, ao final da travessia daquela pequena parte de território desconhecido, aqueles que se deparam com os seringueiros do Rio Pardo são os membros de uma coluna da Expedição já estropiada, faminta e doente.

> "Grande foi a estupefacção dessa gente, vendo apparecer subitamente no seu retiro, que consideravam inaccessivel pela banda do Nascente, um

grupo de homens, relativamente numeroso, totalmente maltrapilho, carregados de armas e de aspecto assustador. O seu primeiro movimento foi de defeza e susto.(...) O Tenente Lyra, que marchava na frente, ao verificar que no ranchinho havia uma mulher, deu ordem para que os soldados e trabalhadores civis, que vinham semi-nús, se mantivessem á distancia e procurassem envolver-se nos farrapos que lhe restavam das cobertas usadas á noite." (Rondon, 1915:324)

De qualquer maneira há que se capitalizar o saldo possivel desta empreitada e este se encontra justamente na demonstração de que este território era capaz de produzir riqueza, desde que nele se investisse trabalho e verbas direcionadas a manter núcleos de ocupação que se constituiriam do pessoal de conserva da linha, enquanto não se efetivasse o "povoamento" e as "boas relações" com os índios da área.

"Importante questão para a Comissão é essa conservação da linha, que ella em virtude das instrucções tem a obrigação de fazer á proporção que fôr construída.

Essa circunstancia vai annualmente sobrecarregando as despesas da construcção: podendo parecer a muita gente ser exagerada a verba annual pedida, por não levar em conta o dispendio constantemente crescente da conservação.

Em 1908 despendemos com o pessoal e material da conservação 42:925$000; em 1909 essa despesa subiu a 83:847$500; e o anno passado, 1910, ella attingiu a cifra de 116:737$500.

Justifica-se ainda um tal accrescimo se attendermos a que, não estando povoado o sertão, ha necessidade de manter maior pessoal em cada secção do que acontecerá quando se realizar o povoamento; ou que, pelo menos estejam bem definidas e assentadas as boas relações que almejamos estabelecer, com os selvicolas das localidades". (Rondon, 1919:101)

Por outro lado esse mesmo ganho estratégico de início de povoamento das áreas de fronteira através da implantação de Estações que "emancipadas" num futuro próximo seriam as bases da ocupação desta área é apresentado como o embrião da missão civilizadora. Ainda em resposta aos "neophitos sertanistas e zelosos partidarios da communicação sem fios" (Op. cit.:101) Rondon procura demonstrar que a sua "missão" ultrapassaria a questão técnica de viabilização das comunicações em si mesmas na medida em que se propõe, em última instância, a "instituir" uma "sociedade sertaneja" que protegida, no sentido de que tenha minorada a situação de penúria que o sertão oferece, não tenha comprometida a sua "personalidade Moral", já que serão estes os elementos necessários e disponíveis para entrar em contato com a sociedade indígena.

Localiza-se a legitimidade de Candido Rondon para

falar de índios, e ate mesmo assumir a direção do SPILTN, no fato de ter ele atravessado enormes distancias do sertão desconhecido em poder de tribos indigenas hostis, realizando "atrações".

A leitura anterior dos relatos de campo das diversas Expedições realizadas por Rondon nos traz a seguinte impressão: Rondon não realizou "atração" nenhuma, não no sentido que se quer imprimir a esta palavra (o estabelecimento de contato regular com povos indígenas hostis e arredios dentro de regras pré-estabelecidas). Rondon passa pelo sertão (deixando obviamente constituídas as bases de seu projeto de civilização), sem procurar um contato organizado com os índios, sem nunca ter parado um momento sequer em função de aprofundar qualquer contato com alguma tribo indígena arredia. Aos índios hostis e arredios com os quais cruza em seu caminho, distribui "presentes", "brindes" que podem ter a função de representar um pedido de consentimento para que atravessasse seus territórios, mas que em última instância têm a função de "encanta-los", "deslumbra-los" com o poder e a riqueza do mundo civilizado. Neste sentido Rondon os "atrai", cria neles o interesse em conhecer tão poderosa nação que é capaz de produzir objetos tão fascinantes. (11)

A atração como processo organizado só será encaminhado no interior dos projetos de ocupação que se fixam

---

(11) Aos índios Pareci, além dos brindes mais comuns (contas, ferramentas, lenços), Rondon distribui armas e munições na forma de presentes aos chefes tribais, num momento em que estes estão claramente aliados dos brancos na "invasão" dos territórios Nhambiquaras, seus inimigos históricos, e que os mantinha afastados numa demonstração clara de superioridade guerreira.

ao longo da construção da Linha quando tamoem sera intentada a "pacificação" dos grupos indígenas.

Consideramos que, neste momento, o grande feito da Comissão, mais que imediatamente organizar relações com grupos hostis, foi "reconhecer" e apontar as riquezas imensas guardadas no sertão e, ao mesmo tempo abrir caminho ao estabelecimento daqueles "empresários" que estariam dispostos a explorá-las para a grandeza da nação.

E em cima deste fato que Rondon acumula prestígio. Ele atravessa os sertões e constata a existência efetiva da imensa riqueza representada pelos seringais que se sucedem "ininterruptamente" e que estiveram até então "desaproveitados e quase ignorados".

A instalação da Linha com a conseqüente abertura de estradas e o povoamento da região resultam de um esforço complementar, que então sim, deixarão, como rejubila-se Rondon. "escancaradas" as portas dos sertões.

22° 20° 18° 16°

Rio Negro

MANAÚS

Rio Amazonas

4°

6°

8°

ESTADO DO AMAZONAS

Rio Madeira

Rio Roosevelt

SANTO ANTONIO DO MADEIRA

8°45

Rio Machadinho

Rio Jamary

Rio Preto

Rio Jurua

Rio Machado

Rio Anary

Rio Gy-parana

Rio Tarumã

Rio Aripuanã

Rio Jacy-paraná

Rio Jarú

Rio Pimenta Bueno

Rio Commemoração de Floriano

Rio Branco

Rio Guaporé

10°

12°

ESTADO DE MATTO GROSSO

I - CAB. DO ANARY

II - " - GARAPÉ SÃO BENEDICTO

III - " - " TOC-FONE

14°

SCHEMA DEMONSTRATIVO DAS-POSIÇÕES-RELATIVAS-DOS-RIOS ANARY, MACHADINHO, JARÚ, GY-PARANÁ, ETC.

ESCALA 1:250.000

T^TE C^EL A. B. MAGALHÃES

W. RIO

22° 20° 18° 16°

Capítulo V:

Das Maneiras de se Realizar a Atração:

O Método de Pacificação

Os capítulos anteriores se propõem a desmontar uma perspectiva que perpassa praticamente todos os trabalhos que fazem referência sobre a questão do método de aproximação que Rondon teria "formulado" para estabelecer contatos pacíficos com os índios hostis. Parece que no geral os interpretadores procuram construir categorias explicativas que deveriam dar conta e se adaptar a processos bastante diferenciados em momentos históricos também distintos.

Tanto a noção de "atração" quanto a de "pacificação", têm sido geralmente conteudizadas a partir de práticas e momentos históricos diferenciados e na medida também em que são apropriadas por segmentos distintos da sociedade nacional para explicitar seus projetos políticos em relação às sociedades indígenas.

Nos propomos, neste capítulo, a apresentar os conceitos de atração e pacificação como definidores de fases específicas de um projeto que se organiza em função de movimentos de reconhecimento, ocupação e/ou exploração, implementados pela sociedade nacional e que aqui se apresenta na forma do projeto positivista.

Na Expedição de 1908 ficou estabelecido o primeiro destacamento militar no interior mesmo das terras Nhambiquara. Como já foi apontado, a criação de destacamentos pela Comissão de Linhas Telegráficas fazia parte do plano de proteção que deveria ser dada aos núcleos que se pretendia desenvolver ao lado das Estações Telegráficas. O destacamento ficaria estabelecido como

"guarda avançada da construção" e "guiça de proteção aos índios da Região". (Rondon, 1915:137) De início o destacamento deveria ter uma função de apoio logistico à continuidade dos trabalhos, seja no que diz respeito a expedição seguinte, seja com relação a construção mesma da Linha.

O reconhecimento da região como parte do território Nhambiquara não permite que seja deixado de lado os cuidados com as relações que deveriam se desenvolver a partir desse núcleo. Rondon sugere ao comandante do destacamento um esforço para "chamal-os ao nosso convivio", não tendo, no entanto, explicitado regras que poderiam levar a cabo esta tarefa. As recomendações parecem sugerir que o fato dos expedicionários se apresentarem aos índios através de uma "atitude sempre pacífica" levaria a que estes pudessem "inferir" os seus propósitos. (Op. cit.:144)

> "E completamente prohibido o incendio ás aldeias, o saque ás suas roças, usurpação do menor utensilio que lhes pertença; sendo dever de nossa parte incutir-lhe o exemplo de bons costumes, impostos pela nossa civilização." (Op. cit.:137)

Um ano depois, a Expedição de 1909 estará partindo deste mesmo ponto, mais do que nunca referência da ocupação militar, já que se tornara a sede do 5º Batalhão de Engenharia.

Essa Expedição levaria as bases, como já foi anteriormente colocado, do estabelecimento de um novo núcleo em Campos Novos da Serra do Norte com a recomendação explícita de "atrai-los".

Há que se considerar então dois momentos a serem distinguidos dentro de um mesmo projeto que se e em última análise direcionado para a ocupação e aproveitamento das terras que desbrava e de sua população autoctone, passa necessariamente por um momento anterior de reconhecimento (1) em que se faz necessário apenas "passar" por essas terras e povos apresentando-os como passiveis de "civilização".

Esse passar, no entanto, como já foi assinalado, implanta já todas as bases de um projeto que se atualiza primeiro pela redefinição de um território e, paralelamente, pela (re)criação de uma população que sobre ele, de forma ordenada, se distribuiria.

Estamos assim, dividindo o periodo da Comissão das Linhas Telegráficas em fases distintas: um primeiro momento de "reconhecimento" e logo a seguir o momento da ocupação propriamente dita, quando são instaladas as Estações, futuros núcleos de povoamento. Supomos que esses dois momentos, necessariamente carrearam movimentos especificos

---

(1) "Technicamente, o *reconhecimento* é a primeira operação de engenharia, quando se trata de construcção de estradas de ferro ou de rodagem e de linhas telegraphicas, através de zonas de topographia desconhecida, e tem por objecto o exame rapido do terreno, cujo levantamento é feito então por processos expeditos, acompanhados de nivelamento em que se utilizam os barometro aneroides. Executado o reconhecimento e desenhados os respectivos *cadinhamentos*, segue-se a *exploração*, que applica processos mais rigorosos e se preoccupa em fornecer já os elementos basicos para o projecto da construcção..." (Magalhães, 1941:248)

de organização dos contatos com os índios hostis que habitavam os territórios que teriam que ser atravessados e ocupados. Nesta medida, técnicas diferenciais de aproximação foram acionadas de acordo com as necessidades de cada fase que se implementava.

Os "meios" para a civilização dos índios

Em cima do que parece apontar para a busca da especificidade de cada um desses momentos, coloca-se a possibilidade de realizar uma releitura bastante direcionada do texto dos "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil" (Silva, 1965), naquilo em que ele define as atitudes necessárias para que se consiga entrar em contato com tribos hostis.

As inúmeras citações canônicas dos "Apontamentos" se resumem sempre na compilação das cinco primeiras recomendações sobre os "meios que se deve lançar mão para a pronta e sucessiva civilização dos índios". (Silva, 1965:14/15), mesmo estas colocadas de maneira parcial.

O texto de José Bonifácio de Andrada e Silva é bem mais amplo, contando com uma relação de 44 desses "meios", precedidos de uma análise inicial das dificuldades de se levar a cabo tal empreitada. As dificuldades, para ele, adviriam principalmente da "natureza e estado" em que se encontravam os índios bravos e dos modos pelos quais portugueses e brasileiros os tinham tratado até então.

Assim, os índios em "estado selvatico" são "preguiçosos, estupidos, apáticos, incapazes de idéias abstratas", preferindo a segurança das matas aos maus tratos que experimentam junto às populações civilizadas que roubam-lhes as melhores terras, enganam-os nos contratos de compra e venda, alimentam-os mal, etc.

Para José Bonifácio, no entanto, o estado em que se encontram os índios não se apóia em dado genético mas sim no meio social que o circunda: "Mudadas as circunstancias, mudam-se os costumes". (Silva, 1965:12) E nesta assertiva que irá se apoiar basicamente a sua proposta para a civilização dos índios bravos.

A idéia central do texto é a de que os selvagens são passíveis de "perfectibilidade", ou seja, evoluem na medida em que têm que lutar para satisfazer novas necessidades, e é nesse processo que se tornam "civilizados".

> "Com efeito, o homem em estado selvático e mormente o índio bravo do Brasil, deve ser preguiçoso; porque tem poucas ou nenhumas necessidades, porque sendo vagabundo, na sua mão está arranchar-se sucessivamente em terrenos abundantes de caça ou de pesca, ou ainda mesmo de frutos silvestres e espontâneos; porque vivendo todo o dia exposto ao tempo, não precisa de casas e vestidos cômodos, nem de melindres do nosso

> luxo; porque, finalmente, não tem idéia de propriedade nem desejos de distinções e vaidades sociais, que são molas poderosas que põem em atividade o homem civilizado". (Op. cit.:10)

Se, apesar disso, o homem primitivo é ao mesmo tempo, "estúpido", "apático", incapaz de idéias abstratas, o caminho para o "domesticar" teria que ser dado necessariamente através de um processo de lhes estimular a ação reflexa, o que seria possível através do "exemplo, educação e benefícios."

O "método" apresentado por José Bonifácio para se conseguir a catequização e civilização dos selvagens já havia sido provado pela experiência. Os jesuítas apontavam para a necessidade de se apresentarem aos índios com "presentes, paciência e bom modo", fazendo-se acompannar por "homens práticos na sua língua", através dos quais poderiam apresentar-lhes "razões claras e sãs" contidas no Evangelho.

Para José Bonifácio, era necessário apenas "imitar e aperfeiçoar os métodos de que usaram os jesuítas" que já haviam aldeado "infinidades" de índios bravos.

Mesmo que já tenha levado para as suas primeiras expedições desbravadoras determinadas práticas claramente calcadas nas recomendações dos "Apontamentos", Rondon, em discurso na data da Instalação do SPILTN (07.09.1910), vai explicitar a filiação de seu "método", estabelecendo da mesma forma os limites desta proximidade:

"As discordâncias que se notam entre o Projeto do Patriarca e o Regulamento (do SPILTN), são conseqüências fatais da diversidade da situação política, não só da sociedade brasileira, como do conjunto da sociedade ocidental de nossos dias, em comparação com a de 1823. Pois, ao meu ver não seria possível a José Bonifácio outra coordenação, porquanto nem siquer a sociologia se achava ainda formada a seu tempo, sendo muito provável que ele não tivesse conhecido as obras de Augusto Comte.

A situação histórica da sua época não lhe permitiu, portanto, senão apanhar o que ele generosamente expôs em os seus Apontamentos e estou convencido de que só os ensinos do incomparável Mestre nos habilitam hoje a corrigir os enganos e os extravios inerentes ao estado metafísico em que ele fatalmente se achava, permitindo agora o desenvolvimento e sistematização das suas reflexões, relativas a este particular". (Rondon, 1910:8)

Um ano antes,1908, em pleno sertão, no mesmo dia 7 de setembro, de comemoração da Independência do Brasil, Rondon já havia exaltado a figura de José Bonifácio ("verdadeiro fundador da política nacional") e o seu "método" de civilização do qual ressalta o item essencial:

os indígenas brasileiros seriam civilizados pela "maravilha da industria moderna", caminno que, segundo Rondon, teria parecido ao Patriarca mais compativel com a "evolução cientifica". (Rondon, 1915:252) Esta colocação parece evidenciar que o enunciado teórico do processo de aproximação que se colocava em prática junto aos índios era uma tentativa de "bricolage" entre as recomendações de José Bonifácio, claramente calcadas numa lógica cristã, que evocava seus agentes legitimos, os missionários jesuitas e os preceitos positivistas.

Rondon, colocava a sua aproximação com o positivismo como um fator de acréscimo às suas posições, já que se sentia em condições de "encarar o secular problema" indígena, na medida em que era guiado "pelo sentimento", pelo conhecimento das injustiças, fruto de suas "modestas origens", faltando-lhe "pela inteligência", o "guia seguro":

> "Felizmente não tardou muito que viessem a mim as luzes da doutrina imcomparável...
>
> "Foi então que aprendi a ajuizar com seguro critério e com inteira justiça, do valor da civilização fetichista e só então pude compreender a extensão dos meus deveres para com os meus irmãos das selvas".

Data desta época a <u>formulação</u> (grifo meu) do plano que depois, invariavelmente, hei seguido em todas as relações com os indígenas do

meu Estado, formulação em que muito devo aos sabios e generosos conselhos do meu amigo o Sr Teixeira Mendes.

> Esses planos, executados em meu Estado e aplicados por ocasião de contato com tribos e nações muito diferentes, foram sempre coroados de resultados magnificos, seguros e duradouros." (Rondon, 1910:106)

O processo de civilização das tribos hostis, para José Bonifácio, se constituiria, então, através do triplo movimento do exemplo, da educação e dos benefícios que se pudesse pôr ao seu alcance.

Não cogitava Jose Bonifácio terminar com a política dos descimentos de índios para a formação de aldeias, muito pelo contrário, era este um dos objetivos do projeto que deveria ter nas aldeias criadas uma forma de arregimentar uma mão-de-obra que fosse capaz de produzir, mesmo que dentro de suas limitações:

> "Nas atuais circunstâncias do Brasil e da política européia, a civilização dos índios bravos é objetivo de sumo interesse e importância para nós. Com as novas aldeias que se forem formando, a agricultura dos gêneros comestíveis e a criação dos gados devem aumentar, e, pelo menos,

equilibrar nas Provincias a cultura e fabrico do açúcar". (Silva, 1965:15)

Os índios a serem aldeados devem ser buscados nos matos por "bandeiras" que deverão ser formadas por homens "escolhidos e honrados" que levarão em sua companhia índios mansos, que servirão de "línguas", e um missionário que será, esse sim, agente da catequese, persuadindo os selvagens com "presentes, promessas e bom modo". A continuidade desse processo de formação de aldeias deverá gerar índios mansos que se disponham voltar aos matos para buscar novos "colonos" que vendo as condições em que vivem aqueles povos já aldeados, venham a "desejar" viver no mesmo estado de "segurança e abundância". (Op. cit.:17)

A civilização, então, deveria ser um desejo insinuado aos índios através de presentes que seriam usados tanto como elementos de troca, quanto como demonstrativos de "poder e riqueza".

O item dos brindes como meio de persuasão é particularmente interessante no que se refere à definição específica da noção de "atração", acionada no primeiro período da Comissão de Linhas

Para com os selvagens iniciar um processo de troca deveriam os missionários levar: quinquilharias de ferro e latão, espelhos, miçangas, facas, machados, tesouras, pregos, anzóis, tabaco, vinhos doces e brandos, açúcar, carapuças, barretes vermelhos, galões falsos, fitas, lenços

de côres subidas ou listados, mantas, cães de caça, etc.

Da mesma forma, para que desejem viver os índios nas aldeias organizadas pelos missionarios, as recomendações se fazem no sentido de que maquinas elétricas sejam levadas pelos "bandeiristas" que, fazendo experiências em suas presenças, estariam dando altas idéias de seu "poder, sabedoria e riqueza". (Op. cit.:17)

As aproximações entre o método usados por Rondon e os preceitos de José Bonifácio podem ser efetivamente buscadas nos modos e técnicas pelos quais as Expedições da Comissão de Linhas Telegraficas colocavam em prática seu movimento de reconhecimento e, em seguida, a implantação dos postos de ocupação.

Na Expedição de 1908, como vimos anteriormente, Rondon leva consigo gramofone e discos de marchas militares e hinos. Sempre pela madrugada os clarins e cornetas ressoam pelas matas. Aos praças e soldados permitiu-se que levassem suas sanfonas e flautas. Até mesmo um cinematógrafo é incluído no conjunto das máquinas que deveriam chamar a atenção dos selvagens. Os foguetões são utilizados em comemorações cívicas que deveriam dar aos índios, pelo exemplo do comportamento, idéia de obediência a um Governo e às leis por ele estabelecidas.

Rondon vai mais além das recomendações de José Bonifácio no que diz respeito à criar o fascínio (2) pelo poder da civilização, usando o poderio bélico disponivel

---

(2) Sobre o exercício do fascínio enquanto técnica de aproximação, através da distribuição de brindes ver: Urban, 1985:237.

naquele momento em demonstrações que deveriam intimidar os índios e quebrar de per si movimentos de ataque ou resistência.

O poder desta civilização fica demonstrado não somente através das armas com que são presenteados alguns grupos indígenas com um contato já estabelecido, como no caso dos Pareci, mas também para aqueles com os quais se está em vias de contactar. As demonstrações de força se expressam pelas explosões de dinamite, das queimadas, dos exercícios de casernas que incluem toques de clarins e do próprio volume do contingente que é levado para o interior do território desses índios.

Assim, mesmo que, num primeiro momento, na fase de reconhecimento, o contato se faça apenas com uma ínfima parcela da população alvo, sem dúvida, nenhum dos seus membros poderia desconnecer o movimento de avanço em seu território.

A qualidade dos brindes distribuídos pode ser indicativo de um tipo de projeto para cada área específica. Aos Pareci, inimigos históricos dos Nhambiquara, são oferecidos brindes que incluem armas e munições. Este novo fato poderia num certo sentido vir a desequilibrar a relação natural de confronto entre esses grupos, onde os Nhambiquara sempre foram os vencedores e queles que estabeleciam as regras de apossamento das terras e os seus limites

Nas modificações resultantes da tentativa de corrigir os "enganos" e "extravios" da proposta do

Patriarca, Rondon substitui os agentes que devem levar a cabo a missão civilizadora. A figura do cidadão soldado deverá conter em si não somente a idéia de força e poder que se encontrava representada pela figura do bandeirante mas também aqueles atributos de suavidade e bondade, exigidos dos missionários. O Exército deveria representar a força concreta dessa civilização mais evoluída que vem trazer aos povos das florestas virgens a oportunidade de se integrarem ao conjunto da nação brasileira. Ao mesmo tempo, essa "evolução geral", a perspectiva dos selvagens passarem do estado fetichista para o teológico e deste para o positivo só se concretiza na medida em que se forme ao seu redor um "ambiente moral e social" que guie a mudança. Neste sentido é que são encaminhadas as ações modificadoras também para aqueles agentes da sociedade nacional que deveriam, de forma mais imediata, estar em contato direto com os índios. Para os soldados, castigos corporais, serviços pesados, concretizando o "construir" a nação; para os fazendeiros e donos de seringais, a aproximação da lei como meio de lhes limitar o poder localizado sobre terras e homens. Rondon se propõe a atravessar as terras Nhambiquara e deixar, nestes sertões, por sua atitude exemplar de "escrupuloso respeito à vida e prosperidade dos naturaes da Região", tanto no que diz respeito aos índios quanto para os praças e trabalhadores civis que o acompanham, "preparado o terreno para o entabolamento de uma alliança futura com as nações

indígenas, que encontramos em nosso longo caminho". (Rondon, 1915:338)

Quando Rondon finalmente dá por encerrado o Grande Reconhecimento, na foz do rio Jamary, ao final de 1909, sob o toque de "5º Batalhão de Engenharia, Victoria!", os índios desta região já se encontram "atraídos" por este povo estrangeiro que possui certamente tanto poder e riqueza.

Brandura, Constância e Sofrimento

Um exemplo dessa "atração" são os índios a que Nicolau Bueno Horta Barbosa (3) irá se referir (4), que teriam procurado acampar nos caminhos abertos pela Expedição de 1909 na esperança de encontrar aquele povo, com o qual jamais haviam encontrado, mas que deixava nas árvores cortadas as marcas de seus instrumentos poderosos: machados, facas.

> "Assim, tenho como certo que esses indios avistaram tambem os expedicionarios de 1909, recolhendo delles alguma ferramenta com que prepararam as roças hoje abertas em pleno caminho dos civilizados. Os cortes por estes deixados nas

(3) Nicolau Bueno Horta Barbosa se juntou ao grupo que secundava Rondon nos trabalhos de implantação de linhas telegráficas como alferes-aluno, a partir da Expedição de Cuiabá a Corumbá (1900-1906). Vai, a partir de então, tomar parte em todas as Comissões que se seguem, sendo sempre referido como o auxiliar primeiro de Rondon, "primus inter pares", aquele que encarna todos os atributos do agente ideal no contato com as tribos hostis.
(4) Diário de Viagem "da Cabeceira do Tamanduá à Confluência dos rios Commemoração a Pimenta Bueno", 20 de novembro de 1912.

> arvores, os acampamentos, etc., haveriam de admiral-os e despertar-lhes o desejo de travar relações comnosco; o facto de virem morar sobre o nosso caminho parece denotar que elles não nos receiam como inimigos delles, pois d'outra forma não se collocariam em situação de serem encontrados de repente. Com esses pensamentos, fiquei tranquillo quanto aos indios a que eu extendia o nome de malô tundus, confiante de que me seria facil travar no meu regresso boas relações com elles. Infelizmente nada tinha para deixar-lhes; mas o facto sómente de haver entrado na xiru sem haver nada levado, nem estragado, nem mesmo mudado de logar, deveria conduzil-os á certeza ou a hypothese ao menos, de que não desejavamos offendel-os". (Barbosa, Nicolau In: Rondon, 1915(a):225)

Como consequência da exploração, segue-se o povoamento e este movimento, em principio também direcionado pela Comissão de Linhas Telegráficas, também deveria seguir modelos determinados no sentido de travar relações pacíficas e continuas com os índios com os quais passariam a conviver de maneira mais efetiva.

Logo em seguida a saída de Rondon do campo encerrando a fase dos reconhecimentos, dando continuidade aos trabalhos da construção que se haviam paralisado, o

Tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa assume a direção dos trabalhos técnicos de locação a partir da Estação de Juruena em direção da Serra do Norte. Ao término de um dos dias de trabalho, em 9 de agosto de 1910, é atacado juntamente com o seu auxiliar, aspirante Tito de Barros. Feridos, escapam de um massacre disparando suas armas de fogo para o ar e quando socorridos pelas praças, impedem que estes realizem qualquer movimento de revanche.

Paralisados novamente os serviços, são os oficiais substituídos pelos Tenentes Julio Caetano Horta Barbosa e Boanerges Lopes de Souza que, apesar das deficiência da construção naquele período conseguem levar adiante o seu trabalho.

Assim que restabelecido dos graves ferimentos, volta o Tenente Nicolau ao local do ataque e coloca para os índios brindes que deveriam lhes dar idéia de seu desejo de paz.

A cena é descrita por Alípio Bandeira, um dos ideólogos do SPI, em artigo que publicado no Jornal "O Paiz" em 30.10.1910, vem a fazer parte do grande debate sobre a possibilidade de se travar relações pacíficas com tribos hostis sem que se fizesse necessário usar da força das armas. O exemplo, segundo ele, serve para mostrar que não são os índios ferozes a ponto de não serem capazes de entrar em contato com os brancos, apenas faltavam "homens de coração e de principios" e "métodos convenientes" para deles se aproximar.

"...assim que conseguiu restabelecer-se, foi o tenente Nicolao Horta Barbosa ao local do seu martyrio, mandou derribar e roçar em torno o mato, deixando inteiramente isolada no pequeno campo artificial a arvore sagrada e ahi depoz varios mimos reputados agradaveis aos seus irresponsaveis malfeitores. Os aborigenes comprehenderam plenamente a nobreza dessa conducta; recolheram os presentes, e por sua vez deixaram, debaixo da arvore, os de que dispunham: mandioca e flechas.

O tenente volta, arrecada as prendas que lhe são destinadas e deixa novas dadivas. Voltam semelhantemente os indigenas e dessa feita, porque nem outra coisa demandam em seus dominios os aventureiros, deixaram pelles de borracha, ingenuamente convencidos de que era esse o melhor dom que podiam fazer.

De uma terceira vez já não se contentavam de apreciar de longe e prudentemente occultos a manobra fraternal do seu amigo: appareceram e confiadamente chegaram á fala". (Bandeira, 1911:52/53)

Este episódio é bastante significativo na medida em que condensa, na maneira em que é narrado, as idéias

básicas do método que se cria: o servidor que e atacado não só não permite que contra os índios se voltem os seus companheiros, como volta ao teatro dos acontecimentos com presentes e demonstrações de que quer com eles fazer as pazes. Vemos, então colocados em prática aqueles princípios de "brandura, constância e sofrimento" que aliados às "dádivas" fazem do caso o exemplo por excelência não só da ação em si, que deve ser realizada, mas do agente ideal que a realiza.

Rondon, mais tarde, outubro de 1911, na Ordem do Dia lida na inauguração da Estação Nhambiquara irá destacar entre as cenas de sacrifícios de que se revestiram os trabalhos da Comissão, o "sublime exemplo" do Tenente Nicolau e do aspirante Tito de Barros que ao movimento de um "ataque violento" tiveram como resposta a "magnanimidade" das "grandes almas", dos "heróis". (Rondon, 1915:18)

Para Ribeiro (1962:49) a ação de Nicolau Horta Barbosa teria estabelecido "um padrão de conduta".

Esse exemplo, na verdade é acionado como forma de reafirmar a necessidade de que se apresente as intenções de paz através do reforço da ação e do exemplo. A cada movimento de ataque dos índios deveria corresponder um outro movimento de demonstrações de paz até que estas intenções se tornassem claras para eles.

A história da pacificação desse grupo Nhambiquara contada e recontada da maneira como foi reproduzida acima coloca a ação do servidor como tendo um imediato retorno na

forma do entendimento pelos índios dos propósitos de paz daqueles que não lhes respondem ao ataque com um revide igual.

Amilcar Botelho de Magalhães em uma de suas publicações de propaganda e divulgação dos trabalhos da Comissão (Magalhães, 1941) na mesma medida em que ressalta o feito daquele servidor, que com a sua atitude "impressionou fortemente os selvícolas", provando-lhes as suas intenções pacíficas, fazendo com que a partir de então se desse o "término da phase agressiva dos indios Nhambiquaras naquelles sertões", resolve restabelecer a verdade dos fatos e dar a quem de direito os devidos louros da pacificação conseguida.

Após o ataque Nhambiquara e com a saída do Tenente Nicolau de campo, assume a direção dos trabalhos Julio Caetano Horta Barbosa, dando continuidade aos trabalhos para além do Juruena.

Numa grande árvore onde deixavam os índios armadilhas ("esperas") contra o pessoal da Comissão, mandava o Tenente Julio colocar brindes, principalmente após qualquer emboscada dos índios. De início os brindes não são retirados mas com o passar do tempo, cada vez mais rapidamente os presentes colocados já não são encontrados. O esquema de ofertas se repete até que em determinado dia vai o tenente Julio encontrar a "arvore das ciladas" repleta de presentes com os quais os Nhambiquara aplicavam o "mesmo método". O fato é visto como sintoma de que os índios não

tardariam a tentar uma aproximação, na medida que a repetição do ato de presentar e não revidar aos seus ataques por si só já dariam aos índios um indicativo de suas pretensões.

O relato do desfecho do episódio encaminha para a reafirmação da proposição:

> "Dias após esse incidente memoravel, viajava o Tte. Julio de Juruena para o acampamento da construcção da linha telegraphica, então sob sua direcção, quando ouviu, ao aproximar-se do corrego Urutáo (a 10 km do rio Juruena), uma grande vozeria de indios que vinha da matta proxima. Julio apeou-se e entregou ao guarda-fio Agostinho, que o acompanhava, as redeas de sua montada, avançou alguns passos em direcção ao lugar de onde procediam os rumores das vozes, de modo que fosse perfeitamente visto por quem o observasse da matta, depoz no sólo, com gesto largo, a sua carabina Winchester - a inseparavel companheira do sertão - e assim desarmado caminhou mais uns 200 metros; de perto do corrego gritou, chamando-os por signaes de mimica... De todos os lados começaram então a surgir os indios, aos grupos, e logo o rodearam. A todos foi elle recebendo com demonstrações de alegria e abraçando confiadamente..." (Magalhães, 1941:481)

Esse e o "methodo simples e facil de travar relações pacificas e amistosas" (Rondon, 1916:169) com as tribos hostis e, na medida em que se colocam aos expedicionários novas necessidades de efetivação da ocupação o mesmo deverá se desdobrar em ações nas quais o ato de atrair se organiza em técnicas de aproximação que têm como desdobramento a pacificação que deverá significar a cessação dos movimentos de guerra tanto dos índios com relação às populações regionais, quanto no que diz respeito às contendas entre as diferentes nações ou até mesmo lutas internas entre sub-grupos.

Nesta medida apesar de toda a divulgação dada aos primeiros contatos com os Nhambiquara através de Conferências realizadas por Rondon no Rio de Janeiro, importante num momento em que a discussão opõe civilização/exterminio (Lima,1985) como meios de se viabilizar o aproveitamento dos sertões, esses grupos só serão considerados pacíficos na medida em que comecem sua escalada em direção à sua incorporação a nacionalidade brasileira: outros grupos Nhambiquara deverão ser pacificados e logo em seguida, se investirá na tentativa de sua "reconciliação" com os seus inimigos históricos, os Parecis.

Assim, para além de uma primeira fase em que os índios se defrontam e são encantados com todo o aparato tecnológico da civilização, o movimento de ocupação aponta

para a apresentação de técnicas de aproximação mais elaboradas e eficientes a longo prazo na consecução dos objetivos ultimos de incorporação.

Essas técnicas, utilizadas pela Comissão Rondon basicamente na implantação de suas futuras Estações Telegráficas já estavam organizadas na forma de "meios" de "civilizar" índios bravos dos "Apontamentos" que estariam, no entanto, referenciados ao projeto de formação de aldeamentos de índios mansos. A indicação feita por Jose Bonifácio sobre a necessidade de se dar aos índios bravos a noção da "riqueza" à disposição daquele povo com o qual se defrontava deverá ser realizada também através das provisões que se deveria deixar a disposição dos indígenas a serem trazidos para os aldeamentos. Assim, antes que se traga os índios dos matos, plantações e roças já deverão estar preparadas, com capacidade de sustento das famílias indígenas por, pelo menos, seis meses. Da mesma forma, os lavradores das regiões por onde deverão transitar esses índios, deverão fornecer mantimentos para que estes "façam grande conceito da fartura em que vivemos e a que eles podem chegar". (Silva, 1965:18)

Tratar bem os índios se liga basicamente a idéia de criar naqueles que ainda não estão aldeados o "desejo" de vir a compartilhar da fartura e da riqueza que supostamente a civilização lhes poderia proporcionar. Ranchos já devem ter sido levantados para que as famílias possam se abrigar. Nas novas aldeias devem ser recebidos com "todo aparato e

festas" para que se conscientizem do poder, riqueza e amizade daqueles que os recebem.

Esses itens serão incorporados na construção do método que será repetido, tal como uma "fórmula", na sua aplicação em diversos encontros com tribos nostis. (5)

O posto avançado da conquista

Em Campos Novos da Serra do Norte, como vimos no capítulo precedente, foram deixados homens e animais com a intenção de fazer do lugar mais um ponto de apoio para a construção da Linha. Os campos foram tidos como excelentes para a formação de uma invernada e os índios pareciam ser menos agressivos do que aqueles Nhambiquaras que habitavam as cercanias do Juruena e faziam sucessivos ataques aos Expedicionários.

Severiano Godofredo de Albuquerque (6) encarregado do que ficou sendo chamado Retiro do Veado Branco deveria tomar uma série de atitudes com o objetivo não só de implementar uma ocupação efetiva do território, "mantendo as posições já conquistadas" (Rondon, 1922:82), como também no sentido de atrair os índios da região. As ordens são para que procedesse ao plantio de cereais, mandioca e os legumes mais necessários à alimentação, podendo assim, logo em

---

(5) Terminado o Grande Reconhecimento a construção da Linha e a continuidade do levantamento de alguns rios levarão ao encontro com sub-grupos Nhambiquara e outras nações indígenas. Ver: Magalhães, 1941.

(6) Em 1915 Rondon se refere ao Sr. Severino de Albuquerque como um "antigo empregado" da Comissão de Linhas Telegráficas no qual, pelo desempenho apresentado em Campos Novos da Serra do Norte, confiava plenamente.

seguida ter provisões o suficiente para oferecer aos índios que do retiro se aproximassem e até mesmo fazer com eles trocas.

Apesar de apontar em seu relatório para as mais diversas dificuldades na implantação das lavouras que deveriam produzir alimentos necessários ao pessoal que ficava localizado no Retiro e servir de atrativo para os índios, foram derrubadas as matas e iniciado o plantio. As dificuldades variavam em torno de falta de ferramentas, falta de sementes, falta de trabalhadores.

As mesmas privações dentro da narrativa de Amilcar Botelho de Magalhães (1941) tende a ressaltar a coragem e o despreendimento daquele contingente isolado no sertão como se fora um fator a mais a construir uma imagem do agente corajoso e abnegado, capaz de passar por privações para dar cabo da missão de levar adiante o "estreitamento d'amizade e a manutenção do respeito ás terras dos nossos selvagens". (Albuquerque, 1916:140)

"Nesses confins de Matto-Grosso, Rondon deixou um pequeno grupo de homens, com um punhado de generos, para iniciarem a construcção das casas e ahi permanecerem isolados do mundo, até que fosse possivel mandar-lhes novos recursos.

Longe ainda estava o dia em que por ahi teria de passar a linha telegraphica que lhes permittisse ao menos ammunicarem-se com qualquer

> nucleo de povoação, e no entanto essa corajosa gente, sob a direcção de um valente *sertanista* - Severino Godofredo de Albuquerque - ahi se manteve completamente isolada cerca de um anno, vivendo do que caçava e do que plantava!
>
> (...)
>
> Acrescente-se que essa gente assim isolada, estava arriscada a ser morta ou aprisionada pelos numerosos selvícolas que habitavam em torno, e ainda nos faltara um dado importante para bem avaliar de sua abnegação: estavam prohibidos de disparar suas armas contra os indios ... mesmo que fossem por estes hostilizados!" (Magalhães, 1941:489/490)

Severiano descreve as fases porque passam suas relações com os Nhambiquara. Primeiro estes aparecem colhendo verduras nas roças sendo a preocupação principal tratá-los com "benevolência". De imediato ficam proibidas os disparos com armas de fogo e toda a cautela deveria ser usada no sentido de que não seria permitido qualquer revide a alguma atitude de hostilidade que partisse dos índios.

Cumpridas as ordens, as primeiras "entrevistas" se deram no dia 12 de Janeiro de 1910 quando os índios colhiam verduras na roça. O movimento dos índios é de aproximação e recuo: vêm colher verduras nas roças e se retiram para as matas próximas, voltam às roças e se retiram matando algumas

cabeças de gado (Janeiro), novamente voltam e apontam suas flechas sem no entanto atirá-la (Março). De todas as vezes nunca sofreram "contrariedade".

Quando se retiram, o encarregado Severiano vai à roça e lhes deixa presentes (Junho). Mais tarde, ao colher algum feijão na roça é surpreendido por uma flecha atirada que não o atinge. Em resposta dispara tiros para o ar e os repreende. De todos os lados do Retiro ouve-se gritos e depois que se reunem novamente na mata, algum índio que o Encarregado presume ser o cacique irá falar "em tom de muito irado até alta noite".

No dia seguinte, novamente na roça são colocadas "ferramentas". Os índios retiram as "facas" e "fazem uma fala" com o Encarregado num tom que lhe sugere que estariam agradecendo o presente e prometendo não mais repetir os fatos do dia anterior.

Sete dias após, voltam à noite imitando o latido dos cães. No dia seguinte encontram o batatal todo escavado e os presentes retirados.

Novas turmas de índios aparecem e novos presentes são dados, agora já retribuidos com arcos, flechas, machado de pedra e outros artefatos. O Encarregado canta e toca flauta para os índios que lhe respondem tambem com cantorias.

Os indios agora pedem as ferramentas (Julho), vêm ao acampamento para pedi-las, trazem artefatos e sementes de milho e cará para trocar. As visitas se sucedem, grupos que

ainda não tinham ainda aparecido se aproximam em busca das ferramentas.

Ao final de Julho já não tinham ferramentas. A um grupo de "índios malvados" o Encarregado oferece umas "velhas faquinhas". Uma parte deste grupo ataca os animais crivando um deles de flechas e como resposta Severiano dispara duas vezes para o ar fazendo com que fugissem para a mata.

Passados 28 dias (Agosto) voltam a entrar na roça e o Encarregado e outros companheiros vão à roça levar-lhes "brindes" (recebidos após pedido de recursos).

"E para não facilitar-lhes de qualquer represália ou mesmo declarar-lhes qualquer desavença, deixei os brindes em outro logar mais para nosso lado do que para o delles e antes que eu attingisse a distancia de 30 metros elles apanhavam os brindes por mim deixados. Em retribuição deram-me muitas flechas e arcos. Mandei vir mais ferramentas e ordenei á praça José Alves que as puzesse no mesmo lugar. Quando Alves foi-se approximando do local, elles que alli estavam, foram-se retirando, recuando morosamente para a retaguarda e olhando-nos: deixados os presentes, elles vieram busacar sem que Alves tivesse andado 20 metros.

A vista disto resolveu-se o cacique

approximar-se e com todo o enthusiasmo e desembaraço, vir onde estavamos e fallar commigo; abracei-o, recebendo delle uma cabaça contendo folhas secas picadas.

(...)

Immediatamente mandei vir as roupas que tinha no deposito e eu mesmo sem que outros vestissem, vesti o velho em primeiro logar, de calça e camisa, enfeitei-o de contas, puiseiras, brincos, etc. Vesti outros seis indios de camisa, 1 de calça, 1 de cobertor e 1 de camisa de mulher, taes os recursos que eu tinha". (Albuquerque, 1916:142)

Vestir os índios alem de ser um recurso de controle que se exerce sobre os corpos que são diferentes é também, e por consequência uma forma de reclassificá-los dentro de uma estética e uma moral que lhe são externas e impostas. (7)

Depois de tantos "sacrifícios", Severiano considera estabelecida a "aliança" com os índios da região: afinal ele lhes tinha falado, abraçado e vestido.

Para além do significado que assumem para os índios as construções e a produção de alimentos em abundância que lhes deveria passar a idéia de segurança e fartura e neles criar o desejo de tudo isso compartilhar, as

---

(7) Sobre a leitura diferencial que os indios podem fazer quanto a aproximação física que os agentes do contato lhes impõe ver Price (1983).

roças serão utilizadas por Rondon também com o intuito de "ensinar" aos índios uma nova maneira de se servir de seu território. Também esse item já estava inscrito nos Apontamentos, via um projeto educacional que se propõe, em última instância a liberação de terras e a formação de uma mão de obra direcionada para determinados trabalhos a serem realizados em pedaços de terra menores e possivelmente menos ricos. Havia a necessidade de ligar os índios a um território fixo e mais reduzido do que aquele necessario a grupos que se organizam em torno das atividades de coleta e caça.

O objetivo último era o "aumento dos braços empregados na agricultura e industria" (Silva, 1965:19) e para alcança-lo todo um esforço deveria ser empregado para que os índios fossem afastados das facilidades de retirar o seu sustento da natureza. Aos menos preguiçosos deveria ser destinado um lugar de pouca caça e pesca para que fossem forçados a tirar seu sustento do trabalho. Os mais "frouxos e desleixados" deveriam ser tratados com alguma "paciencia e contemplação" dando-lhes, a princípio trabalhos de tropeiro, pescadores peões e guarda de gado, abrir valas derrubar matos, transportar madeiras e abrir picadas pelo sertão. (Op. cit:20)

O projeto positivista de Rondon vai apontar para a fixação do índios como parte de uma estratégia de modificar o seu meio ambiente social, aproximando-o das influências transformadoras do ambiente civilizados e podendo, assim,

cumprir seu caminho evolutivo da mentalidade fetichista para a positiva.

Os índios deverão ser persuadidos a viver numa porção menor de terra, onde possam realizar uma economia de aproveitamento intensivo do novo território. Esta proposta, como vimos anteriormente, se encontra articulada na forma de um projeto de deslocamento dos índios Pareci de suas terras (Carta de Rondon ao Ministro Rodolfo Miranda,1910. In: Magalhães, 1942:134/139) o que realmente ira se realizar quando, estando pronta as Estações Telegráficas, começarão os Pareci a transferir aldeias inteiras para perto destas Estações. Esse, na verdade, será apontado como o grande "ganho" que terão os Pareci com a passagem das Linhas Telegráficas pelo seu território. Rondon irá considerar os índios libertos da "opressão" dos seringueiros, na medida em que deste momento em diante não estariam mais os índios trabalhando sem a justa remuneração. Transferidos os índios para perto das Estações estariam trabalhando na limpeza das picadas, reparo de pontilhões e estivados, manejo de balsas para travessia de rios caudalosos, guarda-fios, todos os serviços fiscalizados e dirigidos por empregados da Comissão, e pelos quais estariam sendo remunerados como qualquer outro trabalhador nacional.

Atrair e Pacificar: uma fórmula não tão "inédita".

Entrar em território de índios bravos e os

conquistar com "bons modos", como ja vimos, seria uma fórmula já levada a prática por alguns segmentos da sociedade nacional que se viam na contingência de ter que entrar em contato com essas populações. s missionarios jesuítas a partir do propósito de conquistar as almas propagandeavam já ter aldeado "infinidades de índios bravos". (Silva,1965:14)

Era para os missionários tão fácil realizar a aproximação com os índios hostis e os "domesticar" que o Padre Nóbrega podia os trazer a si apenas com "música e harmonia de vozes".

Aos jesuítas, José Bonifácio credita ter reunido nas Missões dos Guaranis, no sec. XVIII, mais de 140.000 almas e de ter batizado outro tanto. Imitando-os os "governadores de Goiás" fizeram amizade com os Acroás, os Javais, os "indômitos" Caiapós e os "crueis" Chavantes. Na província da Bahia "um General" conseguiu "pelo bom modo" que os Botocudos passassem a viver em "boa paz".

Para José Bonifácio não se poderia ter dúvidas sobre a maneira de se conseguir tal façanha:

"E como o conseguiram? Dando liberdade aos prisioneiros, vestindo-os, amimando-os e persuadindo-lhes a que viessem viver debaixo das santas leis do Evangelho. Apesar de sua barbarie, reconheceram êles os obséquios feitos e não foram insensíveis às atenções com que os tratavam os

grandes caciques dos brancos, como eles chamavam aquêles generais". (Silva, 1965:14)

Obviamente que Jose Bonifácio estava atento aos erros e conseqüências desastrosas que a política de civilização de índios (salvos os bons exemplos) tinham ocasionado para as populações indígenas em geral. Foram os índios objeto de cativeiro, injustiças e horrores. Contra eles se fizeram guerras como o intuito de escravizar e usar o seu trabalho. A "rápida despovoação" a que foram submetidos desde a chegada dos portugueses ao Brasil só poderia causar "horror". Pelas guerras, cativeiros e moléstias trazidas pelos portugueses foram mortos mais de dois milhões de índios. (Op. cit.:13) Segundo Jose Bonifácio, por tudo isso os índios os odeiam e, tamoém por isso, haveria que se "desculpá-los" de agora em diante. Daí a necessidade de "aperfeiçoar" os métodos.

Um bom exemplo da mudança de resultados no contato com os índios a partir da modificação da maneira de os tratar (como propunha Rondon como método de bons resultados) que se acha registrada na história da província de Mato-Grosso é o da nação dos Bororo, com os quais Rondon faria contato mais tarde. (8)

Sofrendo investidas das bandeiras paulistas, os Bororo que se constituíam numa nação "imensa" dividiram-se

---

(8) Os índios pacificados pelo Alferes Duarte são os Bororo do Rio São Lourenço dos quais Rondon teria a ajuda nos trabalhos da Comissão de 1900 a 1906.

em diversas tribos que passaram a buscar locais mais afastados onde pudessem localizar suas aldeias.

Tomando conta de um vasto territorio voltam logo em seguida a praticar assaltos e "correrias" que são respondidas com bandeiras, antiga pratica adotada para reprimir os índios, mas cujo efeito se fazia sentir de maneira pontual. Apenas recolhidas as expedições, novas correrias se davam, em diferentes pontos do sertão.

As mais "horrorosas scenas" praticadas pelos índios eram respondidas pelas expedições que "commettiam às vezes actos de barbaridade". O governo criava destacamentos militares nas estradas de Goiás e do Piquiri, mas longe de acostumar os índios com os soldados, "afim de chamal-os a falla", mais os enfurecia, na medida em que estas estradas acabavam atravessando seus territórios e alguns de seus acampamentos. (Caldas, 1887:19)

Em setembro de 1885 foi nomeado por Carta Imperial para Presidente da Província de Mato-Grosso o Sr. Dr. Galdino Pimentel que encontra uma situação extremamente difícil, com os ataques dos índios chegando às proximidades da capital. Com o intuito de promover o "dessenvolvimento moral e material" da província, trata imediatamente da "catequese" dos Coroados como meio de os trazer à civilização, "memorável feito" que levaria a cabo transpondo todas as dificuldades com "admirável prudência e perseverança". (Op. cit.:20)

Para realizar a "pacificação" da tribo dos

Coroados manda a um dos aldeamentos do rio São Lourenco uma força militar sob o comando oo alferes Antonio Jose Duarte com instruções para que tentasse a catequese. Neste aldeamento algumas índias já civilizadas acompanharam a força expedicionária "como missionários da paz, afim de convencer os índios daquella zona da utilidade e vantagens que lhes proporcionava a vida civilizada, da qual ja ellas participavam". (Op. cit.:21/22)

Chegando nas florestas as índias sozinnas procuraram a aldeia onde se demoraram por três dias.

> "E tal foi a confiança que lhes inspiraram as promessas de paz e amisade levadas por estas interpretes, que esquecidos dos resentimentos e antigos odios, resolveram vir a esta capital mais de quatrocentas almas, de que se compunha o aldeiamento.
>
> Infelizmente, porem, não havia meios de transporte ... de modo que só vieram os parentes mais proximos das sete indigenas em numero de vinte e oito." (Op. cit.:22)

A descrição detalhada da expedição porém se encontra no relatório apresentado ao Presidente da Provincia pelo alferes Duarte, onde apresenta os resultados da catequese e, o que nos interessa mais de perto, as maneiras utilizadas para entrar em contato com os indios.

"A 17 fiz seguir para o centro as 6 horas da manha os indios, acompanhados por uma escolta de 16 praças comandada pelo 2º cadete forriel José Augusto Caldas, até a barra do ribeirão Floriano, com todas as recommendações no sentido de evitar qualquer encontro com os selvagens, e no caso contrario não hostilisal-os, tendo antes, no dia anterior, feito um rancho retirado do acampamento um quarto de legua, e dentro delle depositado os brindes que vieram em dois pequenos caixões, tudo na presença das indias.

Ao retirarem-se ellas para o centro, fiz todas as recomendações para que empregassem todos os esforços que lhes fossem humanamente possiveis, afim de conseguir bom exito do trabalho de que vinham incumbidas, fazendo-lhes sentir que prestavam relevante serviço não só a Deus, á patria, á sua própria tribu, como tambem e com especialidade á provincia de Matto-Grosso.

(...)

Marquei-lhes 10 dias de espera ...

No dia 24, apresentaram-se no acampamento (...) e queriam roupa para chegar.

Entraram no acampamento todos armados, vindo na frente as indias civilizadas e ao

aproximarem-se de mim os homens foram entregando-me o armamento, estendendo as duas mãos que pegavam na minha apertavam com bastante força.

> O dia 24 ficará sendo uma data memoravel para a historia da provincia, porque e a data em que ficou resolvido o grande problema da catechese da tribu dos Coroados ..." (Duarte, Antonio José In: Caldas, 1887:23/24)

Mais ou menos pela mesma época, na Província do Amazonas e Pará, João Barboza Rodrigues, Diretor do Museu Botânico, se propõe a catequese dos indios do rio Jauapery.

Até então aqueles que haviam tentado entrar em contato com os índios conhecidos por Jauaperys (Uamerys, Uaimeris, Waimirys) eram aqueles que tinham interesses em obter mão-de-obra para os trabalhos de suas roças. Aqueles que iam ao seu encontro para "atrai-los" para o seu serviço não raro terminavam por os perseguir e massacrar.

Barbosa Rodrigues via no seu projeto um ouplo fim: "pacificar e civilizar". Na expedição que organiza pretende realizar o primeiro objetivo e o segundo deveria ser objetivado de forma paulatina já que dependeria de "tempo e meios". (Rodrigues, 1885:91)

Partindo de Manaus em março de 1884, leva para os índios vários brindes que já estavam eles acostumados a receber através do pescadores que se utilizavam desse

artifício para conseguir dos índios salvo-conduto para as suas pescarias.

Barbosa Rodrigues no entanto, discordava do ato de deixar os brindes nas praias como meio de amansa-los já que, no seu entender, isso só contribuiria para torna-los ladrões e piratas, "aguçando-lhes a cubiça". (Rodrigues, 1885:48) Sendo assim, procurava organizar a distribuição na forma de trocas que, em última instância, deveria ter o significado de um desarmamento.

> "Conservando-os à distância do caixão dos brindes mandei tirar a estes e fui distribuindo a todos, procurando sempre desarmal-os, isto é, receber em primeiro logar os arcos. (Op. cit.:47)

Distribuídos os brindes que constavam de instrumentos como machados, terçados, faca, canivetes, tesouras, enxadas, agulhas, linhas, pentes, anzóis, etc., foram os índios vestidos com calças, camisas e chapéus. Ao intérprete cabia a função de explicar aos índios que aquele era um branco bom, "que os procurava para dar-lhes presentes, reunil-os em um só lugar afim de que os brancos não lhes fizesse mal; que ia fazer roças e casas para elles, que lhes ia dar mais presentes, porém que era preciso obedecer-me, não fazendoo mal a mais ninguém". (Op. cit.:51)

Estando então os índios neste "estado pacífico,

mansos e submissos", retira-se Barbosa Rodrigues com a intenção de retornar em seguida para "apreciar o resultado da metamorphose". (Op. cit.:66)

Vários exemplos poderiam ser aqui alinhados comprovando que já nas primeiras expedições comandadas por Rondon e mesmo pelo seu mestre primeiro, Gomes Carneiro, havia sido tentado colocar em prática uma maneira diferente de se ter acesso aos territórios indígenas sem que fosse preciso eliminá-los fisicamente e, ao contrário, incorporando a sua força de trabalho naquelas tarefas para as quais eram eles considerados "aclimados".

No entanto, é importante assinalar que essas tentativas anteriores realizaram-se de maneira mais pontual e apesar de num certo sentido estarem suportadas por projetos de povoamento, como no caso citado do Presidente da Província de Mato-Grosso (Caldas, 1887), somente a partir do final do sec. XIX e início do XX, a necessidade de novas terras iria empurrar as fronteiras produtivas do país de maneira maciça por sobre as terras indígenas e suas riquezas.

Na verdade o grande debate em torno da estratégia de, conquistar novas terras sem destruir o elemento indígena para que se obtivesse uma mão-de-obra aclimada (por oposição aos imigrantes) para os trabalhos em regiões na maioria das vezes paludosa, não tem correspondência na prática de ocupação dos mesmos territórios. Não são os índios que serão chamados a ocupar essas terras. Projetos de penetração já

avançam de maneira conflituosa por sobre esses territorios que agora, terminadas as "guerras" e tornadas "pacificas" as nações indígenas, "atraídas" que foram para as "riquezas" da nossa civilização, serão finalmente ocupados.

Não serão os Parecis nem os Nhambiquara os que irão ocupar essas terras ricas em seringa. Eles terão apor tarefa "evoluir", tornando-se vaqueiros em algum pequeno pedaço de terra para eles reservado/preservado pelo SPILTN.

O mesmo processo veremos a seguir se repetindo com os Kaingang do Oeste paulista.

Capítulo VI:

O Oeste Paulista

Os trilhos dos trens da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, iniciada em 1905, são um marco de uma nova etapa de uma mesma guerra contra os índios do sertão paulista, até agora travada pelos bugreiros e alguns colonos, recrudescida pela forma organizada de penetração que supõe a implantação de uma ferrovia. O recem-criado Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN) é chamado para "regularizar", as relações entre os índios Coroados e a população civilizada.

São então os Kaingang (ou Coroados) figura central no palco das discussões acerca de qual a atitude a ser tomada com relação às várias tribos que impediam o desenvolvimento paulista (os Kaingang) e de outras regiões do país. (1) A escolha da "proteção fraternal" (2) se dá como opção entre as concessões de terras e benefícios para as ordens religiosas dispostas a catequisa-los e que nunca apresentaram um resultado correspondente; e aos consecutivos massacres levados a cabo por "bugreiros" profissionais contratados por colonos, pela Estrada de Ferro, por serviços particulares de demarcação, Comissões Geograficas, ou qualquer um que pretendesse se apoderar de um tanto daquele rico sertão.

A mira do bugreiro, seus métodos de massacre de aldeias indígenas inteiras, era uma opção que tinha seus limites no proprio cenário em que se desenvolvia a guerra.

---

(1) Para o confronto com outra situação de conflito intenso no sul do país (Santa Catarina/índios Xokleng) ver Santos, 1973.

(2) Para uma discussão exaustiva acerca da criação do SPILTN ver Lima, 1985.

Os Ofaié, primeiro obstáculo à penetração do sertão paulista, inimigos dos Kaingang, habitavam um território de campos abertos e foram por isso facilmente exterminados. Os Kaingang habitavam uma zona de mata mais densa onde o arco e a flecha usados em ataques de guerrilha e pequenas emboscadas se rivalizavam com as armas de fogo. Assim, uma nova estratégia de luta tinha que ser articulada, já que não era suficiente o simples tiro ao alvo praticado contra os Ofaié.

O prestígio adquirido por Rondon na Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas na abertura dos sertões de Mato-Grosso à uma exploração econômica mais efetiva, e da travessia de territórios de tribos indígenas consideradas hostis sem que as tivesse atingido fisicamente, o tornam figura chave na apresentação de uma nova forma de lidar com o grave problema que representava a resistência dos índios Kaingang ao avanço da Estrada de Ferro por sobre os seus territórios.

Cândido Rondon precisava saber notícias sobre o campo de luta e determina uma Comissão de Investigação que lhe dê as coordenadas para a ação, sendo produzido então, um extenso Relatório. (3)

Encaminhado a Rondon em novembro de 1910, o Relatório é extremamente interessante para tornar evidente que não se trava neste momento apenas uma, mas várias

---

(3) O Relatório da Comissão de Inquérito sobre a situação dos conflitos na zona da Noroeste e apresentado sob a responsabilidade de Caramuru Paes Leme, do 1º Tenente Pedro Ribeiro Dantas e de José da Motta Cardim (O Advogado dos Selvícolas), ao Cidadão Tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, Diretor Geral do SPILTN, em 22.11.1910.

guerras na zona da Noroeste e que os varios agentes envolvidos vão se utilizar de diferentes taticas para defender suas posições, territorios conquistacos ou o que lhes resta.

Internamente, no ambito da propria Estrada de Ferro, a situação de tensão ultrapassa a questão menor que é a paralisação da construção da estrada. As condições de trabalho dos operários da Noroeste são precarias (recursos escassos, excesso de horas de trabalho, etc) e a isso se junta o impaludismo, a malária e outras doenças que assolam impiedosamente o contingente de trabalhadores. As baixas são muito significativas (de junho a outubro de 1910, perde-se mais de 500 trabalhadores) e havia a necessidade de se agenciar novas turmas de trabalhadores, dentro e fora do Estado de São Paulo, para substituir aqueles operários que não mais conseguiam se manter em serviço. Da mesma maneira, essas novas turmas não tardavam a se dissolver.

Entre as condições precárias de trabalho determinadas pela relação de exploração da Companhia para com os seus operários, mais a insalubridade da região e os ataques dos índios, não era dado ao trabalhador a opção de recuar. O trabalhador da Estrada de Ferro tombaria pela malária, pelos ataques dos índios ou pela "úlcera de Bauru":

> "Abandonar o serviço, impossível. Quem entra no inferno não sai. A estrada cuidadosamente

cortava a retirada. Voltasse a pe quem quizesse."
(Azevedo, 1950:124)

Rever o sentido da solicitação ao Governo Federal pela Empresa Construtora de um contingente do Exercito "afim de evitar ataques dos índios Coroados contra o seu pessoal trabalhador" (4), foi por onde se iniciaram os trabalhos da Comissão. Na primeira viagem (Bauru, Miguel Calmon, Hector Legru e Itapura (SP) e Três Lagoas (MT)) foram colhidas informações que deixavam claro que eram bem outros os verdadeiros motivos que determinaram a Empresa Construtora a solicitar do Governo aquele Contingente, alegando a necessidade de se defender contra os índios.

A Estrada de Ferro trazia entre as suas fileiras um elemento especialmente tratado para a defesa de seus trabalhadores e organização de expedições punitivas contra os índios que eram as turmas tidas como "de conserva" e que se apresentavam armadas com carabinas de repetição de oito a doze tiros.

Na verdade, o medo dos ataques de índios ao seu pessoal fez com que a Empresa Construtora armasse, num primeiro momento, todos os seus homens, o que se constituiu logo em seguida num problema para a mesma, já que as armas se tornaram um ponto de apoio para reivindicações do pessoal trabalhador que passam a irromper em pequenos levantes abafados pela força policial estadual que estivesse a

(4) A literatura da epoca se referia aos Kaingang pela denominação "Coroado" devido ao habito deste povo de ter o cabelo cortado ao alto da cabeça, em forma de coroa.

disposição em cada momento (São Paulo ou Mato-Grosso).

A Comissão não causa espanto o fato de ser solicitada a força federal para a defesa da Empresa Construtora. Apoiando-se a Empresa num pedido de socorro para perigos que declaradamente não teme (5), vem a "mistificar duplamente o Governo e a opinião pública, desviando do selvícola uma simpatia dia a dia crescente, e apresentando-se ao mesmo tempo, como ciosa defensora e zeladora da vida de seus operarios".(Leme, Dantas & Cardim, 1910:9)

Neste momento a requisição de forças federais será alvo apenas deste Relatório interno, não tendo maiores repercussões na imprensa, já que aparentemente solicitadas contra os índios. Mais adiante, porém, uma solicitação semelhante do SPI ao Governo Federal, feita com a finalidade de defesa dos Kaingang, irá gerar uma enorme polêmica.

Não achando necessária a ação do contingente federal em Itapura, propos o Tenente Pedro Dantas propos a remoção do mesmo para a Estação de Miguel Calmon, zona que seria efetivamente frequentada pelos índios. Daí segue o Contingente para Legru onde, por receio de ataques dos índios, permaneceu principalmente com o intuito de evitar as "batidas" que contra eles eram organizadas.

Os combates

A guerra dos bugreiros se inicia em um momento

(5) O empreiteiro geral da Estrada de Ferro diz ao Tenente Pedro Dantas não temer os índios já que as suas "turmas de conserva", armadas com carabinas de repetição, seriam suficientes para repeli-los.

anterior a implantação da Estrada de Ferro. Vinoos no rastro das diversas categorias de colonizadores que penetravam, no final do século XIX , o sertão paulista, ja agora não mais se interessavam em prear e escravizar indios, mas simplesmente dizimá-los, contratados que eram pelos que pretendiam se apoderar de suas terras.

Segundo Morais Filho (1951), testemunha dos trabalhos iniciais da construção da E.F.Noroeste, os primeiros desbravadores do sertão paulista se desdobravam em tipos diferenciados em relação ao apossamento da terra.

Por Avanhandava estabeleceram-se grandes famílias oriundas de Minas Gerais, bandeirantes não mais a procura de ouro mas das "terras roxas". Grandes fazendas se constituiam também pelo deslocamento de antigos e tradicionais cafeicultores das zonas de terras cansadas (Ribeirão Preto, Campinas ou Vale do Paraíba) a procura de novas terras que eram adquiridas das mãos dos grileiros.

Esses grileiros contavam com duas espécies de mão-de-obra a seu serviço. Por um lado, se utilizando da figura dos "empreiteiros", alguns grileiros conseguiram se tornar fazendeiros.

> "Os grileiros conseguiam também se tornar fazendeiros, arranjando empreiteiros que se encarregavam da formação dos cafezais, mediante um contrato que dava a este o direito de explorar em proveito proprio, durante o prazo de quatro anos

as terras açambarcadas, recebendo o pagamento final da empreitada mediante a entrega das plantações formadas...

Assim, o pêso deveras formidável desta tarefa recaía sôbre os ombros dos referidos empreiteiros que, durante o período dos trabalhos, se abasteciam a crédito nos armazens de fornecedores que se tornavam aquisitores de suas colheitas e se achavam portanto em posição cômoda e vantajosa para impôr, não somente o preço das mercadorias vendidas como o dos gêneros adquiridos". (Morais Filho, 1951:40)

Uma outra forma de adquirir terras, praticada pelo grileiro, passava pela contratação de uma mão-de-obra formada de aventureiros e criminosos foragidos. Esses "bugreiros", assim chamados pela sua especial função de extermínio dos indígenas, também chamados "bugres", eram tanto usados contra os índios em expedições de completo extermínio denominadas "batidas" ou "dadas", quanto para a expulsão de pequenos posseiros que houvessem se instalado e iniciado a abertura de novas roças, por conta própria. (Op. cit., 1951)

Os bugreiros não estavam, então, apenas a serviço dos grileiros mas de todos aqueles que se aventuravam pelo sertão, seja no estabelecimento de fazendas, seja em expedições de demarcação ou levantamento topografico (Essas

ultimas promovidas pelo Governo do Estado de São Paulo que pretendia realizar a discriminação de terras devolutas e inexploradas sem reservar para os índios qualquer pedaço daquelas terras que secularmente habitavam). Tinham um papel importante na guerra que se travava então no sertão paulista, colocando em prática um método especial por meio do qual surpreendiam os índios em seus acampamentos, indefesos pelo sono, o que resultava em grande número de mortos.

O método, recolhido através de vários relatos, foi assim resumido por Morais Filho:

> "Armados de carabinas Winchester e pistola Mauser, esgueiravam-se os expedicionários pelas matas, conduzindo nos bornais a passoca de carne e a matalotagem com que se sustentavam durante a marcha forçada até as proximidades de um arranchamento, cujo cêrco efetuava durante a noite, que buscavam ser de luar, para atacar de surprêsa, ao raiar do dia, os habitantes ainda adormecidos, realizando então grandes morticínio entre êles, sem poupar mulheres nem crianças". (Op. cit.:42)

Os relatos dos diversos e sucessivos combates porém, devem ser listados com o sentido de se fornecer um painel geral das ações dos agentes envolvidos neste campo de

luta que era o sertão paulista no inicio do seculo XX. Por outro lado, colocá-los em ordem cronologica tem por objetivo dar uma seqüência a fatos historicos que depois veremos apropriados, pelos interpretadores da historia do SPILTN, de diferentes maneiras, em momentos especificos, quando dar ênfase a um ou a outro fato tera valor explicativo.

Em março de 1901, o sacerdote secular católico Monsenhor Claro Monteiro do Amaral (6), já tendo tido uma experiência de tratar com os aborigenes das selvas do Rio Doce, já pacificados, organizou uma expedição com o objetivo de entrar em contato com os Kaingang paulistas,

Um aldeamento de índios Guarani, proximo a cidade de Bauru, forneceu o pequeno contingente expedicionario, tendo sido escolhido para chefiá-los um caboclo que se tinha incorporado à tribo como genro do velho chefe, a quem pretendia suceder. Este homem, conhecido por Capitão Honório, era considerado um "mandrião cachaceiro", incapaz de se engajar em qualquer trabalho que lhe exigisse algum esforço. Foi também incorporado à turma, o Guarani Antonio Roque, que já tinha tomado parte ativa em uma "dada" contra os Kaingang.

Avisado quanto ao caráter desses elementos, é com eles que o padre Claro segue em sua expedição, rumando por picadas abertas na mata até o local denominado Barra do Rio

---

(6) O Padre Claro era natural de Pindamonhangaba, descendente de ilustre e tradicional familia paulista. Antigo professor do Seminário Episcopal, era estudante de etnologia.

Feio, ponto onde o rio se torna navegavel, descendo daí para diante em canoa e batelão. (7)

Um mes depois, chegam a Bauru 3 indios Guarani narrando o ataque dos Kaingang à expedição no 25º dia de viagem, sendo flechados o Monsenhor Claro, o Capitão Honorio e os outros. Além destes três índios, apenas a índia Ana Amália, cozinheira do grupo, conseguiu também escapar com vida.

O acontecimento teve como conseqüência a ida a Bauru de um delegado de polícia em missão especial, Dr. Agenor de Azevedo, que abriu inquérito sobre os fatos, sendo seu relatório publicado no "Correio Paulistano" (30.06.1901).

Do inquérito consta o depoimento da índia Guarani Ana Amália que no mesmo confirma a morte do Capitão Honorio e do Padre Claro com uma flechada na fronte. Segundo seu depoimento teria o Padre Claro conseguido disparar três tiros antes que os índios saltassem dentro de sua canoa matando-o a pauladas.

A morte do Padre Claro é, no entanto, um fato que não se esgota enquanto tal neste depoimento e no das outras testemunhas, já que a possibilidade de que tenha sido assassinado e os motivos para a sua eliminação estarão sempre colocados em pauta nos diferentes textos que mencionam o fato.

No relato de Morais Filho (1951) composto pela

---

(7) O Padre Claro saindo de Bauru segue rumo a Fazenda da Faca onde consegue ajuda na forma de complementação de seu abastecimento e meios de transporte.

coleta de depoimentos na área quatro anos após o acontecido, aparecem já três versões, sendo uma delas a relatada acima. A outra diz respeito a boatos de que a morte do Padre teria sido encomendada ao Capitão Honório por grileiros que já haviam com ele se desentendido publicamente com relação às perseguições aos índios e ao açambarcamento de terras devolutas.

> "A atitude desassombrada do padre pretendendo pacificar os índios e obter do governo um território bastante vasto, reservado para uso e domínio dos selvícolas do vale do Aguapeí, não agradava aos grileiros, organizados que estavam em poderosa comandita e eram partidários do completo exterminio daqueles aborígenes, aos quais vinham movendo tenaz perseguição." (Op. cit.:45)

A última versão teve como informante o agrimensor Ismael Marinho Falcão que a obteve das mesmas testemunhas sobreviventes do assalto. A diferença de informações com relação aos dados do inquérito oficial são atribuídas ao clima de pressão do interrogatório ao qual foram submetidos os sobreviventes, já que sobre eles pesava a desconfiança de terem tomado parte no provável assassinato do Padre.

Na versão de Falcão, Monsenhor Claro ordena o regresso da expedição pelo "abatimento moral do pessoal que o acompanhava, intimidado pelos sinais de ameaça que, de

certo ponto em diante os Caingangues ocultos na mata e acompanhando a marcha da expedição, lhes fazia". (Op. cit.:46)

A contradição mais significativa entre os depoimentos diz respeito à atitude do Padre frente ao ataque. Os Guarani sobreviventes afirmavam que nem um tiro havia sido disparado.

> "... o padre Claro foi visto se levantar prontamente sôbre o batelão em que viajava ao ouvir o alarido do ataque, mas em vez de pegar de uma arma de fogo e atirar contra os agressores, que se mantiveram prudentemente ocultos por algum tempo ainda, após o arremêsso das primeiras e certeiras flechadas, pegou de um realejo ou "mandolina", que levava de propósito para a emergência dêste primeiro encontro, pondo-se impertubável a tocá-la, assim como vinha fazendo tôdas as noites, nos pousos, na expectativa de conseguir abrandar, com os seus acordes, o gênio irascível e rancoroso daqueles selvícolas". (Op. cit.:47)

Essas três versões não são as únicas encontradas nos textos levantados, algumas outras serão ainda arroladas mais adiante, na medida em que a expedição do Padre Claro se constitui num dos itens importantes da história de criação

do SPI (ao menos sob o ponto de vista que aqui nos interessa mais de perto), já que passa a ser ponto obrigatório de referência daqueles argumentam com a irredutibilidade desta tribo, como justificativa para a continuidade dos ataques dos bugreiros.

Em 1905 a exploração do rio Feio é iniciada por uma turma da Comissão Geografica e Geológica do Estado de São Paulo e sofre um ataque dos índios, quando apenas começara os seus trabalhos de abertura de um picadão em terras da Fazenda Corredeira no qual saem feridos o engenheiro Olavo Hummel, chefe da turma e dois camaradas.

As turmas da Comissão, no entanto, não andavam desprotegidas nem desarmadas, contando não somente com os bugreiros profissionais como também com uma força policial. Neste ataque os índios foram rechaçados a bala e só não continuaram a ofensiva por estar o acampamento da turma de medição defendido por cerca de arame farpado e pela coincidência de terem, neste mesmo dia, recebido reforços de uma escolta da polícia. (Op. cit.:48)

As terras da Fazenda Corredeira, faziam parte das propriedades do Sr. Joaquim dos Santos, sub-prefeito de Pennapolis (Santa Cruz do Avanhandava), que teria anteriormente organizado uma "dada" (8) para rechaçar os índios Coroados que na tentativa de conter a abertura de uma

---

(8) Para que a expedição de caça aos índios pudesse se realizar o proprietário da fazenda aliciou homens e recursos materiais, rateando os custos com a população de Santa Cruz, para isso se valendo do prestígio de seu cargo. (Leme, Dantas & Cardim, 1910)

estrada em direção ao rio Feio haviam ferido um dos trabalhadores.

"A referida autoridade, que ja é possuidora, não se sabe a que titulo, da quase totalidade dos terrenos daquelas redondezas, projetou organizar uma dada ou batida em regra, contra os aldeamentos indigenas que pudesse encontrar nessa facinorosa expedição" (Leme, Dantas & Cardim, 1910:14/15)

A ação das Comissões Geográficas e de demarcação que percorreram o sertão paulista a partir do início de sua ocupação não tinham apenas como "objetivo o reconhecimento de uma dada região" e nem tampouco tinham "caracteristicas intrinsecamente distintas" da expansão cafeeira e da construção de ferrovias como quer Borelli (Borelli, 1984:67). A Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo usava dos mesmos mecanismos de força para atravessar o sertão paulista e tinha como objetivo principal o reconhecimento dos territórios tidos como desconhecidos para a futura discriminação de terras devolutas e conseqüente ocupação e expulsão dos índios. Partiam e se apoiavam nas mesmas fazendas que tinham interesses em dilatar os seus limites para dentro do sertão que se sabia formado de terras de extremo valor.

Morais Filho faz referencia às represalias que foram intensificadas apos a retirada da "Geografica".

> "... transferida para o Rio do Peixe, deixou livre o campo aos açambarcadores de terras, permitindo-lhes que sem embargo nem protestos, se apoderassem das terras habitadas pelos índios, apertando o cêrco sôbre êles no sentido de apressar o seu expurgo...". (Morais Filho, 1951:48)

Retomando os índios os ataques, em fins de julho de 1906 foram atingidos quatro antigos camaradas do engenheiro Silvio San Martin, quando preparavam uma roça na Fazenda do Sr. João Castilhos, conseguindo escapar apenas um homem. Em abril de 1907 atacaram filhos e genro do Sr. Joaquim dos Santos que, como vimos acima, se indispusera com os índios desde a organização, em sua fazenda, da turma de exploração do Rio Feio.

Na verdade a ação da Comissão Geográfica se fazia de maneira concomitante nos rios Feio e Peixe , e as notícias de ataques indígenas ao pessoal da turma de exploração do rio Feio fizeram com que a expedição do Peixe reforçasse a sua segurança. A descrição de dois ataques (1905/1906) sofridos pela turma do Peixe destaca as táticas de ataque e defesa que cada grupo consegue acionar:

"... logo a nossa atenção foi despertada pelo pio original dum passaro que não conheciamos e que parecia-nos que vinha em bando tal era a quantidade de pios que ouviamos.

Os nossos espias de índios compreenderam logo que não se tratava de pássaros e por isso vieram nos avisar de que os selvicolas se aproximavam em grande número.

Esta notícia dominou logo todo o pessoal e cada um procurou munir-se de todos os meios de defesa; dentro de poucos minutos todos apresentaram-se para receber ordens ao mesmo tempo que nós compreendíamos que os índios procuravam nos cercar.

Procuramos distribuir o pessoal de acordo com o plano de defesa que tinhamos combinado e, quando veio a noite, o nosso acampamento parecia uma praça de guerra, já pelo aspecto bélico, já pela ordem e disciplina.

(...)

No dia seguinte procuramos fazer uma inspeção nos arredores afim de vermos bem os lugares ocupados pelos índios: assim ficou provado que eles desceram pelo leito do corrego Anhumas até o acampamento onde depois se espalharam.

Eles usam muito caminhar pelo leito dos rios quando querem fazer algum ataque,

naturalmente porque encontram caminho aberto e também porque não deixam suas pegadas." (Comissão Geografica e Geologica do Estado de São Paulo, 1913)

Em 1906, retomando a expedição anterior, conseguem prosseguir nos trabalhos até o aparecimento de vestigios que indicavam uma maior proximidade com os índios.

"Eles gritavam anunciando que os índios arremessavam flecnas; imediatamente todo o pessoal acudiu em socorro dos companheiros e obrigou os selvícolas a retirarem-se; (...)

Todos os trabalhadores desembarcaram e deram uma batida nos arredores, vendo então que os Coroados tinham feito duas trincheiras de paus colocados horizontalmente, um sobre outro, até a altura de um metro e cobertos com galhos verdes.

As trincheiras achavam-se colocadas sobre um barranco de seis metros de altura dominando o rio numa extensão de 500 metros, partindo das mesmas diferentes caminhos, afim de iludir o pessoal em sua retirada." (Comissão Geográfica e Geológica oo Estado de São Paulo, 1913)

A Comissão designada por Rondon levanta, por sua vez, os dados mais recentes dos confrontos na região da Noroeste e os agentes neles envolvidos. Expresso nesses relatos encontra-se o método de luta dos bugreiros, cujos ataques ficam sempre justificados na medida em que são apresentados como sendo realizados em resposta aos ataques indígenas.

São listados quatro momentos de ataques dos índios aos trabalhadores da Estrada de Ferro, sendo que a apenas dois se poderia realmente imputar responsabilidade aos mesmos, já que ocorridos em áreas de grande perambulação: em 1909 foram mortos 5 homens da turma 23 de conserva, próximo a Legru e, em março de 1910 outro ataque foi desfechado contra a turma 21, perto da mesma estação.

Um ataque anterior, ocorrido em agosto de 1908, entre as estações de General Glicério e Araçatuba, quando são mortos dois empregados "de um tal" Joaquim Barbosa, fornecedor de dormentes para a Estrada, é colocado em dúvida se de autoria dos índios, já que não houvera testemunha nem indícios característicos de sua presença na área.

Mesmo com o fato ocorrendo em zona não frequentada pelos índios, a falta de testemunha e a ocorrência de degolamento e mutilação dos corpos fizeram com que o feito fosse atribuído imediatamente aos indígenas.

De qualquer modo, o pretenso ou verdadeiro assalto teve como imediata conseqüência uma batida contra a aldeia dos Coroados, organizada pelo mesmo Joaquim Barbosa.

Desta expedição faziam parte, entre outros, os bugreiros João Pedro e Antonio Adão, célebres pelas suas batidas contra os indios. A um membro da Comissão encarregada por Rondon de levantar os acontecimentos na região da Noroeste, o bugreiro João Pedro fez o relato da mesma.

> "Erão ao todo 21 homens, os que tomarão parte nessa funesta empreza, armados de carabinas Winchester c/44, 12 tiros, e munição sobressaiente em grande quantidade, além de afiados facões e outras armas brancas. Assim andarão cerca de quatro dias com maxime cuidado, de sorte a não serem pressentidos pelos indios, cujo aldeamento alcançarão ao anoitecer. Achavam-se estes em festa, em torno de uma fogueira preparada ao centro do terreiro, cercado por varios ranchos, uns grandes, outros menores. Segundo o proprio João Pedro parecia tratar-se de uma cerimonia qualquer correspondente ao casamento, tendo em vista a maior atenção e solicitude de que era alvo entre todas uma moça, mais que as outras enfeitada. (...) Estabelecido o cerco com a necessária precaução ficou resolvido esperar-se a madrugada para o assalto, quando os ingenuos selvicolas, extenuados se tivessem por fim entregue d'um sono profundo, diga-se eterno.(...) Pelos modos a festa se prolongaria até o

amanhecer, e ja começavam a impacientar os da traiçoeira emboscada, para os quais eram de inestimavel auxilio as trevas da noite. Por isso, desistiram de esperar que ela cessasse de todo, receosos de virem a ser descobertos com as primeiras claridades. E assim rompeu a primeira descarga geral, de cujo mortifero efeito só não fará idéia precisa quem não souber da perícia daquela gente no tiro...

(...)

Há quem afirme que mais de cem vidas aí foram sacrificadas, tendo em seguida as primeiras descargas o assalto a facão...

Haviam feito uma limpa, diziam e alguns até autenticaram suas valentias exibindo orelhas cortadas de suas vítimas:

Manoel Francisco diz que mataram de 8 a 10, e adianta que João Pedro, se teria apoderado da moça a que acima aludimos, a qual ficara mal ferida, nela saciando seus instintos de besta fera! (...) diversas mulheres, algumas feridas, inclusive aquela já citada, foram estupidamente profanadas antes que lhes tivessem dado cabo da vida!

Versiano Pereira, vulgo Padre-Mestre, diz que foram cerca de trinta as vitimas; Pedro Bueno, ainda outro da quadrilha assassina, eleva este numero a quarenta, inclusive o Capitão da aldeia,

que diz ter sido queimado ferido, mas ainda com vida, entre os cadaveres que para o mesmo fim haviam sido acumulados dentro de um rancho:" (9) (Leme, Dantas & Cardim, 1910:18/21)

O bugreiro João Pedro percebendo a indignação que causava sua narrativa ao inspetor comissionado, procura se justificar alegando que tais serviços eram feitos de "encomenda" por gente graúda que oportunamente apontaria.

Esta expedição fica sendo conhecida e citada nos documentos e jornais da época como o "massacre do Córrego Azul" e é em resposta a ela o ataque de 1909 quando os índios matam cinco trabalhadores da Estrada.

Os ataques dos índios. A tese da legítima defesa.

A par dos ataques sofridos pelos índios na penetração de suas terras, o Relatório da Comissão de Inquérito registra também algumas situações em que estes reagem com violência. Ressaltam, porém, os limites mesmos desta violência descrevendo os seus métodos de ataque:

"Os raros ataques do selvícola são geralmente precedidos de sinais e demonstrações previas por todos conhecidas no sertão paulista, de sorte que medidas de precaução seriam sempre

---

(9) O mesmo trecho da descrição desta "dada" é citado por Borelli (1984), citando Darcy Ribeiro, que o localiza como fruto de uma Comissão de Sindicância criada em 1911. O mesmo Relatório foi tambem publicado pelo Diário Oficial em 03.03.1911.

bastante para evitá-los. Salvo caso de vingança pessoal, ..., tais ataques visam de preferencia o pessoal preposto à derrubada de suas matas, tiradores de dormentes, lenhadores, abridores de picadas para construção de estradas ou medição de terras. Mesmo aí, porém, segundo informações unânimes de engenheiros e trabalhadores, costumam eles patentear primeiro, de maneiras varias, o seu descontentamento. Assim é que, na volta para o pouso que ficou atrás, o pessoal geralmente encontra a picada entrelaçada de cipós, obstruída por galhos, etc.

Si, então persiste-se na usurpação começada, o ataque ainda poderá ser evitado, desde que o índio perceba um serviço cuidadoso de vigilancia e segurança da parte do pessoal. Mas se, com o decorrer de dias seguidos, semanas, meses, mesmo, de calma, tal serviço se relaxa, o assalto virá, infalível, na primeira oportunidade." (Op. cit.:7/8)

Se por um lado os ataques dos índios são tomados por oposição aqueles perpetrados pelos civilizados já que efetuados num movimento de defesa de suas terras, por outro, são igualados, nos relatos, quando pensados sobre a forma pela qual se realizam: ambos seriam da mesma maneira

violentos, com "meios de destruição requintados e ostensivos". (Op. cit.:3)

À necessidade, porem, de qualificar diferentemente esses ataques faz com que se levante outra questão. Pretende-se diferenciar os ataques de índios e civilizados pelo número de vítimas resultantes de cada assalto. Assim, aos assaltos esporádicos e de poucas vítimas dos índios corresponderiam matanças de aldeamentos inteiros realizadas pelos bugreiros.

São acordes, no entanto, os textos em reconhecer uma organização existente por trás dos ataques indígenas que vão apontar, mais uma vez, para a existência de um estado de guerra na região de penetração da Noroeste, uma guerra na qual se pode identificar também uma organização estratégica dos índios Coroados.

Morais Filho (1951:58) irá se referir à "estratégia adotada de guerrilhas, emboscadas e retiradas sucessivas", nas quais os índios eram auxiliados pelo meio físico de "sombrias florestas virgens", não fazendo mais do que repetir o reconhecimento da Comissão de Inquérito de 1910 que compara os métodos indígenas à "verdadeira tática" e "astucioso ardil" de um chefe militar:

> "Fôra um Annibal, um chefe militar, enfim, digno deste nome, e tal conduta, inteiramente acorde com os principios da verdadeira tática, proporcionar-lhe-ia novos

> títulos de gloria, louvores e recompensas, ao mesmo tempo que seria erigida, talvez, em exemplo clássico de emboscada ou astucioso ardil, a ser meditado pelos estudantes militares". (Leme, Dantas & Cardim, 1910:8)

Aqui, mais uma vez reitera-se a idéia de que o método da "atração pacífica" deverá ser analisado não somente como um meio "humanitário" de aproximação com tribos hostis, mas como uma tática militar de aproximação com um grupo no qual se reconhece conhecimentos de estratégia, sejam eles mais ou menos elaborados.

Os relatos de ataques indígenas que foram citados anteriormente marcam que estes, invariavelmente, seriam sucessivas respostas a penetrações a que sempre se opuseram os índios. O recém-criado SPILTN vai retomar, de maneira cada vez mais elaborada, a tese da legítima defesa, já esboçada por Rondon nos seus Relatórios da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas.

Diferentemente da estratégia mais corrente de pequenas emboscadas a grupos isolados que se internavam na floresta, registraram-se ataques em que os índios investiam furiosamente contra os invasores bem posicionados e armados, não recuando ao poder de fogo superior à sua capacidade de enfrentamento com arcos e flechas.

O último ataque, de julho de 1910, a que se refere o Relatório da Comissão, diz respeito àquele sofrido pelo

agrimensor Cristiano Olsen e mais sete camaradas no km 256 da Estrada de Ferro, entre as estações de General Glicerio e Araçatuba. Chegando a um córrego para beber agua o agrimensor é atingido por uma flecha. Dado o alarma tooos correm, inclusive o ferido, para uma casa de turma abandonada, onde se entrincheiram para a luta

Havia munição o suficiente e os homens da estrada ocasionaram baixas consideráveis nos índios que mesmo assim não recuaram, apertando o cerco. Um trem que passava apitando fez com que os índios se retirassem, possibilitando aos homens saírem da casa e pedir socorro na linha. O trem não parou e apenas três homens que não tinham sido ainda feridos conseguiram correr atrás do trem e escapar. Os outros ficaram e morreram.

> "Tiveram os indios neste ultimo ataque inumeras mortes causadas pela certeira fuzilaria que partia da casa, especialmente de um dos homens, que de um buraco por elle praticado no tecto, trepado sobre umas barricas, afirma ter exgotado mais de uma caixa de balas, sem ter perdido uma só pontaria, aliás quasi a queima roupa. Mas não se pode precisar nenhum numero, visto como, na retirada, costumão invariavelmente os indios carregar os seus mortos. O terreno, porém, estava bem assignalado por sobejas manchas de sangue". (Leme, Dantas & Cardim, 1910:30)

A explicação para tal atitude atipica de enfrentamento direto por parte dos índios e imputada no Relatório ao fato de se encontrar entre os homens do agrimensor Olsen, um camarada que tomara parte no massacre do Córrego Azul.

Na verdade, o que parece estar na base da argumentação da Comissão é, mais uma vez, a idéia de que os índios reagiriam de maneira reflexa as atitudes implementadas pela sociedade nacional. (Silva, 1965)

Rondon vai argumentar em Relatório ao Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, em outubro de 1910, que diferentemente da região da Noroeste que com seu processo "desfraternal", em um periodo de 16 meses, havia acumulado uma relação de mortos que ultrapassaria a 100 indígenas para os quais se teria registrado respostas a altura, a Comissão Rondon, desde 1907 no território Nhambiquara não teria a lamentar a perda de um único homem, seja branco, seja índio. (Rondon, 1910. Filme 325)

Essa argumentação irá finalmente desembocar na explicitação da fórmula ideal de aproximação que, como vimos anteriormente, já vinha sendo elaborada.

A Comissão recomenda como medida principal para por fim ao estado de guerra imperante na zona da Noroeste a organização de uma expedição pacifica com o proposito de "estabelecer relações de pura fraternidade".

> "Este (o índio) certamente a hostilisará no começo. Cedo, porem será favoravelmente surpreendida com a diferença de conduta da expedição relativamente as anteriores, pois que, esta apenas se limitara a evitar os seus ataques, mediante um duplo e cuidadoso serviço de vigilancia e segurança repelindo-os por fim sem vitima-los, e correspondendo aos seus ataques com todas as mostras possíveis de paz e cordialidade, graças a uma prodiga distribuição de brindes e instrumentos de trabalho, deixados de preferencia, nos proprios sitios escolhidos para as suas investidas". (Leme, Dantas & Cardim:32)

A violência da guerra

Um outro fato para o qual não se pode deixar de chamar a atenção é o que diz respeito ao nivel de crueldade expresso nos relatos, tanto dos ataques dos índios quanto das batidas dos bugreiros.

Já os relatos sobre as primeiras tentativas de ocupação da área de perambulação dos Coroados pelas grandes fazendas (final do sec.XIX), trazem a descrição de um quadro de violência no qual os ataques praticados pelos índios eram invariavelmente seguidos de mutilações de corpos. Os índios respondiam às invasões de suas terras com ataques que geralmente vinham como resposta a um primeiro movimento de

agressão por parte dos colonos. Os relatos de ataques dos índios às fazendas se passam em torno de massacres de famílias inteiras, cabeças decepadas, corpos empalados, ou recortados para que um anel ou uma bota pudesse ser levada.

Os bugreiros, por sua vez, como já vimos anteriormente, atacam as aldeias em emboscadas que tem o objetivo de eliminar todos os seus habitantes, sejam eles homens, mulheres ou crianças. As descrições de dadas incluem cenas de violações de índias já semimortas, cadaveres de mulheres grávidas abertos com os fetos colocados em seus braços, crianças índias cortadas ao meio, incineração de corpos em fogueiras onde se misturam mortos e feridos.

O ato mesmo da apropriação das terras pelos colonos descaracteriza o índio enquanto possível depositário de direito às mesmas. As terras são consideradas vazias, e os índios apenas obstáculos a serem removidos por ações de caça.

Os índios reagem de forma violenta a uma invasão de suas terras que carrega também em si a violência implícita expressa pelo fato mesmo de serem consideradas inabitadas e passíveis de apropriação.

E com este estado de guerra, que o SPILTN define como resultado de um tipo de postura em relação aos índios, que o mesmo quer marcar a diferença de sua proposta de ação.

A ação de caça aos índios pelos bugreiros e a sua utilização enquanto "braço armado" (Tidei Lima, 1978:145) de um movimento de penetração, deverá servir como balizamento a

marcar diferenças e semelhanças com a proposta levada posteriormente a cabo pelo SPILTN junto aos Kaingang paulistas.

Os bugreiros são uma categoria importante para a implantação de um primeiro momento de ocupação e reconhecimento do "desconhecido" sertão. As primeiras fazendas são implantadas com base em titulações dadas pelo apossamento de terras tidas como devolutas. Muitos desses pretensos proprietarios são obrigados a recuar frente a resistência indigena, fazendo com que, até a chegada dos trilhos da Noroeste, a região mais a Oeste do Estado de São Paulo se constitua no que Cornélio Schmidt (10) chamou de "posses abandonadas". (Schmidt, 1961:397)

Os bugreiros, enquanto base deste sistema de apossamento irão, num movimento duplo e contraditorio, ser reconhecidos como força paralela a um esquema oficial de defesa (necessária a esses apossamentos face a resistência indigena) que teoricamente deveria ser exercido pelo Estado, e nesse sentido são tidos como necessários. Ao mesmo tempo, como indivíduos isolados, carreiam para si todo o ônus de personificar um sistema intrinsecamente violento de expansão do capital a procura de terras livres. São o fio terra desse choque.

Aparecem como figuras recriadas pelas estórias

---

(10) O relato de viagem de Schmidt do qual aqui fazemos uso, é o resultado de uma viagem de dois meses pelo sertão paulista, encerrada em setembro de 1904, a pedido do Secretario de Agricultura do Estado de São Paulo. Cornélio Schmidt cursou a Escola de Minas de Ouro Prêto, trabalhou em serviços de engenharia ferroviária, levantou todo o curso do Jacaré Pepira e parte do Tietê, executou a Carta Itinerária do Dourado ao Avanhandava. Chefiou a turma de exploração do Rio Parana, parte dos trabalhos da Comissão Geográfica e Geológica (SP) neste ano.

contadas e recontadas que misturam a admiração e o horror que a sua ação provoca. Admiração na medida em que sentem (colonos, grileiros, fazendeiros, etc) protegidos o seu avanço, e as suas posses. Os índios, devidamente punidos pela sua resistência, são tratados como caça. Punidos pelo esfacelamento dos seus corpos, suas orelhas são trazidas em provas finais dos serviços contratados.

Alguns bugreiros se tornam conhecidos por suas "façanhas tremendas", pela sua capacidade de eliminar um grande número de índios em cada batida. Seus nomes se sobressaem e vêm repetidas vezes protagonizar ações de combate em que a tônica principal parece ser o seu caráter desumano.

Uma questão interessante poderia ser a verificação mais aprofundada do lugar do bugreiro na frente de expansão, já que a mesma descaracterização de humanidade atribuída ao índio é, ao que parece, em certa medida, repetida com relação ao bugreiro.

Os nomes do "Capitão" Honório e Antonio Roque, já anteriormente referidos, vêm ligados à história da morte do Padre Claro Monteiro, supostamente assassinado pelos Coroados na expedição em que os dois faziam parte. Cornélio Schmidt se refere a Antonio Roque como "índio manso", residente no Batalhinha, que se movimentava pela região reunindo turmas de Guaranis. Segundo ele, a morte do Padre Claro não estaria bem explicada já que, o caso contado de

diferentes maneiras levava a que se suspeitasse do proprio Roque.

Lage de Andrade também se refere aos dois como tendo conseguido escapar ao ataque dos Coroados a expedição do Padre Claro:

> "Monsenhor Claro ali mesmo no bojo da canoa, fôra transfixado por varias flechadas. Os demais fugitivos saltaram na torrente e muitos dêles, já feridos mortalmente, rodaram na caudal, tingindo de sangue as águas. Outros mais felizes, conseguiram atingir a margem oposta aos índios para escapar à furiosa agressão. Contava-se entre êstes últimos o "Capitão" Honorio e um outro guarani conhecido por Antonio Roque". (Schmidt, 1961:454)

Morais Filho, por outro lado, apesar de não querer levar adiante o que qualifica de "boato", faz referencias à notícia de que o Capitão Honório fora visto em localidade vizinha e que teria sido "subornado por certos grileiros adversários de Monsenhor Claro". (1951:45)

Um dos pontos chaves dos relatos sobre a tentativa dos padres da ordem dos capuchinhos de reorganização da catequese dos Coroados a partir de 1902, também se refere à utilização de bugreiros da região como guia nas incursões, e

o apoio de proprietarios tambem interessados nas incursões às terras dos índios.

Um exemplo dessa aliança e dada pelos capuchinhos Mariano Bagnaia, Daniel Santa Maria e Boaventura Aldeno que mantiveram de 1902 a 1907 um serviço de catequese aos índios Caingang na Serra do Mirante.

> "Esses frades eram protegidos do Coronel Sancho de Figueiredo, fazendeiro no Paranapanema e caçador de índios; tinha êle por diversas vêzes chacinado os Caingang. Tinham êles verdadeiro horror pelo Coronel e por isso nunca confiaram nos frades". (Schmidt, 1961:457)

As práticas de organização de dadas contra os índios pelo Coronel Sanches de Figueiredo também foram anotadas por Cornelio Schmidt que faz referência a um encontro com o Coronel que "ia a S.Mateus chamar os índios mansos para irem com êle numa dada (caçada) aos índios, que pretende fazer breve, e prometeu-me uma coleção de arcos e flexas dos índios que matassem". (Op. cit.:428/441)

Luiz Wolf, ou Luiz Alemão, "homem sério e prático de seguir os índios" tem o seu nome constantemente ligado ao proprietário da Fazenda da Faca, Coronel Joaquim Toledo Piza (11), com quem se estabeleceu, já em fins do sec. XIX "nas cabeceiras e vertentes do rio Feio, a zona, na época, mais

---

(11) A familia Toleto Piza e as terras da Fazenda da Faca serão enfocadas mais adiante. Morais Filho (1951) dá como proprietário da Fazenda da Faca o Sr. Francisco Toledo Piza.

temerosa da terra, infestada pelos índios Coroados ou Caingangs". (Op. cit.:454)

Quando de sua passagem pelo sertão paulista, Cornélio Schmidt encontra-se com Luiz Wolf que acabara de reunir "umas 20 pessoas" que seguiram no encalço dos índios que haviam matado dois homens e logo depois, em numero de 200, tinham vindo até o "patrimônio da Estiva, nas cabeceiras do Dourados e de dia flexaram a criação". (Schmidt, 1961:410) Nessa batida assaltaram uma aldeia e mataram dezoito índios, tendo sido Luiz Alemão, na volta atingido por uma flexa que apenas o fere.

Lage de Andrade se refere ao Luizinho Alemão, num parágrafo bastante esclarecedor sobre a pessoa deste mixto de fazendeiro e bugreiro:

> "A fazenda de Luizinho Alemão era objetivo visado frequentemente pelo ataque dos selvicolas. E a cada uma das sortidas indígenas, êle revidava com "entradas" profundas através de florestas distantes, numa intérmina perseguição ao aborigene. (...) Preferia viver sempre em companhia de gente dotada de sentimentos baixos, desordeira e turbulenta. As suas guerras constantes, sustentadas contra os índios, obrigavam-no a manter, entre os seus caboclos de trabalho, homens aos quais não faltassem coragem igual à sua e disposição para o seguir atraves das

matas sem fim, em perigosas arremetidas. Preferia, assim, viver com os oriquentos e os agitadores".(Op. cit.:455)

Essa associação fazendeiro/bugreiro em que por vezes as duas figuras eram incorporadas por uma só pessoa, e por outra se organizava em torno do proprietário e seus trabalhadores, se dá a princípio em resposta à resistência dos Kaingang contra a tomada de suas terras, como "organização de um dispositivo de força para garantir a ocupação". (Tidei Lima, 1978:144)

Segundo Tidei Lima (1978), a expansão do café associada a uma intensificação da grilagem de terras, altera a composição desse "dispositivo de força", que se transforma em "organizações especializadas", compostas de "matadores profissionais para cujas vultuosas ações já não se pode mais acionar a justificativa de defesa de agressões anteriores dos índios:

> "Os bugreiros constituem, na verdade, o braço armado da ocupação e com caráter marcadamente ofensivo e sistemático". (Op. cit.:145)

Com a implantação do projeto da Estrada de Ferro Noroeste, tem-se a intensificação cada vez maior da penetração, tornando-se a Estrada no eixo principal do acirramento dos conflitos com os índios. As tropas de

bugreiros são integradas então aos contingentes de seus trabalhadores.

Antonio Pedro, "celebre criminoso, para bem deste sertão (Schmidt, 1961:405), cujas ações se pautavam a principio por serviços encomendados por fazendeiros, e logo em seguida referido como fazendo parte da tropa a soldo da Noroeste:

> "Bugreiro destemeroso da campanna da Noroeste, igual a quantos valentes existiram naquele sertão. As suas armas de fogo não negavam. O seu tiro não errava o alvo. E deante do ardente sertanejo rolariam tantos bugres quantas balas partissem da sua carabina. Chegava a ser turbulento; por vêzes, demonstrava instinto de perversidade. Concluida a sua missão na estrada de ferro, voltou ao corrego do Barreiro". (Schmidt,1961:453)

Antonio Adão, "o mais emérito bugreiro do sertão paulista", já aqui citado anteriormente, também se torna célebre em estórias que dão conta de sua eficácia atraves da eliminação de aldeias inteiras assim como em execuções isoladas:

> "Esse fascinora, em uma das muitas dadas que chefiava, como lhe tivessem feito encomenda de

um índio pequenino, resolvera trazer com vida uma interessante criança de tres anos apenas. Esta, porem, que vinha carregada as costas, dentro de um jacá, gritava e esperneava quanto podia. até que, em certa ocasião arranhou-o e, conseguiu mesmo morde-lo no ombro. Foi o bastante para acabar com a paciência do seu algoz que tomando-a de uma das perninhas atira-a para cima e na queda corta-a ao meio com seu facão !!! Caso semelhante ouvimos em relação a outro bugreiro de nome Antonio Pedro". (Leme, Dantas & Cardim, 1910:31)

Levantada a situação de guerra do sertão paulista, a Comissão de Inquérito nomeada por Rondon sugere, ao final de seu Relatório a repetição de uma estratégia de contato já delineada pela Comissão Rondon. Os pontos básicos de penetração para que se alcançasse os Kaingang são tambem delimitados desde já:

"Parece que o melhor ponto de entrada para a expedição, vem a ser justamente o picadão com cerca de 3 a 4 léguas de penetração, que parte de Penapolis em demanda ao rio Feio, visto como desde logo se poderá entrar em contato com o selvicola". (Op. Cit.:32)



CARTA ITINERÁRIA DA VIAGEM PELO SERTÃO

REALIZADA POR
CORNELIO SCHMIDT
EM 1904

Capítulo VII:

A Atração Kaingang

O traçado da Estrada

A entrada do SPILTN na região do Oeste paulista se dá em resposta a um estado de guerra, já destacado anteriormente, onde o recém-criado órgão governamental de proteção aos índios deverá comprovar a exeqüibilidade do acesso às terras interditadas pela resistência dos Kaingang, sem a utilização do método de eliminação sumária a que estes estavam sendo submetidos pelos bugreiros profissionais.

O método alternativo é o da "atração pacífica", onde o agente ideal deverá ser paciente, sofredor e justiceiro. (1)

E então, a prática dos agentes e as técnicas que operam no caso Kaingang que a etnografia que se segue vai procurar destacar.

A luta travada no sertão paulista entre índios e colonizadores chama a atenção de todo o país. Na maioria dos outros estados, as recém-criadas Inspetorias do SPILTN se organizam em torno da preparação de expedições que deveriam ir ao encontro dos índios bravios. São Paulo e os Kaingang, no entanto, se destacam como caso modelar através de um intenso debate veiculado pela imprensa de todo o país.

> "O caso de São Paulo, se a ele o ilustre Dr. Pedro Toledo prestar todo o decidido desvelo que é lícito esperar de seus alevantados

(1) Cf. Silva, 1965.

sentimento, servira, na grandeza, na complexidade, na própria gravidade de que se reveste, para mostrar a excelencia da escola do coronel Rondon". (O Paiz. 08.02.1911. MI Filme 324/49)

Partindo em fins de janeiro de 1911 para o sertão paulista, após encontro com o Presidente do Estado e o Secretário de Justiça, o Tenente Manoel Rabello (Inspetor em São Paulo) (2), leva deles a promessa de suas intervenções junto às autoridades da área em conflito a fim de que estas o apóiem com informações e serviços.

"Seu primeiro cuidado será engajar alguns "camaradas" conhecedores daquelas paragens e, se possível, dos habitos e costumes dos selvícolas. Espera mesmo encontrar um ou dois linguas que se disponham a viajar em sua companhia. (...) Não leva força militar. Seguido apenas dos "camaradas", armados, naturalmente, mas não aguerridos, internar-se-á aos poucos pela zona habitada pelos indígenas, procurando chamá-los à fala e captar-lhes a confiança". (O Estado de São Paulo. 30.01.1911. MI Filme 324:48)

A idéia inicial de utilizar pessoal da região não se mostrou de fácil execução, dado às especificidades do

(2) Em 07.02.1911 foi exonerado do cargo de Inspetor do SPILTN no Estado de São Paulo o Dr. Caramuru Paes Leme, sendo nomeado para substituí-lo o Tenente Manoel Rabello.

serviço a executar. O Tenente Manoel Rabello sentira a impossibilidade de utilizar uma força estadual para fazer o policiamento da zona, quando na ja referida reunião com o Secretário de Justiça, este lhe negara tal apoio argumentando com os interesses economicos do Estado. O Tenente Rabello constata que a organização de turmas de funcionário civis para a vigilância, que seria facilmente executada em outro lugar, "se torna quasi inviável naquela zona pela falta de pessoal idoneo, pois que quase todos em condições de ser trabalhadores, se acham eivados de preconceitos contra os infelizes dos índios, já tendo alguns tomado parte em varias batidas contra estes aos quais votam imensa má vontade". (3)

Da primeira viagem feita à região, na linha da Noroeste, pode o Inspetor Rabello constatar a disposição da população contra o índio. Muitos individuos declararam formalmente ao Inspetor que não perderiam nunca a oportunidade de eliminar o índio. O Inspetor constata nesta expedição a existência de um "estado permanente de guerra movida pelo furor de um grande ódio a que o interesse cubiçoso ateia temeroso fogo".(4)

Na exposição feita pelo sub-Diretor do SPILTN ao Ministro da Agricultura destaca-se a necessidade de se neutralizar a ação dos elementos perturbadores na área através do auxílio de uma força federal que contivesse os

---

(3) Exposição do sub-Diretor do SPILTN, Dr. José Bezerra ao Sr. Ministro da Agricultura acerca da situação da Inspetoria em S.P. Jornal do Commercio, 01.03.1911. MI Filme 324:55/56.
(4) Idem.

elementos que sistematicamente colocariam a perder todos os esforços de se colocar em oratica os métodos do Serviço.

> "Torna-se , pois, necessario o auxilio da força federal, em regular contingente de modo que, por uma acção conjunta, como um verdadeiro cordão protector, num cerco de paz, possa o inspector, assim separado dos maos elementos, realizar a sua delicada missão, dirigindo-se ao indio com a serena convicção da boa indole deste, do seu ingenuo sentir, de sua ancia de paz..." (Jornal do Commercio, 01.03.1911. MI Filme 324:55/56)

Esta exposição de motivos é encaminhada ao Presidente Hermes da Fonseca em reunião na qual o Ministro da Agricultura apresenta o Inspetor do SPILTN em São Paulo, para que este exponha a situação da zona da Noroeste e justifique o pedido de força militar ao governo federal.

O toque dramático e decisivo da reunião parece ter sido a apresentação de fotos tiradas pelos bugreiros para registrar uma das últimas de suas batidas em território dos índios. Os bugreiros, chefiados por Joaquim Barbosa se deram ao requinte de levar fotografo que registrasse o acontecimento antes e depois do assalto a aldeia. (5)

---

(5) Esta batida é a mesma a que já nos referimos no capitulo anterior, conhecida como a chacina do Córrego Azul.

> "O Marechal Hermes examinou as fotografias, representando o numeroso bando que assaltou o aldeamento dos selvícolas (...) Perto de cem índios sucumbiram nessa caçada feroz, a qual se seguiu a profanação do corpo já sem vida de algumas mulheres moças, baleadas pelos canibais que ali representavam paradoxalmente a civilização". (O Paiz - Acto de Contrição. 04.03.1911. MI Filme 324:58)

Essa reunião é finalizada com o comprometimento pelo Presidente da República de providenciar o envio urgente de forças do Exército para a zona deflagrada da Noroeste, afim de proteger os índios.

A proposta de nacionalização dos índios incluía a formação de um ambiente de moralidade em torno dessas populações para que não fossem, pelo contato com elementos nocivos, desviadas de sua evolução. A guerra que se instala no sertão do oeste de São Paulo baseada no confronto direto entre os agentes não conseguira dar uma resposta imediata e satisfatória no sentido de desbloquear o caminho para os projetos econômicos que necessitavam daquelas terras. A violência, num determinado momento, vai embargar o comercio dessas terras e o avanço do capitalismo que, em última análise, a teria gerado. (Cf. Tidei Lima, 1978)

Neste sentido a ação do SPI pode ser vista dentro de um projeto de controle politico-militar que se implementa

através de uma ação de força que propõe o ordenamento dos espaços e o controle da distribuição das populações sobre eles. A ação do SPI vai se dar ao nível da exclusão e ordenamento, primeiros passos de um projeto disciplinar. (Foucault, 1984(a))

Segue-se, então, uma saraivada de críticas à atitude do governo federal, veiculada pela imprensa diária dos grandes centros, principalmente São Paulo, na qual a formação de um contingente de 50 praças armados a serem enviados à região do oeste paulista vem a ser classificada de intervenção federal no estado.

A discussão é bastante longa e se desenvolve em torno da questão da autonomia dos Estados da Federação que estaria sendo supostamente atingida com a resolução governamental. Além disso é levantada a questão de São Paulo estar sendo retaliado pelo seu não-apoio a campanha presidencial de Hermes da Fonseca.(6)

Um artigo publicado no Correio Paulistano a 3 de março de 1911 e reproduzido no Jornal do Commercio no dia 5 seguinte, trás uma argumentação bastante sugestiva e explicativa do açodamento da grande imprensa, veiculadora em sua maioria das opiniões e interesses dos setores envolvidos com o alargamento das fronteiras econômicas do oeste paulista, em criticar o envio de forças federais para São

---

(6) Notícias referentes a "intervenção federal" foram encontradas nos seguintes jornais: Correio da Manhã, Imprensa, Tribuna, Gazeta de Notícias, Notícia, Jornal do Commercio, O Paiz. (De 01.03.1911 e dias seguintes)

Paulo já que a sua ação protetora daria algum tempo a mais de sobrevida à resistência indígena.

A base de argumentação do artigo é o questionamento da logica do pedido de intervenção já que, proteger os índios significaria mantê-los nas terras que defendiam e, por extensão, dar-lhes o direito de propriedade sobre elas. Diz o texto:

> "Parece ser o pensamento capital desses dignos funcionários (Tenente Manoel Rabello e José Bezerra) que tal proteção visa manter a todo transe os indigenas referidos nas terras em que se encontram. E isso por entenderem tais funcionarios que a esses indigenas assiste o direito de propriedade da questionada região". (Jornal do Commercio, 5.03.1911. MI Filme 325:86)

Para o articulista o assunto é considerado então de "clara" e "simples solução: as terras só poderiam ser devolutas, e por isso pertencentes ao Estado, ou particulares, baseadas em título ou posse legítima.

Assim, a presença das forças federais para a proteção dos indígenas no seu território levava à argumentação de que agia-se contra o Estado de São Paulo que teria enviado a área técnicos para proceder a discriminação das terras devolutas e contra turmas de engenheiros em

trabalhos de demarcações ou divisões de terras de propriedade privada.

Estaria a União, em qualquer hipotese exorbitando um direito que diz respeito ao Estado, qual seja, a discriminação do seu patrimônio público e o reconhecimento da propriedade particular. O artigo finaliza propugnando uma ação conjunta dos poderes federais e estaduais:

> "O Estado, assim, na discriminação que ora faz das suas terras devolutas, demarcaria, de acordo com a lei de 1850, a porção do territorio julgada necessaria para nelas serem estabelecidos e colonizados os indigenas. O Poder Judiciário e a força pública assegurariam a permanência deles nessa zona demarcada e os representantes do Governo Federal, na missão que ora iniciam, poderiam, com facilidade e vantagens, chama-los no convivio social e ao trabalho". (Jornal do Commercio 05.03.1911. MI Filme 325:86)

A suposta intenção do SPILTN de dar aos índios a posse daquelas terras é finalmente contestada no artigo citado, pelo argumento de que não tendo os índios "capacidade jurídica" não se poderia a eles atribuir qualquer direito de propriedade ou posse legal de terras que se contrapusesse ao direito legitimo do Estado ou de particulares.

O aguçamento do conflito com os índios em torno das terras alcançadas pelo avanço dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste vai-se pautar, sob o ângulo dos colonos e fazendeiros pretendentes a estas terras, pela suposição da total incapacidade jurídica do índio de legitimar a sua posse da terra.

Esse esquema de pensamento já estava explicitado pelo traçado mesmo da Estrada de Ferro que, se de início aprovado para seguir pela margem direita do rio Tietê, há muito abandonada pelos índios, foi posteriormente modificado, já que com isso seriam evitados gastos com mais uma ponte ou outra, "motivos secundarios, em face da luta que se ia estabelecer".("Pacotilha". Maranhão, 13.02.1911. MI Filme 325/84)

Seguir com o traçado da via férrea pela margem esquerda do Tietê significava cortar o caminho daqueles que tinham no rio a sua fonte de alimento e água.

> "Os que vivem mais proximos do Tietê, no qual se abasteciam da agua e do peixe, sentiram-se, e com razão, altamente prejudicados os seus mais vitais interesses com a passagem da estrada, que, margeando este rio vedou-lhes o acesso ao mesmo. Daí originaram-se naturalmente conflitos frequentes, pois que o indio forçado a transpor a linha férrea para ir ter ao rio, si o fazia ao alcance da bala, era infalivelmente sacrificado.

Daí também as justificadas reprezalias do aborigene." ("Pacotilha". Maranhão, 13.02.1911 MI Filme 325:84)

Assim é que já em 1910 o jornal "O Paiz" publicava o artigo "A Questão dos Indios", que apontava a necessidade de se compreender a luta entre os índios Kaingang e o pessoal da Noroeste através dos motivos que a teria originado. O artigo, da mesma forma que o citado anteriormente, confirma a versão de que os trilhos da estrada teria interrompido o caminho dos índios em busca do Tietê que se constituía no mais importante dos seus "celeiros". Os Kaingang, "para não morrerem de fome", tinham apenas a opor às armas de fogo as suas flechas e porretes.

> "Ao chegar ao Km nº 176, a Noroeste teve de cruzar com antiquissimo caminho dos indios, um dos que lhes serviam para chegarem até o rio. Os construtores da estrada, que já esperavam encontrar ai os selvícolas, apressavam-se a criar "os vigias da linha", individuos pagos, diz o Sr. Erasmo Braga, em artigo publicado na "Tribuna" de Santos, a 200$ por mês, para fazerem a policia da região, o que tanto equivale impedir a passagem dos indios para suas pescarias. Esses indivíduos constituiram-se em verdadeiros "agentes provocadores", para perpetuarem o gozo da propina

que desfrutavam. Criavam lendas, contavam contos de selvagens, fingiam sinais e, quando se lhes deparavam o ensejo, atacavam os pobres indios porque para isso é que estavam assalariados.

Daí nasceu, continua o Sr. Erasmo Braga, o morticínio do Córrego Azul. Um grupo de camaradas, pagos a dez mil reis por dia, dirigidos por um certo Barbosa Fontes, a quem a empresa dava a diária de 20 mil réis, foi armado para a infâmia". (O Paiz, 11.08.1910. MI Filme 324:46)

O plano

Segundo Horta Barbosa (1913:45) a gravidade da situação na Noroeste faz com que Rondon pessoalmente tenha que se aproximar da região, estudar a questão e, ali mesmo, "dar a traça" que deveria ser seguida na tentativa de se estabelecer relações amistosas com os temidos Kaingang. Estudada a região Rondon "assenta com maestria" o "plano de pacificação" e escolhe para a sua realização o Tenente Rabello tendo como auxiliares os Tenentes Cândido Sobrinho e Sampaio.

> "No plano estabelecido, o Coronel Rondon aproveitava com admirável habilidade a circunstância de se poder contar com os serviços

de alguns Caingangues tirados do grupo ja civilizado do Estado do Parana, por meio dos quais podíamos comunicar aos selvicolas as nossas intenções pacificas, não so por meio da palavra como também por certos sinais peculiares a essa nação, feitos com o auxílio de businas e de uma espécie de hieroglifos, muitissimo originais, construídos com pauzinhos e pequenos ramos de árvores". (Barbosa, 1913:45)

A grande dificuldade da determinação do ponto por onde se iniciaria a entrada na floresta era dada pela grande extensão (250 Km) que os Kaingang conseguiam cobrir com seus ataques simultâneos. O impasse só ficou resolvido a partir de um assalto contra a Turma 21 de conserva da via férrea que fez com que o Tenente Sobrinho, no comando das forças federais requisitadas, se deslocasse para a estação de Hector Legru, fortemente ameaçada.

As críticas pela imprensa da inabilidade do SPILTN em controlar ataques dos índios são respondidas pelo Inspetor Manoel Rabello, que define o momento da luta:

"Debalde nos temos esforçado por conseguir um salutar modus-vivendi, que permita o auxílio da ação daqueles que propõem a espinhosa e humanitária missão de pacíficos mediadores entre tão encarniçados contendores.

Nada temos conseguido; a situação permanece grave, cheia de imprevistos, de decepções e de desgostos".(7)

Todo o mês de julho de 1911 é gasto com a instalação do acampamento e, sob o comando do Tenente Cândido Sobrinho, são levantadas as imediações da estação de Legru e o desenvolvimento dos trabalhos comunicados ao Ten Rabello que se encontrava em São Paulo.

Como os índios não dessem mais sinais, sem retirar os presentes, o Ten. Sobrinho organiza uma expedição para se internar pelo território indígena através de uma picada aberta para a colocação de brindes. Acompanhado dos intérpretes índios Vegmon e Caetú, do auxiliar Bandeira, dez praças e três trabalhadores avança pela picada deixando em cada acampamento sinais de amizade, representados como um brazão arrumado pelos intérpretes, acompanhados ainda de presentes também dispostos de modo a significar o desejo do contato e da confraternização. Nos 10 dias de marcha pela floresta a expedição foi "pressentida" pelos índios, mas não hostilizada. (8)

Ao final do mês de julho, no acampamento de Hector Legru, os índios anunciam a sua presença por meio de assobios prolongados. No acampamento os intérpretes falam

---

(7) "Ataque dos Indios". Transcrição de carta do Inspetor Manoei Rabello ao Jornai "Platéia de São Paulo". 01.06.1911. MI Filme 324:82.
(8) Telegrama do Inspetor Rabello à Diretoria do SPILTN. São Paulo, 01.07.1911. In: Jornai do Commercio, 08.07.1911. MI Filme 324:89.

longamente explicando as intenções do grupo e, ao anoitecer, fazem musica com gramofone, flauta e sanfona.

Aqui nos parece que os bens da civilização estariam sendo usados não apenas com o sentido de "atrair" ("encantar", "fascinar") como apontado anteriormente, mas de "chamar a atenção" dos índios para um determinado ponto de seu território, facilitando a ação dos agentes do contato, isolando-os dos atritos com a sociedade nacional e, mais importante, permitindo que os projetos de penetração desta última seguissem o seu curso.

> "Seguindo um trilho que lhe pareceu mais batido o tenente Candido Sobrinho, comandante de um destacamento requisitado pela emprêsa da Noroeste e que se tornou um excelente auxiliar do Serviço de Proteção, descobriu no Ribeirão dos Patos, visivelmente preparado pelos selvagens, um passo de onde divergiam para todos os lados numerosos caminhos muito frequentados.
>
> Assentou, pois, ahi as suas tendas abrindo um campo que lhe permitisse fazer algumas plantações, evitar surprêsas e sobretudo chamar sobre ele a atenção dos indios para que não fossem perturbar com suas incursões os trabalhos de construção da estrada. (Bandeira, 1926:63)

Deixando um destacamento em Campos Novos com o

auxiliar Jose China. o Inspetor Rabello segue para Hector Legru de onde decide a transferência do acampamento para dentro da floresta, nas cabeceiras do Ribeirão dos Patos.

Os índios novamente se aproximam e de dentro da florestas ouvem os interpretes que lhes falam de boas intenções e a "velha índia" (9), trazida de Campos Novos que canta os cânticos de paz dos Kaingang.

Logo a seguir os índios passam a repetir as palavras de amizade dirigidas à floresta. Segundo o Tenente Sobrinho, que ficara chefiando o acampamento dos Patos, o fato apontava para o êxito do "dedicaoo e patriótico empreendimento". (MI Filme 324:97)

A tática parece ser a de avançar por dentro do território dos Kaingang a cada progresso dos contatos. A tônica das notícias que se seguem é a de um avançamento progressivo onde os acampamentos são feitos e levados adiante sempre com o objetivo de encontrar os aldeamentos dos índios provavelmente localizados nas vertentes do rio Tybiriça ou no espigão divisor dos rios Feio e Peixe.

Em agosto/setembro os contatos são qualitativamente diferentes já que, além dos índios responderem aos cânticos e chamados da índia Vanuire, passam a retirar todos os presentes que eram distribuidos em diversos pontos da picada e deixar flechas em sinal que se presumia de amizade.

Segue-se adiante no avanço com uma expedição

---

(9) A veiha Kaingang chamava-se Vanuire.

composta de 12 pessoas, nas quais se incluem os interpretes Vegmon e Futoio e o "auxiliar Curt" (10), e mais 13 camaradas e 30 praças do 53º Batalhão.

Não é muito clara porem a direção a ser tomada pela picada que, vindo a partir de Hector Legru, deveria seguir na direção do Rio Feio. Ao Inspetor Rabello preocupa a incerteza do local do aldeamento que poderia tornar a picada demasiado extensa. Em vista disso aceita a ajuda do coronel Sanches de Figueiredo (11) que se comoromete a levar pessoalmente a índia Mariana para auxiliar na determinação do rumo. Segundo Rabello o Coronel Sanches estaria desse modo "testemunhando as suas simpatias pelo serviço". (O Paiz, 23.09.1911. MI 324:103)

A expedição interna-se pelo mato a partir do dia 4 de outubro e a picada que foi feita cruza com muitos ranchos na margem esquerda do Rio Feio. Os índios, devido as grandes chuvas, se acham recolhidos aos seus aldeamentos e os expedicionários regressam deixando um grande numero de presentes.

No dia 12 de novembro o Inspetor Rabello assume a direção dos trabalhos e avaliando a necessidade de se continuar a picada, avança com esta mais 50 km e encontra um aldeamento Kaingang.

---

(10) O "auxiliar Curt" é Curt Nimuendaju que apesar de ter sido testemunha e partícipe desta atração tem, na maioria dos relatos, a sua presença omitida.
(11) O Coronel, conforme mostramos no capitulo anterior era conhecido na área por comandar batidas contra os índios.

> "O temporal reinante, produzindo grande fragor na floresta, permitiu-nos a aproximação sem sermos pressentidos pelos índios que se ocupavam em reparar as malocas, uns, e em preparar a refeição, outros. Percebendo-nos a apenas 50 metros, tomaram-se de susto, fugindo, com enorme alarido". (O Paiz, 06.12.1911. MI Filme 324:106)

O Tenente Rabello e seus homens permanecem na aldeia por 2 horas nas quais limpam e enfeitam as malocas deixando além disso presentes e alguns animais. O fato de não terem sido hostilizados leva o Tenente a reafirmar a idéia de que os ataques dos índios ocorriam sempre como resposta a outros que tivessem sofrido.

No Rio Feio são construídas então pequenas casas, organizando-se um acampamento em torno do qual se abrem grandes roças. O local é considerado ideal para o estabelecimento de um centro de atração e base de operações, já que se encontra no limite da zona dos índios.

O Inspetor Rabello regressa então ao acampamento dos Patos, considerado o "posto de atração" e a 7 de dezembro já noticia o fato promissor dos índios terem recolhido os presentes deixados e não danificado os ranchos e a ponte construída.

No acampamento de Hector Legru, controlado pelo Tenente Sampaio, os índios continuamente aparecem em "demonstrações pacíficas".

Apesar de ser o momento crucial para a continuidade dos serviços de atração, os oficiais militares Rabello, Sobrinho e Sampaio são obrigados a retornar aos seus postos de origem por ordem do Ministro da Guerra que providencia assim, para que "aos seus corpos se reuna um sem numero de oficiais que por aí andam a ocupar-se de tudo, menos de sua profissão".(12)

O Ministro da Agricultura tentando intervir na decisão do Ministro da Guerra expõe, em Aviso (187/A de 14.11.1911)) a este dirigido os motivos pelos quais pedia adiamento da saída dos oficiais que estivessem realizando pacificações. Os argumentos principalizam a figura de respeitabilidade e confiança que os militares conseguiram imprimir ao contato não só com as populações indígenas mas com relação àqueles que os hostilizavam. A natureza do serviço de índios deve aproximá-los, segundo o Ministro da Agricultura, dos trabalhos indicados para a formação técnica de um oficial do exército. Como encarregados dos serviços das Inspetorias os militares tinham funções as mais árduas, mais espinhosas e da maior responsabilidade para o êxito total dos trabalhos.

> "No desempenho dessa missão encontram um excelente campo de ação para o exercício e o desenvolvimento de qualidades e conhecimentos necessários à sua propria profissão: o estudo

(12) Resposta do Sr. Ministro da Guerra ao seu colega oa Agricultura. Jornal do Commercio. 22.11.1911. MI Filme 324:194

prático do territorio nacional, ..., os habitos de acampamentos e de exposição às intemperies, o preparo para a resistência às provações, o costume das marchas acidentadas, o exercício da coragem e da firmeza, da calma e da energia, em face dos ataques e dos perigos vários, a pratica do comando de expedições e a educação do sentimento cívico pela consciência do bem e do devotado concurso que assim prestam para a obra da civilização e do progresso da Pátria". (Aviso 187/A. 14.11.1911)

Apesar das possíveis aproximações que se possa fazer entre a argumentação de ambos os Ministros que enfatizam a necessidade do controle, "instrução e disciplina dos corpos" para que se alcance os objetivos do serviço militar, o Ministro da Guerra, irredutivel, vê a realização desses ideais apenas a partir dos exercícios de caserna.

> "A função do militar é toda outra. O desenvolvimento de qualidades e conhecimentos necessarios a sua profissão será obtido na pratica constante do serviço militar de caserna, nas manobras, nos acampamentos, nas viagens do estado-maior, na construção de linhas telegráficas e estradas de ferro estratégicas, etc, qualidades e conhecimentos aqueles que ao Ministério da Guerra

cumore aprimorar-lhes". (Jornal do Commercio. 22.11.1911. MI Filme 324:194)

Rondon havia entregue a quase totalidade das Inspetorias do SPI aos oficiais do Exército formados dentro da doutrina positivista e/ou sob o seu comando nas Comissões de Linhas.

> "Para tal missão, grandemente espinhosa, era preciso um conjunto de qualidades morais e práticas por parte do escolhido. O amor à causa, o ardor social, a coragem, o dominio sobre si mesmo e a mais absoluta moralidade eram condições essenciais para a investidura no melindroso cargo. O menor deslise, a mais insignificante quebra desses pensores seriam causa de um certíssimo fracasso." (Brasil, MAIC, 1912:11/12)

A esses agentes especiais deveria corresponder ações também diferenciada.

> "E um combate sui generis, paciente, longo, calmo, feito de energia e firmeza, de coragem e resignação, de devotamento e sacrifício
>
> Na guerra comum, do instinto destruidor, bem mais fácil é a tarefa. Ao ataque do inimigo, que quer aniquilar, se responde com o ataque que visa aniquilar também.

No caso da ação do inspetor do SPI sobre os atacantes, o selvagem incredulo, tudo muda. Aqui, além da coragem física - elemento da guerra - para enfrentar ou aguardar o assalto, torna-se sobretudo necessária a coragem moral - elemento de civilização - para vencer a si mesmo, para manter tão somente a defensiva, para dar-se conta, calmamente, da nobreza da missão a preencher, de modo a levar ao ânimo do irado e irresponsável assaltante a convicção de que se o não quer guerrear, patenteando-lhe, além disso, o sincero desejo de entabolar relações de amizade". (Op. cit:17)

O Major Raimundo Seidl, "abalizado professor do jogo da guerra" (Op. cit.:20), define o novo papel do Exército como de defesa da integridade territorial e manutenção da ordem interna, não deixando de ser, deste modo, a ação do SPI uma ação militar.

"... ninguém negará que ela esteja desempenhando uma função militar, pois não se pode chamar de integro um território onde tantos trechos existem fora da ação do Governo do país, e essa é a situação das florestas onde os selvagens dominam. Trazendo-os à obediência ao Governo do país e estabelecendo a ordem entre as tribos

selvagens, de uma cara outra, e entre elas e o pseudo civilizado. a comissão cumpre, pois, um dever militar". (Op. cit.:21)

Mais que isso, a ação dos militares nas "Comissões" se constituiria numa "escola de aplicação" para os ensinamentos teóricos recebidos na escola militar. Junto ao campo de ação que seria necessariamente rude, com condições adversas e de perigo real, havia o que aprender no campo das práticas militares:

> "Ao ataque armado respondem atirando para o ar, e passada a crise aguda, procuram as malocas dos selvagens para lhes oferecer presentes. As provas de afeição e de fraternidade lhes têm valido mais do que as poderosas qualidades balísticas das carabinas. A algumas pessoas isso pode parecer absurdo. Mas, se o valor de um método qualquer deve ser medido pelo seu resultado, força é confessar ser bom o metodo, ou, mais precisamente, a tática adotada pelo experimentado chefe da Comissão, pois a conquista se vai fazendo paulatina, porém seguramente." (Op. cit.:20)

Uma carta de Horta Barbosa traduz bem o estado do

Serviço na zona da Noroeste após a saída dos oficiais militares:

> "Em Legru ficou o Zé China, tipo incapaz e sem força moral: este embriaga-se! Em Miguel Calmon ficou a maior parte do contingente, sob o comando do Tenente Vespúcio, que todos são acordes em considerar como sujeito gozador da vida! Em resumo, o trabalho ficou suspenso exatamente na ocasião em que mais urgia continuá-lo e nem ao menos temos lá pessoa capaz de manter e sustentar o status quo !! E de meter raiva! (Barbosa, MI Filme 397. 11.12.1911)

Pretendendo conhecer de perto o estado em que ficaram os trabalhos da Inspetoria de São Paulo, abandonados a meio caminho, o sub-diretor do SPILTN Manoel Miranda vai até o acampamento do Ribeirão dos Patos e organiza uma nova expedição para retornar aos ranchos atingidos pela última entrada do Tenente Rabello. Deveriam devolver um grande arco e várias flechas retirados pela expedição anterior, pretendendo com isso desfazer uma possível má impressão que tal fato pudesse ter causado.

A expedição composta de 8 civis e 10 soldados do exército partiu (24.11.1911) após uma preleção e Manoel Miranda que recomendava a calma e a resignação em face de possíveis hostilidades dos índios.

Com dois dias de marcha chegam ao Rio Feio e entram na aldeia que se encontrava vazia, vigiada apenas por um índio. Devolvem o arco e flechas enfeitados com laços e só quando retornam são surpreendidos por um ataque em que, apesar de ter sido ferido na mão o intérprete, não se disparou um só tiro. Após os primeiros momentos, os intérpretes começaram a falar em voz alta e a chamar os índios com os quais mantiveram então um curto diálogo no qual os expedicionários procuram se identificar e os índios pediram que lhes deixassem algumas cobertas no posto de presentes do Rio Feio.

O fato foi considerado uma vitória para o serviço de proteção já que, anteriormente jamais os coroados paulistas haviam "falado" com os civilizados.

Regressando Manoel Miranda ao Rio de Janeiro, ficou a chefia a cargo do alferes China que, segundo Nimuendajú, era um "agitador político que quase sempre estava bêbado e com quem o grupo caiu na anarquia". (Nimuendaju, 1982:42)

No dia 17 de janeiro de 1912, Luiz Bueno Horta Barbosa assume a Inspetoria de São Paulo e relata ao sub-diretor Miranda os acontecimentos que sucederam a sua volta do acampamento dos Patos e que podem ter ocasionado o ataque subseqüente pelos Kaingang, no qual um soldado saiu ferido gravemente:

> "Dizem os soldados que depois de tua volta do rio Feio ... o Zé China deu para fazer exercícios de tiro ao alvo no que era acompanhado por varios praças. ... é possível que os índios tivessem vindo atraz de tua expedição ... Chegando, porém, as imediações do acampamento teriam sido surpreendidos com os estampidos dos tiros..." (Barbosa, MI Filme 397. São Paulo, 22.01.1912)

Após este incidente Zé China foge e seus subordinados são chamados de volta pelo Ministério da Guerra saindo, desta forma, o SPILTN do sertão. O acampamento abandonado no Ribeirão dos Patos foi queimado pelos Coroados.

Nomeado Inspetor, Horta Barbosa reorganiza os trabalhos procurando aproveitar os elementos que se haviam mostrado eficientes.

Reorganizado o acampamento, entregue seu controle a um sargento aposentado, Bandeira de Mello, voltam os Kaingang a se aproximar e os intérpretes a lhes falar e chamar. No dia 28 de fevereiro de 1912 os índios se aproximam e o pessoal do acampamento passou a noite acordado, falando para o mato, a Vanuire entoando o "afamado" canto de paz. No grupo que se aproximava haviam certamente mulheres e crianças, suas vozes e eram ouvidas do acampamento. A freqüência com que passam a aparecer, o tom

amistoso e a companhia de suas mulheres e crianças demonstram para o pessoal do SPI o grau de confiança com que os índios passam a com eles se relacionar.

Curt Nimuendaju descreve assim as cenas do primeiro encontro:

> "No dia 18 de março três índios encontravam-se executando esta tarefa, quando entre as árvores apareceram Coroados que se puseram a chamá-los através de gritos longos. Os três sairam do picadão, e puseram-se a responder como também a convidá-los a aproximar-se, sempre assegurando que nada lhes iria acontecer. Os índios porém, continuaram no mesmo lugar, esperando que os intérpretes fossem ao seu encontro. Enquanto isso ocorria Bandeira de Mello que acompanha tudo do acampamento, mandou José Candido e mais um intérprete rapidamente irem ao encontro deles, carregados de presentes. Os Coroados sairam do seu lugar protegido pelas árvores para receber os presentes, mas no último instante recuaram de medo, procurando se proteger na mata. Isto se repetiu por duas vezes, e então aos gritos, pediram para que os presentes fossem colocados no chão não ficando ninguém ao lado. Aceita a exigência, os Coroados pegaram seus presentes voltando imediatamente à mata. Logo

depois apareceu o chefe Kaueru no picadão e levantando as mãos gritou Fuijurara (facão). O intérprete Saturnino Preia, puxou seu facão do cinto e o deu ao chefe que ameaçava fugir. Com isto foi quebrado o gelo e os Coroados vieram em 7 abraçando o intérprete e o acompanharam de bom grado ao acampamento. Ali ficaram relacionando-se otimamente bem com todo o pessoal e depois de 3 dias voltaram tranquilamente para a mata". (Nimuendaju, 1982:43)

O Jornal "O Paiz" publica o telegrama no qual o Inspetor Horta Barbosa comunica o sucesso dos trabalhos no sertão paulista:

> "S.Paulo, 21 - Acabo de receber de Hector Legru noticias da chegada de indios em visita ao acampamento de Ribeirão dos Patos, confraternizando com o nosso pessoal.
>
> O auxiliar Bandeira de Mello pede machados, machadinhas, roupas para mulheres e meninos, cobertores e facas para presentear os nossos visitantes. (...)
>
> Estamos colhendo frutos das lições e exemplos do coronel Rondon, e trabalhos do tenente Rabello, bem como da ilimitada dedicação dos

auxiliares Bandeira, Jose Candido e interprete Caetu. (O Paiz, 23.03.1912. MI Filme 324:222/223)

Modéstia não se incluir na lista dos que deveriam merecer reconhecimento?

Escrevendo ao irmão Nicolau Horta Barbosa irá desabafar logo em seguida:

> "Retribuo gratas congratulações pacificação Kaingangs ... Respeito pacificação parece meu concurso ter sido mal avaliado nosso chefe visto telegr. entusiastas delle, Rabello e Miranda contrastarem silencio meu nome. Certo é que minha ação foi decisiva e só eu impedi abandono trabalho Rabello. Prosseguindo-os quasi minha unica responsabilidade modifiquei modo tão feliz que menos 2 meses deu resultado conhecido causando sensação entre amigos e inimigos". (Telegrama. 3.05.1912. MI Filme 397)

Os resultados da pacificação. O SPI cumpre o seu papel

Feita a pacificação, resta comemorá-la, já que esta vem a comprovar duas teses importantes: uma, a de que os Kaingang não seriam tão irredutíveis quanto propugnava o Diretor do Museu Paulista, Dr von Ihering (13) e, mais

---

(13) Sobre o Diretor do Museu Paulista, a "tese do exterminio" e a sua posição no debate que precede a criação do SPILTN ver LIMA,1985.

importante, fica comprovada a excelência do método do coronel Rondon.

Artigos são escritos contrastando com o momento anterior em que a zona da Noroeste era palco principal de crimes, vinganças e barbaridades com uma suposta situação de harmonia conseguida através do trabalho de pacificação. Havia que se comemorar um duplo resultado: primeiro a abertura de enorme extensão territorial defendida ferozmente pelo selvícola; depois, sua transformação em trabalhadores nacionais que deveriam se incorporar ao trabalho de povoamento dos sertões paulistas.

O artigo do jornalista positivista Silvio de Almeida vai mais longe e, após defender a "catequese fraternal" que solucionara o problema "impreterível" da Noroeste, defende o direito dos Kaingang enquanto Nação ao seu "sagrado" território. (14)

A realidade coloca, porém, outras questões que não são ignoradas pelo pessoal do SPILTN, pressionados não só pela tensão do processo de atração e pacificação, mas pelos grupos interessados na sua finalização.

Estradas precisavam ser abertas e a Companhia Rural do Commercio e Industrias notifica o Inspetor do SPI, tenente Manoel Rabello o adiamento da execução de uma estrada entre Três Barras e a margem do Rio do Peixe ("atendendo a conveniencia manifestada por V.S."),

---

(14) "Mas, ainda mesmo que considerassemos os selvagens como simples particulares, o espinho do seu domínio clamaria, igualmente, aos céus". (Silvio de Almeida. O Estado de São Paulo, 08.04.1912. MI Filme 324:223/224)

ressalvando que o adiamento não deveria ultrapassar de 3 meses. O comunicado é feito em agosto de 1911, quando os contatos com os Kaingang apenas se iniciavam.

Terras haviam a se demarcar. Um incidente ocorrido somente dois meses após o primeiro contato com os índios é espelho desta nova fase que se instaura, tão logo os índios se encontram distraídos pelos acampamentos do SPILTN.

Uma turma que se supunha ser da Comissão Geográfica do Estado penetra pelo território Kaingang.

> "Pelos dia 1 ou 2 deste (maio de 1912), alguns índios ouviram latidos de cães e logo depois um tiro de espingarda do lado direito do rio Feio ... A princípio julgaram que fossemos nós ... quando ouviram enorme e repetidas descargas, que lhes revelaram tratar-se de outra gente, provavelmente inimigos. Ficou logo entre eles resolvido partirem todos ... para a zona em que estão operando os imprudentes geografos, dispostos a rechassa-los. (...) Um grupo veio prevenir-nos.
>
> (Barbosa, 13.05.1912. MI Filmne 397)

O Chefe da Comissão Geográfica em telegrama à direção do SPILTN comunica não serem de seu serviço os engenheiros em expedição na antiga picada. O inspetor Horta Barbosa verifica as informações e notifica que o pessoal que

teria chegado as margens do rio Feio seriam ligados ao Serviço de Discriminação de Terras Devolutas.

Ao superintendente em comissão deste último serviço, Dr. Gentil de Moura, Horta Barbosa pede providências urgentes já que a expedição estaria avançando pelo território indígena acompanhada por "conhecedores de bugres" que faziam "descargas preservativas" em direção a mata, quase pondo a perder um longo serviço de pacificação.

As contradições entre os programas dos serviços envolvidos no caso acima ficam resolvidas pelo afastamento momentâneo do Serviço de Discriminação de Terras Devolutas, todos revelando o mesmo "sentimento patriótico de ver consolidada a pacificação dos Kaingangs". (O Paiz, 22.05.1912. MI Filme 324:232)

A esses "patriotas" vem se juntar mais um, também muito festejado a princípio, "doador" de terras para os Caingang, o Senador Piza.

A 17 de maio de 1912, o Inspetor Horta Barbosa comunica a Manoel Miranda:

"Acaba de sair da Inspetoria o Senador Piza com quem ficou plenamente combinado a cessão terras atualmente ocupadas pelos indios, bem como medidas eu sugerira evitar ataque Com Geografica. Por mais este sucesso que representa enorme vantagem futuro nosso serviço congratulo-me

convosco e Bezerra". (Telegrama. 17.05.1912. MI Filme 397)

As terras até então imobilizadas pela ocupação dos Kaingang são reconhecidamente as melhores do Estado, como a elas já tinha se referido a Comissão de Inquérito que em 1910 levantou as condições da área. No seu Relatório, a Comissão sugere a urgência de uma solicitação ao Governo Estadual no sentido de que fossem demarcadas as terras ditas devolutas, que assim não deveriam ser consideradas na zona habitada pelos índios mas sim de sua propriedade, de fato e de direito.

Na verdade o projeto do SPI não era conflitante com os interesses mais gerais de tornar aquelas terras "produtivas", o que se pedia era tempo:

> "Depois, dentro de talvez pouco tempo, pacificados esses indios, em seguida, com mais vagar, operando-se a passagem favorecida e não obrigada, de seu estado nomade de povo caçador para a vida sedentária de agricultor que dispensa a necessidade de grandes áreas de terras, terá chegado então o momento dos poderes publicos avocarem a si, já sem aflição de consciencia, a maior parte delas, reservadas aos indios apenas as que ainda forem necessárias ao seu novo genero de vida". (Leme, Dantas & Cardim, 1910:33)

Este "projeto de integração" no qual o índio era visto como um ser em "evolução", "transitório", necessitava de um tempo sobre o qual o SPILTN já não teria mais controle.

Já no final de 1912, um Relatório da Diretoria do SPI dava conta da rápida valorização das terras marginais da Noroeste, com a abertura de grandes lavouras em Hector Legru, Glycerio, Araçatuba, etc. Diversas Comissões de Agrimensores do Estado ou particulares, com o auxílio da Inspetoria de Indios, percorriam e mediam terrenos em toda a zona sob o dominio dos Kaingang. (15)

Em novembro de 1913 Horta Barbosa, em conferência no salão da Biblioteca Nacional, relata a atração dos Kaingang Paulistas e, ao final, lembrando a situação do Serviço onde a escassez de recursos e de pessoal é suprida pelo "entusiasmo e devotamento" de seus servidores, faz um apelo para que não se interrompa a sua obra. O SPI teria restaurado a paz na zona deflagrada, não mais haveriam ataques de índios nem de bugreiros, mas a atuação do serviço partia ainda do acampamento do Ribeirão dos Patos, em terras que a qualquer momento poderiam ser reclamadas pelo "respectivo proprietário". (Barbosa, 1913:71)

A retomada de construções de estradas de penetração e entrada de colonizadores nas florestas do Aguapehy a partir de 1915 tiveram como conseqüência novos

---

(15) Relatório Anual da Diretoria referente ao exercício de 1912. MI. Filme 381:34)

conflitos entre os índios e os "invasores" que foram resolvidos pela ação da inspetoria que promoviam a "confraternização" entre os índios e os engenheiros encarregados das medições e divisões de terras. (Barbosa, 1954:66)

O SPILTN realiza, então, a sua tarefa:

> "... dia para dia tornavam mais urgentes e mais impertinentes as reclamações dos <u>proprietários das terras</u> (grifo meu) do Acampamento do Ribeirão dos Patos, terras cuja valorização subiu, de 1912 para fins de 1915, na proporção de nada menos de 10$000 por alqueire para 100$000, as piores e 150$000 as aproveitáveis em cultura de café, decidiu-se a mudança do posto de atração, o que foi levado a efeito em princípios de junho deste ano de 1916. (...) Essa mudança abrangeu, não só o pessoal e todo material capaz de ser removido da Inspetoria, como também os índios do grupo chefiado por Vauhim, que vivem permanentemente conosco". (Op. cit.:67)

Em 1917 a Inspetoria do SPI em São Paulo comunica o processo final de legalização das terras "cedidas" para a implantação do seu 2º Posto. A cessão de 250 alqueires de terras é feita pela sociedade civil Lélio Piza e Irmãos,

representada pelo Sr. Lélio de Toledo Piza e Almeida, à Inspetoria do SPILTN. (16)

Vale então um recuo às primeiras tentativas, ao final do sec. XIX de instalação das fazendas no sertão ainda dominado pelos índios Kaingang.

A Fazenda da Faca, também conhecida como São Joaquim, de propriedade do Sr. Joaquim Toledo Piza e Almeida é uma das mais importantes da região:

> "Esta Fazenda S. Joaquim esta situada nas cabeceiras norte do Rio Feio, em face Sul do terreno. Tem 80.000 pés de café, mais ou menos, máquinas, terreiros, etc, com produção anual de 8.000 arrobas e dirigida proficientemente pelo Sr. Juvêncio". (Schmidt, 1951:411)

Apesar da legitimidade da propriedade da maioria das fazendas ser de difícil configuração, seus limites eram constantemente expandidos em negócios nos quais os limites das terras compradas e vendidas nem sempre eram de fácil delimitação, dado que a repetição de nomes para rios diversos, fizesse com que apenas um registro servisse para 3 ou mais ribeirões. Assim, e por isso mesmo, era enorme a quantidade de negócios de terras no sertão dito desconhecido.

Nestas condições o proprietário da Fazenda da Faca

---

(16) Horta Barbosa, L.B. Relatório apresentado ao Diretor do SPILTN pelo Inspetor em São Paulo, sobre os trabalhos realizados em 1917. MI Filme 397.

passou a expandir suas posses comprando terras "de um certo bacharel" que dizia possuir grande parte do Rio Feio, até um ribeirão Lageado, desconhecido. (Schmidt, 1951:413)

As próprias terras da dita Fazenda são produto deste tipo de negócio, ou das "curiosidades do sertão, como quer Cornélio Schmidt, já que comprando terras no Ribeirão Dourado, estabeleceram-se em outro local pensando ser o Dourado o qual também foi logo em seguida comprado do tal bacharel que se dizia proprietário.

Parece que não fica difícil saber que tipo de interesses o gesto "patriótico" do Senador Piza procurava defender ao "ceder" terras aos Kaingang para que o SPILTN os aldeasse.

A perda do controle de seu território e o apossamento real deste pelo avanço da fronteira vem acompanhada então do que passo a chamar de "exterminio pacífico" que, se de início, pelas conseqüências drásticas para a população indígena que morria por contágio de doenças para as quais não tinham defesa orgânica, deixou em crise aqueles que se envolveram com a atração (inclusive Horta Barbosa), a necessidade subseqüente de elaboração de uma "teoria da atração" fez com que uma visão crítica, nascida do choque com a realidade, fosse ficando cada vez mais difusa, perdida nas versões que cristalizariam o mito da "atração pacífica".

Em setembro de 1912, Horta Barbosa já alertava para as condições do acampamento do Ribeirão dos Patos. As

doenças vitimavam muitos índios, alguns grupos já estavam completamente dizimados, vários chefes já haviam morrido e as turmas que visitavam o acampamento dele saiam com grande número de doentes. A carta em que relata esses fatos ao sub-diretor Manoel Miranda, Horta Barbosa finaliza com a despropositada inocência: "Verifiquei agora que a moléstia é gripe intestinal ou gastro-interite. Será excesso de alimentação?" (Barbosa, São Paulo, 24.09.1912. MI. Filme 397)

Os Kaingang na época dos primeiros contatos com o SPILTN em março de 1912, estavam divididos em vários grupos, alguns guerreando entre si. O grupo do chefe Vauhim, com o qual se deu o primeiro contato, continuaria em guerra com os grupos chefiados por Rugrë, Doquë e Charim que passaram a ver na aproximação dos servidores com Vauhim um sinal de aliança e internaram-se mais na floresta. Além destes, haviam ainda outros grupos dirigidos pelos chefes Conguë-Huë, Recandui, Iacry, Dorarim.

Na avaliação de Horta Barbosa (1954) os Kaingang em março de 1912 deveriam contar com uma população em torno de 700 indivíduos. Em dezembro de 1916, uma nova avaliação estimava sua população em torno de 200 indivíduos.

A falta de resistência do organismo indígena frente às doenças levadas pelo branco teria matado, até 1916, mais da metade das crianças, mulheres e homens que existiam em 1912. Em abril de 1913 o grupo de Conguë-Huë foi totalmente aniquilado em alguns dias.

O golpe final é porém desferido ao terminar o ano de 1916. Uma epidemia de sarampo chega até aos índios levada pelos colonos espanhóis que estariam se estabelecendo nas terras que adquiridas ao Senador Luiz Piza. A epidemia atingiu os índios do Icatu e foi levada por eles próprios para a aldeia do Iacry, de onde se alastra para todas as outras.

Junto às epidemias um outro fator passou a concorrer para a significativa redução da população indígena: a ausência de nascimentos. De 1912 até 1916 não foi registrado nenhum nascimento em toda a população Kaingang de São Paulo.

Teriam os Kaingang se decidido pela morte?

Ao que parece a questão não foi tomada como importante. O sertão paulista aparentemente estava em paz, acabara-se a guerra. Na verdade uma outra guerra muito mais eficaz, já que silenciosa e institucionalizada, se achava em curso.

As relações aqui descritas são basicamente ações de guerra aberta onde não necessariamente irá o agente do contato usar da violência física imediata para submeter o outro. No caso dos atores engajados tanto nas Comissões de Linhas quando no SPILTN, essa guerra tinha a sua expressão máxima no processo de nacionalização que se pretendia a imprimir por sobre os corpos daqueles indivíduos uma nova relação de identificação consigo mesmo e com o seu território.

Pensar as relações de poder que se estabelecem entre índios e brancos no momento do contato através da sua implementação enquanto combate, guerra, permite entender a sua continuidade, como produto desse momento, ou seja, como relações estabelecidas e atualizadas de forma necessariamente assimétrica.

> "...as relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável, na guerra e pela guerra. E se é verdade que o poder político acaba a guerra, tenta impor a paz na sociedade civil, não é para suspender os efeitos da guerra ou neutralizar os desequilíbrios que se manifestaram na batalha final, mas para reinscrever perpetuamente estas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos. A política é a sanção e a reprodução do desequilíbrio das forças manifestadas na guerra". (Foucault, 1984(c):176)

Ou seja, acabada a guerra a continuidade de sua ação em termos de desestruturação daquelas populações indígenas dominadas deverá ser percebida não apenas como o resultado de um processo de "desencantamento" (Ribeiro,

1975) que faz com que o índio passe a aceitar os bens da civilização que lhe são apresentados como símbolo de sua submissão, mas como a implementação minuciosa dos efeitos da guerra, das relações de força nela instituídas.

Bibliografia

ALBUQUERQUE. Severiano Godofredo de. Relatório dos Serviços executados em Campos-Novos da Serra do Norte por Severiano Godofredo de Albuquerque desde a Installação do "Veado-Branco" em 20 de junho de 1909 até 31 de agosto de 1910. Anexo 4. pp.135-47. In: Relatórios diversos, projetos, orçamentos mediçães, observaçães metereológicas, etc. Publicação Nº 39. CNPI. Pap. Macedo, Rio de Janeiro, s/d.

AZEVEDO, Fernando de. Um trem corre para o Oeste. Estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. Livraria Martins Ed., S.A., São Paulo, 1950.

BAINES, Stephen Grant. Recent Brazilian Government Indian Policy. A Dissertation submitted in partial fulfilment of the requirements for the M. Phil. Degree in Social Anthropology. Wolfson College, Cambridge University. May, 1980.

___. "E a FUNAI que sabe": a frente de atração Waimiri-Atroari. Tese de Doutorado ... CPG em Antropologia do Dept. de Antropol. do Inst. de Ciências Hum. da UnB. Brasília, 1988, 2v.

BALDUS, Herbert Instruções Gerais para Pesquisas Etnográficas entre os Indios do Brasil. Revista do Arquivo Municipal. Ano VI Vol. LXIV. São Paulo. fev. 1940

___. O problema da atração do indigena brasileiro ao contato com o branco. Sep. da Rev. do Arquivo Municipal. São Paulo, 142: 133-136, 1951.

___. Bibliografia crítica da Etnologia brasileira. São Paulo/Hannover, Comissão do IV Centenario da Cidade de São Paulo/Volkerkundliche Abhandlungen. Band IV, 1954/1968. 2vv.

___. Cândido Mariano da Silva Rondon, 1865 - 1958. Revista do Museu Paulista. N.S. Vol.X. São Paulo, 1956/58.

___. "Sinopse da história dos Kaingang paulistas". Rev. Museu Julio de Castilhos e Arq. Hist. Rio Grande do Sul, nº 8: 83-89, 1957.

___. "Métodos e resultados da ação indigenista no Brasil", In: Revista de Antropologia (São Paulo), nº 10, pp.24-42.

BANDEIRA, Alípio. Um Bello Exemplo. O Paiz, de 30.10.1910. In: MIRANDA, Manoel. O Programe de Jose Bonifácio (Pela redempção da raça indigena). Carta aberta a Ernesto Senna. (Publ. nas ed. d'O Paiz de 25, 26 e 30.06.1911). Rio de Janeiro. Junho, 1911.

___. A Cruz Indígena. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1926

___. Jauapery. Manaus, 1926

BARBOSA, Luiz Bueno Horta. O Serviço de Proteção aos Indios e a História de Colonização do Brasil. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & Cia., 1919.

___. Pelo Indio e pela sua Protecção Oficial. Rio de Janeiro, Typ. Macedo, 1923.

___. A Pacificação dos Cainganque Paulistas - Hábitos, costumes e instituições desses indios. Conferencia realizada no salão da Biblioteca Nacional em 19.11.1913. Rio de Janeiro. Publicação Nº 88. CNPI, 1947.

___. O Problema Indígena do Brasil. Conferencia realizada no Atheneu de Montevideo a 1º de abril de 1925. Rio de Janeiro, CNPI, 1947(a).

___. .Pelo Indio e pela sua Protecção Oficial. Publicação Nº 86. CNPI. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947(b).

___. Relatório dos trabalhos realizados pela Inspetoria do Serviço de Proteção aos Indios em São Paulo, durante o ano de 1916. Separata da Rev. do Museu Paulista. N.S. Vol. VII. S.P., 1954.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Os Kaingang no Estado de São Paulo: constantes históricas e violência deliberada. In: Indios no Estado de São Paulo: Resistência e Transfiguração. Vários Autores, Comissão Pró-Indio S.P., Yankatu Ed., São Paulo, 1984.

BRASIL. MAIC. Relatório apresentado ao Pres. da Rep. dos Est. Unidos do Brasil pelo Min. Pedro de Toledo no anno de 1911. Rio de Janeiro, Oficinas da Diretoria Geral de estatística, 1911, Vol.II.

BRASIL. MAIC. SPILTN. Exposição apresentada ao Sr. Dr. Pedro de Toledo ... pelo Eng. Jose Bezerra Cavalcanti, Director interino do SPILTN. Rio de Janeiro, Typ. do Serviço de Estatistica, 1912.

BRASIL. MAIC. Exposição sobre o SPILTN constante do Relatório do Sr. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, relativo ao anno de 1911. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

BRASIL. MAIC. Exposição apresentada com o Officio Nº 525 de 13.10.1913 ao Sr. Min. da Agricultura ... pelo SPILTN sobre o alcance economico dos trabalhos a seu cargo e o orçamento ... para 1914 ... Rio de Janeiro. Imp. Nacional, 1913.

CALDAS, João Augusto. Memória Histórica sobre os indigenas da Prov. de Matto-Grosso. Rio de Janeiro. Typ. Polytechica de Moraes & Filho, 1887.

CARVALHO, José Murilo de. "Forças armadas na primeira república: o poder desestabilizador". In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil republicano. Sociedades e instituições. São Paulo, DIFEL, 1977. T.III, v.2., L. 2º, capt. V, pp.181 - 234.

___. "Um bolchevismo de classe média". Revista do Brasil. Ano 4. Nº 8/1989. Rio de Janeiro. Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio Arte/Fundação Rio.

CARVALHO, José Ribeiro Sá. O desbravamento dos sertões de Araçatuba. Rev. Inst. Hist. Geogr. São Paulo, 44 (1): 299 - 313, 1944. São Paulo, 1948.

CLASTRES, Pierre Do etnocídio. In: Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas. Ensaios de Antropologia Politica. Brasiliense. 1982.

COMISSÃO GEOGRFHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Exploração do Rio do Peixe 1907. São Paulo, 1913.

COUTINHO, Edilberto. Rondon, o civilizador da última fronteira. Rio de Janeiro. Civil. Bras.; INL, 1975.

___. Rondon e a Política Indigenista Brasileira no sec. XX. Palestra na Soc. de Geo. de Lisboa, Portugal. Rio de janeiro, PUC. 1978.

CUNHA, Maria Manuela Carneiro da. "Pensar os Indios: Apontamentos sobre José Bonifácio". In: Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. Brasiliense: Ed. da Univ. de São Paulo. 1986.

DAVIS, Shelton H. Vitimas do milagre. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DELEUZE, Gilles. Foucauit. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1988.

ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. "Para uma cronologia do SPI - Serviço de Proteção aos Indios". Relatório apresentado ao subprojeto Contato Interetnico no Alto Solimões. Rio de Janeiro, Museu Nacional, outubro de 1983.

___. "Atrair e Pacificar: a Estratégia da Conquista". Projeto apresentado ao Concurso de Dotações para Pesquisa - 1986. Rio de Janeiro, 1986.

FIBGE. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro, IBGE, 1981.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir; nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes, 1984(a).

___. Soberania e Disciplina. Curso do Collège de France, 14 de janeiro de 1976. In: Microfisica do Poder. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 4ª ed. 1984(b).

___. Genealogia e Poder. Curso do Collège de France, 7 de janeiro de 1976. In: Microfisica do Poder. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 4ª ed. 1984(c).

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. "Indigenismo e Antropologia: o Conselho Nacional de Proteção aos Indios - CNPI (1939-1967)". Trabalho apresentado ao curso de História das Idéias Etnológicas no Brasil, ministrado pelos professores Luiz de Castro Faria e Antonio Carlos de Souza Lima, no 1º semestre de 1986. Rio de Janeiro, PPGAS/MN, 1986.

GAGLIARDI, José Mauro. "O Indígena e a República". Dissertação apresentada como exigência para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) à Comissão Julgadora da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1985.

GOFFMAN, Erwing. Manicômios, prisões e conventos. (São Paulo), Perspectiva, 1974.

GONÇALVES, Marco Antonio Teixeira. "A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas e os Indios do Mato-Grosso e Amazonas: Uma abordagem preliminar". Relatório parcial CNPq. s/d.

GUSMÃO, Cóvis de. Rondon. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio, 1942.

LEITE, Jurandyr Carvalho Ferrari. "Proteção e Incorporação: A Questão Indígena no Pensamento Político do Positivismo Ortodoxo". Trabalho apresentado no curso Pensamento Político Brasileiro. IUPERJ, 2º sem./1987.

LEITE, Jurandyr Carvalho Ferrari & LIMA, Antonio Carlos de Souza. "As fronteiras da Nação: O Serviço de Proteção aos Indios, 1910-1930". Projeto de Pesquisa apresentado ao Concurso de Dotações de Pesquisa - 1985, da ANPCS. Rio de Janeiro, fev. 1985.

LEME, DANTAS & CARDIM. Relatorio da Commissão de Inquerito em S. Paulo ao Cidadão Tenente-Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, Director Geral do SPILTN. São Paulo, 22 de novembro de 1910.

LEMOS, Miguel. Discurso lido na sessão sociológica de sete de setembro de 1881. IN: MENDES, R. Teixeira. A Pátria Brasileira. 2ª ed., Rio de Janeiro, Apostolodo Positivista do Brasil. 1902.

LEMOS, Miguel & MENDES, R. Teixeira. Bases de uma Constituição ditatorial federativa para a República Brasileira. Rio de Janeiro, Apostolado Positivista do Brasil, 1890.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. "Catequese X Extermínio; Catequese X Proteção: um estudo do campo indigenista de 1910 a 1930". Projeto apresentado ao Concurso de Dotações para Pesquisa - 1984/ANPOCS. Rio de Janeiro, 1984.

___. "Aos fetichistas, Ordem e Progresso: um estudo do campo indigenista no seu estado de formação". Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro, PPGAS/MN. 1985. 2v.

___. "O Santo Soldado: pacificador, bandeirante, amansador de índios, civilizador do Sertão, Apóstolo da Humanidade. Uma leitura de Rondon conta a sua vida, de Esther de Viveiros". Trabalho apresentado ao curso de História do Pensamento Social no Brasil, ministrado pelos professores

Luiz de Castro Faria e Afrânio R.G.Jr., no segundo semestre de 1987. Rio de janeiro, PPGAS/MN. 1988.

___. "Indigenismo e Geopolítica: projetos militares para os índios no Brasil". Antropologia & Indigenismo. Nº 1. Nov. 1990

LINS, Ivan. História do Positivismo no Brasil. 2ª ed., São Paulo, Ed. Nacional. (Col. Brasiliana, Nº 322), 1967.

MAGALHAES, Amilcar Armando Botelho de & BARBOSA, Luiz Bueno Horta. Missão Rondon. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela "Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas", sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915. Rio de janeiro, 1916.

___. Pelos sertões do Brasil. 2ª ed. São Paulo. Comp. Ed. Nacional, 1941.

___. Impressões da Comissão Rondon. 5ª ed., S.P. Comp. Ed. Nacional, 1942.

___. Rondon, uma reliquia da pátria. Curitiba. Ed. Guaíra, 1942(a).

___. "O Problema da Civilização dos Indios no Brasil", América Indígena, Vols. III e IV, México, 1943.

___. A obra ciclópica de Rondon. Biblioteca do Exército, Rio de janeiro, 1956.

MAGALHAES, (Deput.) Basilio de Em defesa do Indio e de sua propriedade. Discurso pronunciado na Câmara, precedido de um Telegrama do Gen. Rondon e de uma Carta-Prefácio de Luiz Bueno Horta Barbosa. Typ. do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1924.

___. Em defesa dos índios e das Fazendas Nacionais. Discursos pronunciados na Câmara a 28 de novembro, 19, 28 e 30 de dezembro de 1924. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1925.

MAGALHAES, Couto de. O Selvagem. Ed. pref. e Rev. pelo sobrinho do autor. São Paulo, Livr. Magalhães, 1913.

MAYBURY-LEWIS, David. Vivendo Leviatã: grupos étnicos e o estado. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, 83:103-118, 1985.

MENEZES, Claudia. Atividade do Centro de Documentação etnológica do Museu do Indio. Sep. Rev. de Antropologia, São Paulo, 21 (2): 207-211, 1978.

MORAIS FILHO, J. G. Pioneiros da Noroeste. Rev. Arq. Mun. , São Paulo, 138: 35-68, 1951

MOREIRA NETO, Carlos A. Alguns dados para a história recente dos índios Kaingang. In: "La situacion del indigena en America del Sur". Montevidéo, Biblioteca Científica, 1972.

___. Centro de Documentação Etnológica da FUNAI. Sep. Arquivo e Documentação. Rio de Janeiro, 7 (2): 12-15. 1979.

MOTTA, Diana Cléa Garcia. As frentes de atração: proposta e realidade. Brasília, 1979.

NIMUENDAJU, Curt. Textos indigenistas. Introdução de Carlos Moreira Neto. Prefácio e coordenação de Paulo Suess. São Paulo, Ed. Loyola, 1982. (Col. Missão Aberta; 6)

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e o brabo: Notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX. In: Encontros com a Civilização Brasileira nº 11. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.

___. "Terras indígenas no Brasil: uma tentativa de abordagem sociológica". Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 44. 1983.

___. "O Nosso Governo": Os Ticuna e o regime tutelar. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ). Rio de Janeiro, 1986. 2v.

___. "Elementos para uma sociologia dos viajantes". In: OLIVEIRA, J.P. de, org. Sociedades Indígenas e Indigenismo. Rio de Janeiro/São Paulo, Ed. da UFRJ/ Marco Zero. 1987.

OLIVEIRA, João Pacheco de & LIMA, Antonio Carlos de S. "Os Muitos fôlegos do Indigenismo". In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, dir. Anuário Antropológico/81. Rio de Janeiro/Fortaleza, Tempo Brasileiro/Ed. UFC. 1983.

PINKAS, J. O Alto Madeira. Rev. da Soc. de Geogr. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 3: 269-309, 1887.

PIZA, Marcelo. Nota sobre os Caingangs. Rev. Inst. Hist. Geogr. SP. Vol.XXXV, dez. 1938.

PRADO, Maria Lígia C. & CAPELATO, Maria Helena R. "A Borracha na economia brasileira da Primeira República". In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil S.A. 1989. T.III, v 1, L 2, Cap. III, pp.287-307.

RIBEIRO, Berta Gleizer. O índio na história do Brasil. São Paulo, Global Ed., 1983. (Col. História Popular-Brasil; 13)

RIBEIRO, Darcy. O Indigenista Rondon. Rio de Janeiro, Publicações do Serviço de Documentação do MEC, 1958

___. A Política Indigenista Brasileira. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura. 1962.

___. Fronteras indígenas de la civilización. Siglo Veintiuno argentina editores, sa. Argentina, 1975.

RODRIGUES, J. Barbosa. Rio Jauaperv. Pacificação dos Crichanás. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. Relatório apresentado à Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra. Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação Nº 1. CNPI. Rio de Janeiro, 1915. 1º Vol.

___. Relatório apresentado à Divisão de Engenharia (G.5) do Departamento da Guerra e à Directoria Geral dos Telegraphos pelo Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Publicação Nº 26. CNPI. Rio de Janeiro, 1915(a). 3º Vol.

___. Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915, pelo Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon no Teatro Feniz do Rio de Janeiro sôbre os trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegrafica. Publicação Nº 42. CNPI. Rio de Janeiro, 1916.

___. Relatório apresentado à Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão de Engenharia do Departamento da Guerra pelo Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Publicação Nº 39. CNPI. Rio de Janeiro, 1919. Vol. 2.

___. Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em S.Paulo. Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação Nº 68. CNPI. Rio de Janeiro. 1922.

___. Relatorios Gerais dos trabalhos da construção das Linhas Telegraficas no Estado de Mato-Grosso, de 1900 a 1909, pelo Major Cândido Mariano da Silva Rondon. Publicação Nº 69/70. CNPI. Depto. de Imp. Nac., Rio de Janeiro, 1949.

___. José Bonifácio e o problema indigena. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. CLXXIV (1939). Rio de Janeiro 1940.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Indios e brancos no sul do Brasil - A dramática experiência dos Xokleng. Edeme. Florianópolis, 1973.

SCHMIDT, Cornélio. Diário de uma viagem pelo sertão de São Paulo, realizada em 1904. Notas etnográficas do Prof. Herbert Baldus e apontamentos históricos do Dr. Edgard Lage de Andrade. Anais do Mus. Paulista, São Paulo, 15:337-458, 1961.

SILVA, José Bonifácio de Andrade e. "Apontamentos para a Civilização dos Indios do Brasil". Fac. de Filosofia, Ciências e Letras de Santos. Textos e Documentos - 1ª série. Instituto Santista de Estudos Politicos (ISEPO). Santos, S.P., 1965.

STAUFFER, David Hall. "The origin and establishment of Brazil's Indian Service, 1889-1910". Tese de doutorado. Austin University of Texas-Austin, 1955.

___. "Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios". Separata da Revista de História. Rio de Janeiro. USP. 37: 73-95, 1959; 42:435-453; 44:427-450; 46:43-433. 1961.

TIDEI LIMA, João Francisco. A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas na área de His. Social. Fac. de Filos., Letras e C. Hum. da USP, 1978.

VAINER, Carlos B. Debate. Antropologia & Indigenismo. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1990.

VASCONCELOS, Vicente de Paula T. F. "Relatório do Cel. Chefe do SPI, Vicente de Paulo Vasconcelos, ao Ministro da Agricultura e aos membros do CNPI, em 30 de dezembro de 1939". Rio de Janeiro, 1939. Microfilmado: Museu do Índio - CEDET. Filme 286, Planilha 6. Fotogramas 006 a 039.

VIVEIROS, Esther de. Rondon conta sua vida. Livraria São José. Rio de Janeiro, 1958.

URBAN, Greg. Interpretations of Inter-Cultural Contact: The Shokleng and Brazilian National Society. 1914-1916. Ethnohistory. Vol. 32. Number 3. 1985.

WACHTEL, Nathan. "La desestructuración". In: ___. Los vencidos. Los indios del Peru frente a la conquista española. (1530-1570). Madrid, Alianza, 1976.

WRIGHT, Robin M. Conquistados, mas não vencidos. Anuário Antropológico 87: 249-258, 1990.

Documentos Isolados

- "O Paiz" 11.08.1910. MI. Filme 324:46.

- RONDON, Cândido M. da S. Diretoria Geral da Agricultura, Industria e Commercio. Primeira Secção. SPILTN. Gabinete do Diretor Geral - Nº 26. Ao Sr Ministro da Agricultura, Industria e Commercio. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1910. MI. Filme 325:02-04a.

- "O Estado de São Paulo". 30.01.1911. MI. Filme 324:48.

- "O Paiz" 08.02.1911. MI. Filme 324:49.

- "Pacotilha". Maranhão. 13.02.1911. MI. Filme 325:84.

- CAVALCANTI, José Bezerra. A Questão dos Indios em São Paulo. "Jornal do Commercio" 01.03.1911. MI. Filme 324:55/56.

- BARBOSA, Luiz B.H. Carta a Manoel Miranda. São Paulo, 24.09.1911. MI. Filme 397.

- "O Paiz". Acto de Contrição. 04.03.1911. MI. Filme 324:58.

- "Jornal do Commercio". 05.03.1911. MI. Filme 325:86.

- AVISO 187/A dirigido pelo Ministro da Agricultura, Ind. e Com. ao Ministro da Guerra em 14.11.1911. MI. Filme 334:6/10.

- "Resposta do Sr. Min. da Guerra ao seu colega da Agric. sobre os oficiais do Exército em serviço na diretoria de Proteção aos selvagens". "Jornal do Commercio". 22.11.1911. MI. Filme 324:194.

- "O Paiz". 06.12.1911. MI. Filme 324:106.